

COLEÇÃO APLAUSO **CINEMA**

CRÍTICAS DE RUBEM BIÁFORA

ACORAGEM DE SER
organização **CARLOS M. MOTTA**

Imprensa Oficial

Rubem Biáfora

A coragem de ser

Críticas

Rubem Biáfora

A coragem de ser

Críticas

Carlos M. Mota
organização

imprensaoficial

São Paulo, 2006

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Cláudio Lembo
Rubens Lara

imprensa oficial

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretora Financeira e
Administrativa
Chefe de Gabinete

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Nodette Mameri Peano
Emerson Bento Pereira

Coleção Aplauso Perfil

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Projeto Gráfico
Assistência Operacional
Editoração
Tratamento de Imagens
Revisão

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Carlos Cirne
Andressa Veronesi
Aline Navarro
José Carlos da Silva
Heleusa Angelica Teixeira

Apresentação

“O que lembro, tenho.”

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se

tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries: *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o

primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O caso dos irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa

documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O crítico de vanguarda

Rubem Biáfora (1922-1996) foi um fenômeno verdadeiramente raro, possivelmente único, no terreno da crítica cinematográfica. Ao assistir a um filme, por um simples trecho, já tinha visão de sua qualidade. Completamente independente em suas opiniões, não se deixava influenciar pelo o que já era voz corrente sobre a película. Conforme o caso, por mais que ela já se encontrasse mitificada, poderia constatar tal avaliação um equívoco. Noutros casos, num filme que não se encontrasse prestigiado, constatava méritos indiscutíveis. Podia uma película ter sido produzida como puramente comercial, ele percebia que a mesma transcendia este caráter. No cinema Norte Americano, em gêneros habitualmente vistos como produtos de consumo, como o Western, o musical, e o capa-espada, ele, às vezes, percebia que o filme ia muito além disso, chegando a constituir obra de arte.

Em seu espírito pesquisador, uma verdadeira descoberta de Biáfora, foi o caso de Val Lewton. Este tendo produzido nos anos quarenta uma série de filmes de horror, feitos por diretores diferentes, Biáfora notou que, tendo todos o mesmo estilo, só o produtor podia ser o único denominador comum entre os mesmos, sendo pois, Lewton a

verdadeira alma, e, portanto, o artista criador, que estava gerando uma forma original dentro do gênero. Um horror subjetivo e poético.

12 Um segundo caso de produtor-criador que Biáfora constatou foi o de Arthur Freed. Este foi um revolucionador do gênero musical, dentro do qual chegou a produzir um filme que se enquadra entre os máximos de todos os tempos: O Pirata. Embora Freed tenha contado com diretores excelentes, como Rouben Mamoulian, Vincent Minnelli e Charles Walters, também ficou evidente que o estilo destas produções era dele. Foi também Biáfora quem percebeu de imediato, quando filmes japoneses começaram a ser lançado no pequeno cine São Francisco que ficava na rua Riachuelo, nos fundos do edifício da Faculdade de Direito. Quanta criatividade existia então no cinema da terra do sol nascente. Havia cineastas extraordinários como: Yasujiro Ozu, Hideo Ohba, Heinosuke Gosho, Mikio Naruse, Tomu Uchida e tantos outros. Ainda em relação ao cinema nipônico, anos mais tarde, Biáfora descobriu um cineasta que no próprio Japão ainda não alcançara o devido reconhecimento: O Niilista ético Eizo Sugawa.

Extremamente polêmico como Biáfora era em seus pareceres, muitas vezes elogiando o que

poucos esperavam, mas raramente se enganando, era freqüentemente incompreendido por cinéfilos preconceituosos, que chegavam a perguntar: Como é possível um musical ou um capa-espada serem bons?

Em várias ocasiões, apenas ao ver um filme anunciado, Biáfora teve a intuição de que se trataria de uma obra-prima, o que quase sempre se confirmava. Ao ver, pela primeira vez um novo intérprete, ele já preconizava, infalivelmente, até que ponto iam suas possibilidades. Muitas vezes, apenas ao ver uma pessoa que nunca tinha atuado diante das câmeras, já percebia tratar-se de alguém com grandes possibilidades de se tornar excelente intérprete cinematográfico.

13

José Julio Spiewak

Rubem Biáfora

Só comecei a ter contacto pessoal e profissional com Biáfora quando passei a trabalhar na então *Página de Arte* de *O Estado*, hoje *Caderno 2*. Era para eu ser um dos responsáveis pela projeção de filmes no auditório do jornal, projeto do jornalista e documentarista Rubens Rodrigues dos Santos (diretor de *Roteiro dos Pampas*). Esse projeto não chegou a ser concretizado. Biáfora tinha lido uma crítica minha da reprise de *Tico-tico no fubá*, sobre o compositor Zequinha de Abreu, fita da qual particularmente eu gostava, e achou que eu era uma pessoa que poderia trabalhar com ele (devo dizer que Biáfora não era dos que mais apreciava o filme). Na época ele fazia principalmente as *Indicações da semana*, como era chamada a seção de estréias nos cinemas. Tarefa trabalhosa, para informarmos o público o mais corretamente possível. Utilizávamos material enviado pelas distribuidoras, o *Motion Picture Herald* e os catálogos de filmes europeus. A era da informática ainda estava longe. A seção era fechada no sábado e isso permitia que ele descesse até as oficinas e examinasse as chapas de impressão dos anúncios dos cinemas, para verificar se havia alguma mudança de última hora na programação. Então passei a trabalhar como apoio, tratando do noticiário das agências estrangeiras, eventuais entrevistas,

críticas – o crítico titular, até 1967, era Alfredo Sternheim, que eu já conhecia dos tempos do Cine Clube Dom Vital – e também as indicações em caso do impedimento dele.

16

Minha cultura cinematográfica começou lendo a revista *A cena muda*, da qual mais tarde fui correspondente. Os críticos que eu lia eram Moniz Viana (de quem Biáfara era amigo, a atriz Amiris Veronese fez um papel em *O quarto*), do *Correio da Manhã* e Almeida Salles, também de *O Estado*. Não tive acesso à fase de Biáfara na *Folha da Tarde*. Também já havia feito crítica no *Shopping News* de 61 a meados de 65, primeiro com Álvaro Malheiros e Luiz Antonio de Macedo, depois sozinho. Os amigos mais próximos de Biáfara eram os críticos José Júlio Spíewack, Jacob Timoner (também advogava), Rubens Stoppa (que tinha sete filhos), Sternheim, Ely Azeredo mais José Fioroni Rodrigues, nosso especialista em cinema japonês, o diretor e crítico Flávio Tambellini e Walter Hugo Khouri, de cuja obra Biáfara foi o mais fiel divulgador e analista.

Claro que depois, com a convivência, assimilei algo dele, mas sem deixar de manter meus gostos e preferências. Em 67, a revista *Filme e cultura* realizou uma enquete sobre as 20 maiores obras do cinema. Votei em *O anjo azul*, de Sternberg,

como a melhor (depois Biáfora me disse que tinha problemas de roteiro) e ele num filme grego inédito aqui, *As jovens afrodites* (62). Noutra enquete, de filmes brasileiros, Biáfora elegeu *Noite vazia*, de Khouri (votei em *Ganga bruta*, de Humberto Mauro).

Biáfora tinha uma visão extremamente pessoal do fenômeno cinematográfico. E mantinha intactas suas convicções. Ely Azeredo falou em “coragem de ser”. Afinal, remar contra a maré, ir contra o pré-estabelecido requer firmeza, plena convicção e até sangue frio. Biáfora não privilegiava modismos. Não apreciava o cinema francês de antes da Segunda Guerra (Marcel Carné, entre outros cineastas), o engajamento do cinema soviético, o neo-realismo. Preferia o cinema expressionista alemão (Fritz Lang, notadamente, em lugar de F.W. Murnau). Tinha afinidade com o cinema de William Wyler, para citar um exemplo. *Ravina*, seu primeiro filme, tinha influências dele. *O morro dos ventos uivantes* era seu filme de cabeceira. Assistiu-o 51 vezes. Quando Merle Oberon, estrela do filme, esteve em São Paulo na década de 70, eu lhe apresentei Biáfora, contei isso e ela exclamou: “- oh, what a darling!” (oh, que amor!).

Nosso companheiro de redação Frederico Branco, por ocasião do passamento de Biáfora, lembrou

sua memória enciclopédica, respondendo a qualquer dúvida de algum colega sobre o cinema americano, notadamente os anos 30 e 40. Uma característica de Biáfara, disse, era não se render às facilidades dos elogios. Disse também que era ao mesmo tempo introvertido e expansivo.

18 A propósito de crítica Biáfara dizia: crítico não gosta, crítico reconhece, colhe dados. Isso ia ao encontro do ponto de vista contrário ao que se dizia ser "critério de qualidade". Biáfara era um apaixonado pelos atores. O público, dizia, procura histórias que possam entender de imediato e atores que correspondam a seu gosto ou necessidade de evasão, de fantasiar. A interpretação é um dado importantíssimo e de certo modo único e insubstituível no processo de criação cinematográfica. E acrescentava: por mais que existissem ou fossem procurados outros parecidos e semelhantes, cada intérprete e cada tipo são únicos, inimitáveis e insubstituíveis. Jamais poderia haver um igual ao outro, independentemente do talento. Cada um, fosse uma Garbo, um Emil Jannings (de *Anjo azul*) ou intérpretes maneiristas, como Marlon Brando, ou limitados, como Sophia Loren (dizia que ela ficava melhor nos papéis de mulheres comuns, do povo, como os de Anna Magnani, do que como sedutora), só eles eram capazes de fazer o que fazem nos papéis que lhe eram dados.

A família dele o levava muito ao cinema. Garbo era seu grande ídolo, mas a primeira impressão indelével foi Marlene Dietrich em *Marrocos* (31), de Josef Von Sternberg. O cineasta esteve em São Paulo e ele e Biáfora conversaram no jardim japonês construído por Walter Hugo Khouri (que o hospedou), em seu apartamento de cobertura à rua Martins Fontes. Entre os tópicos de conversação, os figurinos de Travis Banton para Marlene em *O expresso de Shangai*, mas percebi que Joe (era como Khouri o chamava) não era de falar muito. Dizia que tudo o que teve a dizer sobre sua carreira já o havia feito em seu livro *Fun on a chinese laundry*, editado em 1965. Mais surpreendente e proveitoso foi o encontro de Biáfora com William Wyler. Num dia de fevereiro de 1973 o crítico Ademar Carvalhaes (prematuramente falecido) passava em frente ao MASP, na Paulista, e viu um casal de turistas, nele reconhecendo Wyler (ela era sua segunda esposa, Margaret Tallichet, que deixou o cinema para casar com ele). Marcaram um encontro, Carvalhaes nos chamou e foi assim que tivemos uma entrevista particular (mas talvez a mais concorrida da história, com direito a fotos, uma delas da entrevista propriamente dita e outra tipo álbum de família, numa escada do Othon Palace, onde o casal se hospedou).

Nem precisaria falar de sua capacidade de observação – sem o que, claro, não seria crítico nem cineasta. Dizia que eu era um Mercúrio, devido à minha tendência de andar apressado. Fazia sentido, Mercúrio era o mensageiro dos deuses, tinha asas nos pés. E é o planeta regente do signo de Gêmeos, que era o de Biáfora e é também o meu. Já quarentão, Biáfora teve a felicidade de se casar com sua alma gêmea, Eva, moça de ascendência portuguesa, de personalidade cativante, esposa e amiga, com ele até o fim. Um dia, falando com ela sobre Biáfora, a propósito de alguma coisa que não lembro exatamente, eu disse: ah, mas ele nem vai perceber. “Hmm, isso é o que você pensa, respondeu ela”.

Biáfora cedo teve intimidade com o piano. Sabia tocar de cor, sem partitura, o tema musical de seu querido *O morro dos ventos uivantes*. Lembro que adorava gatos. Tinha um, lindo, no grande apartamento dele, na Martins Fontes. Não lhe deu um nome. Referia-se a ele como o bichano. Ah, uma última lembrança. Também sabia cozinhar. Sempre lembro que um dia, visitando o casal, Biáfora começou a me explicar como preparar uma sopa usando aqueles tabletes de caldo de carne concentrado: ... você pega um boizinho...

Carlos M. Motta

1978

Aguirre, a cólera dos deuses

19 de fevereiro de 1978

("Aguirre, der Zorn Gottes") - Alemanha, 1972, 95 minutos.

Produção: Werner Herzog Filmproduktion Hessischer Rundfunk.

Distribuição: Eurobrás - Fama Filmes. **Produtor, diretor, roteirista:**

Werner Herzog. **Fotografia:** Thomas Mauch, Francisco Joan,

Orlando Macchiavello. **Música:** Popol Vuh. **Montagem:** Beate

Mainka Jellinghaus. A cores. **Elenco:** Klaus Kinski, Helena Rojo,

Del Negro, Ruy Guerra, Peter Berling, Cecilia Rivera, Dany Ades,

Armando Polanah, Edward Roland, Daniela Farfan, Alejandro

Chavez, Antonio Marquez, Julio Martinez, Alejandro Repulles e

os índios da Cooperativa Lauramarca.

Um filme de Werner Herzog, o mesmo cineasta de *Fata Morgana*, *Também os anões começaram pequenos* e mais um ou outro filme que aqui só nos chegou via exposições especiais da *Casa de Goethe*. E um filme que desde 1972 está impressionando a Alemanha, a França e a Itália, os Estados Unidos, todos os centros civilizados, mas aqui permaneceria na dependência sabe-se lá, não só na falta de interesse a que é obrigada toda uma população de mais de 100 milhões de habitantes em proveito de uma pequena e voracíssima casta de criadores e "estetas" ou "salvadores da pátria", mas sabe-se lá também de mais o quê. O fato é que como *O enigma de Kaspar Hauser* (que aqui também só conseguimos ter em fins do

ano passado) estamos diante do mesmo Herzog e, como no polonês *Faraó*, de Kawalerowicz, ou no iugoslavo "Tri", de Aleksandar Petrovic, estamos diante de um dos mais densos e profundos filmes políticos de todos os tempos, de um filme que sem frases feitas, sem colecionar rótulos e fatos de demagógico proselitismo é uma das mais belas e implacáveis, poéticas e verdadeiras exposições de esquerda; a verdadeira, a que até hoje foi - e talvez seja eternamente - impossível de se pôr em prática, em qualquer lugar e época deste combalido planeta. A ação se passa em 1560, quando uma expedição de conquistadores espanhóis se embrenha na selva virgem, em território peruano do começo do curso do Amazonas, empenhados em descobrir o Eldorado. Desenrola-se então uma tão plausível quanto sinistra, fantástica e alucinante aventura. Quando obcecado pela sede de poder, um brutal aventureiro, Aguirre (Klaus Kinski, em interpretação definitiva) se insurge contra o chefe Pedro de Ursua, persuade os soldados a abandonar Pizarro à sua própria sorte e em cerimônia grotesca (que tem muito das brigas "artísticas" que ora andam acontecendo em determinados setores ligados a nossa "cultura" e a "nossa realidade") recusa-se a reconhecer autoridade e direitos do Rei Felipe II, de Espanha e coloca seu apaniguado Fernando Guzman como chefe para depois eliminá-lo e ter

caminho livre para sua ambição louca, impossível e inútil, já que as “condições dialéticas” (a região hostil, desconhecida, devoradora, a falta de meios de subsistência, a ação dos naturais da terra, bem como as heranças atávicas, a própria estrutura inerente a eles mesmos, invasores, cumprirão inapelavelmente sua função ou sua missão arrasadora). Impecavelmente concebida, estruturalmente perfeita, *Aguirre* é uma obra fora de série, talvez até maior que *O enigma de Kaspar Hauser*, se isto é possível. Absolutamente a ver, ainda que de novo esta vez pareça ter vindo em cópia dublada (ainda menos mal que em inglês, sempre mais próximo do alemão, mas cujo roubo das maravilhosas características e força da língua de Kliet e Goethe, nem por isso deixa de ser menos imperdoável).

O boulevard do crime

05 de março de 1978

("Les Enfants du Paradis") - França, 1943/45, 195 minutos.

Produção: S. N. P.Athé Cinema. **Distribuição atual:** Fama Filmes.

Direção: Marcél Carné. **Roteiro:** Jacques Prevert. **Fotografia:**

Roger Hubert, Marc Frassard. **"Decors":** Alexandre Trauner, Leon

Barsacq, Gabutti. **Vestuário:** Mayo. **Música:** Maurice Thiriet,

Joseph Kosma. **Montagem:** Henri Rust, Madeleine Bonin. **Elenco:**

Arletty, Jean-Louis Barrault, Marcel Herrand, Maria Casarés,

Pierre Renoir, Etienne Decroux, Louis Salou, Jane Marken Gaston

Modot, Palau.

24

O maior *tour de force* e o maior êxito de crítica do cinema francês dos anos da ocupação e imediato pós-guerra. Seus atores, o diretor Carné e o roteirista Prevert, vinham das obras mais elogiadas e até lendárias do período de pré-conflito: *Cais das sombras*, *Trágico amanhecer*, *Hotel do Norte* e mesmo logo após, *Os visitantes da noite* e a fita causou o maior delírio entre todos aqueles que faziam questão de mostrar que pertenciam à elite das elites de toda a população "refinada" da Terra. Já os mais afeitos a outro tipo de cinema, menos literário e menos emocionalmente envolvidos tiveram diferentes tipos de reação. A ação se passa um século antes, mas naturalmente procura simbologias poéticas que se reportassem à época e aos acontecimentos recentes que, no entanto, ainda não se encontravam suficiente conhecidos e definidos. Ótima oportunidade

agora para uma apreciação mais distanciada e racional, longe de qualquer tipo de paixão. A fita aqui foi originalmente lançada pela UCB no Cine Ipiranga, em sessões de duas horas e 40, quando sua duração original é de três horas e 15 - mutilada portanto. Vejamos agora se nos voltou em versão integral ou não.

Pai, patrão

11 de junho de 1978

("Padre, padrone") - Itália, 1977, 113 minutos. **Produção:** RAI Radiotelevisione Italiana. **Distribuição:** Max Hirsch - Seleção Ouro. **Produtor:** Giuliano G. de Negri. **Direção, roteiro, diálogos:** Paolo e Vittorio Taviani. **Adaptação:** Gavino Ledda, da autobiografia Padre, Padrone: L'educazione de un pastore. **Fotografia:** Mario Masini. **Decorações:** Giovanni Sbarra. **Vestuário:** Lina Nerli Taviani. **Musica:** Egisto Macchi e extratos de Mozart e Johann Strauss Jr. **Montagem:** Roberto Perpigani. Em Eastmancolor. **Elenco:** Omero Antonutti, Saverio Marconi, Marcela Michelangeli, Fabrizio Forte, Marino Cenna, Nanni Moretti, Stanko Moinar, Gavino Ledda, Pierluigi Alvau, Giuseppino Angioni, Fabio Angioni, Giuseppe Brandino, Mario Cheri, Giuseppe Chessa Perle, Domenico Deriu, Pier Paolo Fauli, Mario Fuighesu, Antoio Garrucciu, Patricia Giannichedda, Roberto Giannichedda, Pietro Giordo, Antonelio Gioriani, Constanzo Mela, Domenico Morganti, Luigi Muntoni, Giuseppina Perantoni, Cristina Piazza, Matteo Piu, Maria Immacolata Porcu, Cosimo Rodio, Marco Senna, Stefano Satta, Mario Spissu, Salvatore Stangoli, Marco Unali.

26

Palma de Ouro e Prêmio Internacional da Crítica em Cannes - 77. Raras vezes uma premiação terá sido tão acertada, o que não exclui que outros filmes nesse festival não pudessem também ter atingido o nível-teto, e mesmo assim passassem em branco. Mas dificilmente se vê uma obra tão importante, tão bela, séria e profunda como este *Padre, padrone*, com que os esquerdistas (verdadeiros) irmãos Taviani dão uma guinada de quase 360 graus, desde o único filme que

deles aqui nos foi dado assistir: *Os fora da lei do matrimônio* (1963). A fita deriva da autobiografia de Gavino Ledda, um ex-pastor da Sardenha, analfabeto até a idade adulta, que um dia conseguiu fugir à escravidão da terra e, da miséria, do autoritarismo e da ignorância e nesse livro (como Ignazio Silone já o antecipara em Fontanara, *Pão e vinho*) procurou transmitir, através de narração crua, terrível, terato e até escatológica às vezes, sua denúncia, denúncia de uma situação de primitivismo na qual, ele mesmo acentua, não contam somente sua vivência particular, mas a vivência e o sofrimento coletivos, o retrato fiel de um estado de coisas, de um tributo cobrado pela natureza e luta pela sobrevivência e num ambiente elementar e por isso o mais verídico possível. Nem assim ao contrário do que os desonestos e os pseudocineastas queiram prelibar, estamos diante de um filme que não é arte, que não é o mais despojado e ao mesmo tempo o mais harmônico esteticamente logrado possível. De certo modo, vanguarda e elite à enésima potência imaginável, de uma linguagem clássica e ao mesmo tempo revolucionária. No *Monthly Film Bulletin*, uma inteligentíssima e culta comentarista, Louise Sweet, fala em Brecht. Bom, Brecht ao vivo já era *A ópera dos pobres* que Pabst dirigiu na Alemanha em 1931, Brecht eram *Berliner Ballade* de R. A. Stemmler e

Das Maedchen Rosemarie (Ídolo do pecado), de Rolf Thiele, com os quais ambos estes cineastas surpreenderam o mundo civilizado em 48 e 58, respectivamente, mas certamente Brecht nada tem a ver com a exploração que dele aqui levemente se fez, durante bom tempo. Voltando porém a esta história de necessidade e opressão, de medo e impossibilidade de defesa, da face de Jano do amor e da autoridade paterna, do eterno, e em sempre justo conflito entre a juventude e a experiência, desse retrato de uma terra-Mãe e ao mesmo tempo sepultura e sofrimento, suor e humilhação, desse cântico sobre a contingência humana, sem dúvida estamos diante de um dos lançamentos culminantes deste ano. Obrigatório e não sem antes uma referência à interpretação precisa, insubstituível dos não profissionais Sardenha que dão veracidade e contenção telúrica aos personagens, à fotografia pioneira, entre o mais cru neorealismo e a mais efetiva pesquisa pictórica, ao ambiente insólito e à música maravilhosa de Egisto Marcchi.

Um marido contagiante

06 de agosto de 1978

Nacional (Rio), 7 de agosto de 1978. **Produção:** CASB / Embrafilme. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor, direção e roteiro:** Carlos Alberto de Souza Barros. Da peça tetral "A venerável Madame Goneau", de João Bethencourt. **Fotografia:** Antonio Gonçalves. **Cenografia:** Artur Maia. **Montagem:** Giuseppe Baldaconi. **Musica:** Rogerio Rossini. Em Eastmancolor. **Elenco:** Milton Moraes, Maria Cláudia, Cláudio Cavalcanti, Amandio, A. Fregolente, Neila Tavares, Fabiola Fracarolli, Luis Magnelli, Nara Krokokidakis, Artur Maia, Cláudio Oliani, Carlos Alberto de Souza Barros.

Miltom Moraes é um executivo carioca que "des-terrado" por alguns dias numa missão em Manaus, para conseguir um importante contrato com uma "multi" estrangeira, acaba tendo um "caso" com uma maneirosa e nada cuidadosa secretária norte-americana (Fabiola Fracarolli). De volta, no avião, começa a sentir as consequências do "pulo de cerca" e apesar da ajuda do amigo Cláudio Cavalcanti, não sabe como fazer para que a bonita, ansiosa e temperamental cara-metade não se precipite e acabe também vítima de seu deslize e para depois resolver partir para o que os anarquistas da antiga e hoje *de-modeé* fase heróica costumavam designar como "ação direta". A fita deriva de um êxito teatral do húngaro de Copacabana João Bethencourt e vale principalmente pelo imbatível "toque" e talento que Souza Barros deu não só em seu

antológico *Ossô, amor e papagaios* como também ao descobrir uma maravilhosa Irene Stefania em *O alegre mundo de Helô*, como no empenhado *Os Devassos* e mesmo em filmes "mais para a bilheteria" como o que fez com Jerry Adriani, como *Dois na lona* e, ultimamente, com o quase surpreendente *Um sutiã para o papai*. Fotografia e elenco excelentemente "tratados", com a bela e convincente Maria Cláudia, com Cláudio Cavalcanti e até mesmo "tour de force" com Milton Moraes. A ver.

Chuvas de verão

27 de agosto de 1978

Nacional (Rio), 24 de abril de 1978, 86 minutos. **Produção:** Alter / Terra / Embrafilme. **Produtor executivo:** Luiz Fernando Goulart. **Distribuição:** Embrafilme. **Direção, roteiro:** Carlos Diegues. **Fotografia:** José Medeiros. **Cenografia, figurinos:** Mauricio Sette. **Programação gráfica:** Rudi Bohm. **Montagem:** Mair Tavares. Em Eastmancolor. **Elenco:** Jofre Soares, Carlos Gregório, Cristina Aché, Daniel Filho, Emanuel Cavalcanti, Gracinda Freire, Jorge Coutinho, Luiz Antonio, Lurdes Mayer, Marieta Severo, Miriam Pires, Paulo César Pereio, Procópio Mariano, Regina Casé, Roberto Bonfim, Rodolfo Arena, Sady Cabral, Zaira Zambelle.

À exceção, talvez, de *Os herdeiros* análise de uma época política obscurantista que ele não havia vivenciado e que não podia em absoluto debater até mesmo pelo fato de - por circunstâncias várias - estar envolvido em outra diversa só em pormenores de somenos, e também por não só participar de como também ajudar a criar um "movimento artístico" que era a consequência natural tanto do getulismo como do janguismo, mas mesmo assim um filme cuidado e em muita coisa bonito, acreditamos que Carlos Diegues acredita no que faz, tanto quando reúne no topo do elenco negro fascinante como o de *Ganga Zumba* ou quando, graças também à excepcionalidade de uma atriz como Anecy Rocha, faz uma incursão pela indiferença de ambientes como o de *A grande cidade*. Ele se esforça, como vimos em

Joana, a francesa ou *Quando o carnaval chegar* e chega mesmo até a acreditar sinceramente em uma base de cálculos como *Xica da Silva*. Mas o cinema tem exigências que uma formação à base de rebeldias sem causa, de maus conselheiros (o furioso rancor dos primitivos fãs de neo-realismo, o proselitismo tipo cinematecas brasileiras ou até do MAM, cinema novismo, "porque me ufano..." etc.) não deixa incólume. Aqui temos uma história de gente cotidiana, algo assim como para quem não só não tivesse ignorado como, principalmente, sempre tivesse amado filmes como *A loja da esquina*, de Lubitsch ou *Nossa cidade*, de Sam Wood - Cameron Menzies. E exige cinema que tudo e todos e sobretudo intérpretes com o carisma de tipo, e mais de "alma", como uma Martha Scott, uma Jessica Tandy, uma Liv Ullman. Isto só para começar a exemplificar... Mas, mais uma vez, vejamos.

Se segura, malandro!

27 de agosto de 1978

Nacional (Rio), 28 de agosto de 1978, 110 minutos. **Produção:** Zoom Cinematográfica Ltda. / Trópico Cinematográfica / Embrafilme / Alter Filmes / Sincro Filmes / Corisco Filmes.

Distribuição: Embrafilme. **Produtor delegado (no Brasil):** Nei Sroulevich. **Coordenador de produção:** Carlos Alberto Prates Correia. **Executivo:** Alberto Graça. **Direção:** Hugo Carvana. **Roteiro, diálogo e argumento:** Hugo Carvana, Armando Costa, Leopoldo Sorran. **Fotografia, câmera:** Edgar Moura. **Assistente:** José Joffily. **Cenografia, figurinos:** Laonte Kiawa. **Montagem:** Eduardo Leão. **Títulos:** Marta Alencar, Carminha Magalhães. Em Eastmancolor. **Elenco:** Hugo Carvana, Denise Bandeira, Claudio Marzo, Lutero Luiz, Louise Cardoso, Maria Cláudia, Heber Rangel, Henriqueta Briebe, André Villon, Wilson Grey, Milton Carneiro, Antonio Pedro, Eliane Narduchi, Manfredo Colasanti, Vera Setta, Ivan Setta, Thelma Reston, Anselmo de Vasconcellos, Maria Alves, Vinicius Salvatore, Carlos Alberto Bahia, Banzo, Antonio Carnera, Virginia Valle, Carlos Wilson, José Dumont, J. Barroso, Cachimbo, Fernando Reski, Beatriz Ramos, Fátima Porto, Andrei Salvador, Paschoal Villaboim e Paulo César Pareio.

33

O segundo filme de Hugo Carvana como ator, co-autor, e diretor (o primeiro foi o “badaladíssimo” *Vai trabalhar, vagabundo*). Vários progressos e alguns poucos recuos, mas para nós uma quase total surpresa, não fosse a proverbial deficiência em pelo menos 50 por cento do trabalho de “casting de diretor”, o vício mais querido e mais “inconsciente” do cinema brasileiro. Carvana reitere-se e/ou se revela mais um diretor, mas como

ator sua lacuna é que jamais poderá substituir o "carioca essencialmente número um", que era o fora-de-série Hugo Bidet. Também no roteiro algum desfalecimento, mas no geral um ótimo entrosamento, um benéfico "melting-pot" de seqüências como as do camarote de navio de *Uma noite na ópera*, de permeio com a situação chave de *The incident*, de Larry Peerce. Com empréstimos como o do episódio de Charles Laughton em *Se eu tivesse um milhão*, com até a revivescência *New Deal* do mundo de Frank Capra e Robert Riskin e, até mesmo, com inspirações nas "reussites" paulistas Vera Cruz, de *Uma pulga na balança* e *Ossos, amor e papagaios*. E até - porque não? - também virtudes de elenco, com Maria Cláudia, Antonio Pedro, André Villon (o antigo galã de Eva Todor, numa semelhança perversa como o "ancient stile" de Adolphe Menjou), Louise Cardoso, Helber Rangel, Pereio e, sobretudo, a impressionante naturalidade do "colored" Banzo Africano.

Mar de rosas

24 de setembro de 1978

Brasil (Rio), 29 de julho de 1977. **Produção:** Área Produções Cinematográficas Ltda / Mário Volcoff Produções Cinematográficas / RF Farias / Embrafilme. **Distribuição:** Embrafilme. **Direção, roteiro:** Ana Carolina. **Fotografia:** Lauro Escorel. **Música:** Paulo Herculano. **Montagem:** Vera Freire. **Assistente de direção:** Paulo Adário. Em Eastmancolor. **Elenco:** Norma Benguel, Hugo Carvana, Cristina Pereira, Otávio Augusto, Ary Fontoura e Miriam Muniz.

A formação de Ana Carolina foi a de uma típica intelectual local nas duas últimas décadas. Décadas nas quais o mal maior não foi própria (ou imprópria?) as ditaduras, mas a mediocridade generalizada e enarredável e, sobretudo, o “macaqueamento” e o dirigismo cultural (de situação ou de oposição, tanto faz) a transformar principalmente aqueles que mais se jactavam de respaldados justo na maior cota de massa mais dócil para futuros aplaudidores dos “*Big Brothers*”. Linda moça, interessando-se pelo “polemismo” vigente e superpassível no cinema, deixou o curso de medicina quase no fim e partiu com afinco para a liça, começando comum curta-metragem não por acaso denominado assim mesmo - *Lavra-Dor*... Mas oito filmes pelo estilo e há uns três ou quatro anos a estréia no “longa” com um documentário de 90 minutos sobre o tema que para ela só podia ser extemporâneo:

Getúlio Vargas... Surpreendentemente e ainda não abjurando (mas amadurecendo?) sua formação e o que seria lícito esperar dela, Ana Carolina consegue fazer seu segundo longa-metragem. Este *Mar de rosas*, muito em prol da mulher mas não "feminista" na forma negativa da palavra e no qual o absurdo e as repressões (antigamente dizia-se as dificuldades, os desencontros, as misé-rias, a siséria) da vida e do moderno ser humano estão muito bem retratados e esmiuçados. Desde o "enigmático", crítico e excelente realizador francês Pierre Kast até o diretor paulista Walter Hugo Khouri, mais Ely Azevedo e outros críticos do Rio (só o júri de seleção do festival de Gramado é que achou que o filme não "se enquadrava em seus propósitos" e rejeitou-o no começo deste ano) a acolhida foi imediatamente entusiástica e agradavelmente surpreendida, o filme enviado à França e à nova cineasta bem prestigiada na Europa. Na história, uma mulher (La Beguel, em bem-vinda "reentreé") não sabe se quer ou não romper com o marido (Carvana). Mas seguida e/ou espicaçada pela filha, sintomaticamente adolescente (Cristina Pereira), mata-o e foge, levando consigo a pouco equilibrada menor. Vem porém a ser seguida (ou perseguida?) por um carro negro, dirigido evidentemente por alguém. O marido, que não teria morrido? Ou outro homem que tanto poderia ser um medíocre inocente tal

o pai da menina como um terrível “porco chauvinista” (Otávio Augusto), exemplar típico do “male animal”? O tema parece que fascina. E fascina também a maneira pela qual Ana Carolina - “escolas de comunicações” e “contestarices” à parte, à distância ou mesmo esquecidas - dá um mergulho na condição da mulher, da família e dos impasses de nossos dias. Que não são lá muito diferente daquilo que sempre existiu - mudou só o “background”, o desgaste ou a degeneração de etiquetas e cortesias, o relaxo ou insânia nas modas e penteados, os inúteis abusos de linguagem, o descaro no se servir velhos tabus sob novos e mistificadores rótulos, mas a luta pela vida continua a mesma. Um filme a ver e analisar com todo o carinho.

Cinzas e diamantes

01 de outubro de 1978

(Popioli Diament) - Polônia, outubro de 1958, 107 minutos.

Produção: Kadr. **Distribuição:** Franco-Brasileira. **Direção:** Andrzej Wajda. **Roteiro:** Jerzy Andrzejewski, Andrzej Wajda. Da novela de Jerzy Andrzejewski. **Fotografia:** Jerzy Wojcik. **Cenografia:** Roman Mann. **Montagem:** Halina Nawrocka. **Elenco:** Zbigniew Cybulski, Ewa Krzyzewska, Waclaw Zastrzezynski, Adam Pawlikowski, Bogumil Kobiela, Jan Cicierski, Stanislaw Miłski, Artur Młodnicki, H. Kwiatkowlka.

38

À época de seu aqui já tardio lançamento (3 de junho de 1965, no próprio Coral e no St Tropez, hoje teatro "Auditório Augusta") escrevíamos a propósito deste *Popioli Diament*: - "Um filme de depoimento, de premissa e de indagação no simbolismo de seu conflito, narra o drama de um homem, de um jovem da geração perdida, a geração que lutou na guerra, que sofreu o seu horror, que ganhou o conflito mas com ele definitivamente se traumatizou e resultou inadaptada e irreconciliável para o novo mundo e os diferentes horizontes surgidos de seus escombros". A história se situa na Polônia a um passo da libertação do jugo nazista e nela Maciek (Zbigniew Cybulski), jovem revoltado pertencente a uma organização subterrânea de direita, recebe ordens para eliminar um líder comunista, mas sua essencial decência o faz refletir e, numa crise de consciência, inverter as regras

do jogo compreendendo que, no novo mundo que se avizinha, não haverá mais lugar para homens como ele. Em verdade, apesar do aparente desencanto, uma fita de esperança, ainda que aquela esperança e aquela crença em valores ainda criados pelas ilusões sociais dos militantes esquerdistas de entre as I e II guerras. Depois das "cinzas", dos escombros, os "diamantes", o radioso futuro tão sonhado e acreditado mas que na realidade resultou nestes apocalípticos decênios de 60 e 70, principalmente. E um filme de muita elaboração e procurando brilho formal. Tanto que apenas três anos depois (1961), de uma maneira bem mais despojada o diretor Andrzej Wajda viria a mostrar de modo bem mais conciso e mais claro e efetivo o problema, utilizando aliás o mesmo intérprete (o celebrado e malgrado Cybulski) em seu episódio polonês do filme internacional *O amor aos vinte anos*. E tenha também sido igualmente mais feliz ao tratar da opressão, da tortura e da redenção em *Sansão, a força contra o ódio*. Uma das películas mais exibidas em nossas programações de arte, esta, posteriormente "repriseada" em 28 de julho de 1969 (no Bretagne) e a 24 de janeiro de 76 (no mesmo Coral), afora várias outras exibições e retornos oficiais ou não registrados. A ver, rever ou revisar, sempre.

Doramundo

19 de novembro de 1978

Nacional (São Paulo), 7 de maio de 1978, 95 minutos. **Produção:** Raiz – Embrafilme. **Distribuição:** Assumpção Hernandez. **Direção:** João Batista de Andrade. **Roteiro:** João Batista de Andrade, David José, Alain Fresnot. **Pesquisa:** Naldimir Herzog, Roberto Menezes, João Silvério Trevisan. Do romance homônimo de Geraldo Ferraz. **Fotografia:** Antonio Mellande. **Cenografia, figurinos:** Laonte Kiawa. **Montagem:** Glauco Mirko Laurelli. **Música:** Almeida Prado. **Assistente de direção:** Alain Fresnot. **Assistente de câmera:** Gyula Kolozsvary. **Som direto:** Sidney Paiva Lopes. Em Eastmancolor. **Elenco:** Rolando Boldrim, Irene Ravache, Antonio Fagundes, Armando Bogus, Oswaldo Campozana, Rodrigo Santiago, Fernando Peixoto, Sérgio Hingst, Denise Del Vecchi, Denoy de Oliveira, Assunta Perez, Aldo Bueno, Olney Cazarré, Sérgio Milleto, Celso Frateschi, Walter Marins, Suzana Lakas, Goffredo Telles Neto, Célia Fróes, Wilson Rabello, Felipe Donovan, Ivan Sérgio, Waldir Rocha, Claudete (?) de Silva Pontes, Dario Souza Santos, Lourdes de Souza e a participação especial de David José.

40

Surgido há uns 30 anos, o romance de Geraldo Ferraz revelou em outro meio e outro contexto (vá lá a palavra que o cinismo stalinista tornou imbecil mas que, no caso, pode ser restaurada) as mesmas qualidades e o mesmo empenho e sugestão do autor quando crítico e ensaísta de pintura. Com ação passada numa das nossas cidades mais essencialmente belas e dotada de “alma”, Parapiacaba (uma das contribuições do espírito inglês à antiga maravilhosa multiplicidade paulista), o povoado nevoento no alto da

serra, com sua população trabalhadora, sofrida e contida, sempre fascinou muitos cineastas – e nós próprios, entre outros, éramos daqueles que já tinham pensado em verter o livro ao cinema. João Batista de Andrade, com sua formação “dirigidamente política” da maioria daqueles que aqui se formaram em cineclubes e nas águas mais proseliticas que cinematográficas da Cinemateca Brasileira foi quem conseguiu adiantar a façanha. E o filme aí está. Com um elenco, onde apesar das concessões e das “garantias tipo teatro de Arena, Oficina ou Opinião ou populares nomes da TV”, mas também com a utilização de seres humanos que são ou parecem típicos de Paranapiacaba, o rendimento foi mais do que satisfatório, com uma fotografia participadamente maravilhosa de Antonio Mellande, que parece ter apreendido intacta e integral a essência do livro, com a contribuição fora de série da própria cidade (que nos reporta ao mais justificável John Ford de *O delator*, *Horas amargas* e *Como era verde o meu vale*), o resultado é quase empolgante de um ponto de vista. De outro já há que cobrar mais realismos do que o do rei, com um “ideário” “moléstia infantil” que dilui e desvia a verdade – uma verdade até certo ponto mais terrível – da época, o que torna uma subserviência a alegoria do conflito, o inexplicável dos crimes, a violenta e silenciada fúria intrínseca do drama humano e

da intenção social do romancista. O saldo, porém, pode ser considerado surpreendente, ainda que questionável, mas uma e outra coisa o foram mais os três prêmios – melhores filme, direção, cenografia – conquistados no ultra mafiosamente stalinóide e controlado festival de Gramado onde havia obras até mais “diretas e intencionais e úteis” como *Lúcio Flávio* ou a bonita direção de Reginaldo Farias em “Barra Pesada”. Examinando-se ficha técnica ver-se-á que Gramado estava muito mais interessado em levantar outras bandeiras, mas de qualquer maneira, por sua origem literária e pela atmosfera e humanismo conseguidos, mesmo por outros atalhos e “*malgré tout*”, fez-se alguma justiça.

Um dia muito especial

26 de novembro de 1978

(“Una Gionata Particolare”) – Itália, 1977, 106 minutos. Co-Produção: CC Champion (Roma) – Canalfox Films Inc (Montreal).

Distribuição: Art Filmes. **Produtor:** Carlo Ponti. **Direção:** Ettore Scola. **Roteiro, diálogos:** Ruggero Macari, Ettore Scola, Maurizio Constanzo. **Fotografia:** Pasqualino de Sanctis. **Cenografia:** Luciano Ricceri. **Vestuário:** Enrico Sabbatini. **Música:** Armando Travajoli. Montagem: Raimondo Crociani. Em Technicolor. Elenco: Sofia Loren, Marcelo Mastroianni, John Vernon, Françoise Berd, Nicole Magny, Patrizia Basso, Tiziano de Pêrsio, Maurizio Del Paol, Antonio Garibaldi, Vittorio Guerreri, Alessandra Mussolini.

Filme italiano que quase ganhou os Oscars de melhor estrangeiro e para Mastroianni, o mesmo de o melhor ator do ano passado. Pelo que podemos deduzir – ainda que jamais concordemos que atores ou técnicos que não atuem em filmes norte-americanos recebam Oscar, pois nenhum outro país do mundo permite isso em suas premiações nacionais – Mastroianni mereceria o prêmio. Mas a limitada Sophia ganhou o *Nastro D’argento* de melhor atriz e o prêmio equivalente recebeu o filme. Verdade é que Sophia sempre será menos artificial em papéis à Anna Magnani, mas não é menos verdade que jamais ela poderá ser outra Magnani. Contudo o filme parece ser mesmo o mais intimista e sentido de Ettore Scola, o diretor, aliás, nem sempre efetivo. O “motivo” entretanto parece ser esplêndido. Uma dona de

casa quase classe baixa confinada a um marido "*camicia nera*", maratona de maternidade, fogão e tanque e um jornalista tímido e provavelmente homossexual destinado a degredo na Sardenha são os únicos que ficam em casa, no humilde prédio de cômodos de Roma em que moram a 6 de maio de 1938, quando Hitler chega para visitar e comemorar o pacto nazi-fascista com Mussolini. E entre os dois seres inseguros, quase massacrados, surge o mais fugaz, triste desesperançado, mas para eles inesquecível e redentor romance. A ver.

Hakuchi, o idiota

17 de dezembro de 1978

("Hakuchi") – Japão, 1951, 168 minutos. **Produção:** Shochiku. **Distribuição:** Art Filmes – Seleção Ouro. **Produtor:** Takashi Kolde. **Direção:** Akira Kurosawa. Baseado no romance de Fiodor Dostoiewski. **Fotografia:** Toshio Ubukata. **Direção Artística:** So Matsuyama. **Música:** Fumyo Hayasaka. **Montagem:** Yoshi Sugihara. **Elenco:** Masayuki Mori, Toshiro Mifume, Setsuko Hara, Takashi Shishiyama, Yoshiko Kuga, Chieko Higashiyama, Minoru Chiaki, Eijiro Yanagi, Noriko Sengoku, Bozukan Hidari.

Antes que o policialismo autobenfeitor dos cineastas e produtores auto-arvorados a conselheiros "*behind the door*" da Embrafilmes – Conccine tornasse impossível qualquer esforço arriscado e de interesse coletivo do gênero esta seção conseguiu fazer com que quatro de onze dos primeiros filmes de Kurosawa ainda inéditos no Brasil fossem importados para nosso público. Pela Toho vieram *Ralé* (de 1957), *Anatomia do medo* (55), e nós próprios com alguns colegas nos cotizamos para forçar a importação de *Os homens que pisaram na cauda do tigre* (de 45 e proibido pelas forças de ocupação até 52), que logo mais restituímos a então já interessada e própria Toho. Desta companhia ficaram faltando: *Ishiban Utsukushiku* (*O mais belo*), de 44, a II parte de *Sugata Sanshiro*, de 45, *Asao Tsukuro Hitobito* (*Os que fazem o amanhã*), 46, em episódios e também dirigido por Kajiro Yamamoto

(o mestre de Kurosawa) e Hideo Sekigawa; *Waga Sishum ni Kuinashi* (Não renego minha juventude), também 46, e *Subarashiki Nishiyabi* (Um domingo maravilhoso). Da Daiei, então já massa falida, estava difícil pensar em *Shizukanaru Ketto* (Duelo silencioso), de 49, mas de Shochiku quase que vinha vindo *Shubun* (O escândalo), de 50. E via acordo que induzimos entre a Shochiku e a distribuidora Cinema Um do Rio, chegou este *Hakuchi*, a primeira incursão do cineasta de *Rashomon* na alma e no universo peculiares da grande literatura russa. Mas o Cinema Um de São Paulo, desde sua inauguração até hoje, pessimamente programado e sem quase nunca chegar a ser como o "cinema de arte" prometido e que realmente tem a obrigação de ser, jamais lançou até que há duas semanas atrás Álvaro Moya quase ia conseguindo lançar *Hakuchi* no Cine Veneza. Este porém, - com fita prometida e programada - à última hora virou teatro e colônia japonesa e fãs de Kurosawa ficaram a ver navios. Esperamos que o mesmo não aconteça amanhã e que realmente ainda este ano possamos ver a versão japonesa e *Kurosaweana* que o dicionário de Gerges Sadoul considera o melhor de todas as que até hoje foram filmadas do romance do autor de *Os irmãos Karamazoff* e *Recordações da casa dos mortos*. Quem viu o que o cineasta japonês fez com o *Ralé* de Gorki

e viu também o que ele realizou para o próprio cinema soviético com poema a ecologia que é *Dersu Uzala*, não pode ter dúvidas: aqui está, junto com o próximo *Cria cuervos*, de Saura, um dos dez melhores lançamentos paulistas deste ano. O herói, o pobre príncipe “que não ignorava que sempre seria infantil” aqui, evidentemente não é Toshiro Mifune, mas sim Masayuki Mori, samurai assassinado de *Rashomon*. A Toshiro coube o violento Rougoujine, enquanto que os papéis femininos ficam com a sensível veterana Setsuko Kuga, Chieko Higashiyama e Noriko Sengoku e as demais partes masculinas com os atores também do porte de Taskashi Shimura, Minoru Chiaki, Eijere Yanagi e o velhinho Bokuzen Hidari.

Filhos do deserto

17 de dezembro de 1978

("Sons of the desert") - Estados Unidos, 29 de dezembro de 1933, 68 minutos. **Produção:** Hal Roach-Metro Goldwin Mayer. **Distribuição atual:** Cia Cinematográfica Franco-Brasileira. **Produtor:** Hal Roach. **Direção:** Willian A. Seiter. **Roteiro, argumento:** Frank Craven, Byron Morgan. **Fotografia:** Keneth Peach. **Elenco:** Stan Laurel, Oliver Hardy, Charley Chase, Mae Busch, Dorothy Christie, Lucien Litti, Charles McAvoy, Eddie Baker, Jimmy Aubrey, Chet Brandenburg, Don Brodie, Charlita, Philo McCullough, Harry Bernard, Charlie Hall, Ernie Alexander, Sam Lufkin, Baldwin Cook, Stanley Blystone, Max Wagner, Pat Harmon, Ty Parvis, Blade Stanhope Conway, Bob Cummings, Billy Gilbert.

48

Entre sua centena de comédias de curta, média e longa-metragem, depois da reabilitação, da consagração ou só então "descoberta" que chegou injustamente póstuma para a excepcional dupla Laurel & Hardy, muitos críticos consideram este *Sons of the desert*, o que de melhor ambos fizeram em matéria de filme "longo". Se corresponde ou não rigidamente à hierarquia não importa tanto, pois a filmografia dos dois abençoados e insuperáveis intérpretes inclui várias obras-primas, muitos momentos de exceção. E sem dúvida, *Filhos do deserto*, é um deles. Realizado em fins de 1933, por um diretor mais afeito a dirigir "estrelas" em filmes femininos e de cunho elegante (Willian A. Seiter), é obra do preciso momento em que Stan & Ollie estavam no apogeu de sua

popularidade. A história e o roteiro - nos quais colaborou o veterano, importante e intelectualizado ator e escritor de cinema e famosa figura teatral Frank Traven, o inesquecível narrador de *Nossa cidade (Our town)*, de Thornton Wilder - Sam Wood - Willian Cameron Menzies, em 1940 - parte de um motivo como sempre simples: os dois amigos pertencem a uma sociedade secreta - uma espécie de maçonaria - intitulada *Filhos do deserto*. A referida vai promover, em outra cidade, uma convenção exclusivamente masculina, mas as matriarcais, ciumentas e castradoras esposas de ambos (Dorothy Christie e a veterana Mae Busch, desta vez não "a prostitute", mas sim "a wife without a heart of gold"), não acreditam que aquilo não seja desculpa para escapadas e apõem o indevido peremptório veto. Laurel & Hardy então inventam um estratagema para burlar a proibição, mas - claro - tudo sai-lhes ao avesso. Para acompanhar a dupla Haj Roach e a Metro aqui solicitaram a participação de Charles Chase, um cômico típico do final da década anterior e então em lamentável declínio de popularidade. Ele aqui banca quase uma espécie de cínico Groucho para os dois amigos. E a fita tem acertos engraçadíssimos - e melhor do que isso, absolutamente inteligentes e cinemáticos - como aquela utilização (que René Clair a inventou em *O milhão* ou se inspirou neste *Sons para Casei-me*

com uma feiticeira?) da canção *Honolulu Baby*, que, à porta da casa de Stan, e depois da sua, Oliver canta com aquela mesma altíssima propriedade com que, disfarçado de negro cantou o belo "spiritual", *Lazy Moon* em *Xadres para Dois*. Um clássico indiscutível do cinema, parece que *Filhos do deserto* há mais de quatro anos estava ignorado nas prateleiras da distribuidora Franco-Brasileira e só agora, por acaso e em absurdo programa duplo com a repetição de *Uma noite em Casablanca*, dos Marx, vem a ser programada por minguados cinco dias, no Coral 2, quando deveria ter estado na pauta de nossos inefáveis "cinemas de arte". Aqui originalmente lançado pela Metro, a 9 de junho de 1934, no Cine Paramount, foi depois "reprisado" a 14 de julho de 41, no Cine Broadway. E, já em distribuição da Art Filmes, em seguida novas exhibições a 28 de maio de 1945 (no Bandeirantes), a 3 de novembro de 1952 (Paratodos) e, também, em fins de 1954. Uma "reprise" obrigatória, ainda que o filme, vez por outra, tenha reaparecido na televisão com a indefectível e deformante dublagem.

Cria cuervos

24 de dezembro de 1978

("Cria cuervos") - Espanha, 1975/76, 110 minutos. **Produção:** Elias Querejeta. **Distribuição:** Seleção ouro. **Direção, roteiro:** Carlos Saura. **Fotografia:** Teodoro Escamilla. **Direção de Arte:** Rafael Palmero. **Decorações:** M. Del Carmen Morin. **Vestuário:** Maiki Maria. **Montagem:** Pablo G. del Amo. Em Eastmancolor. **Elenco:** Geraldine Chaplin, Ana Torrent, Conchi Perez, Maite Sanches Almeandros, Monica Randall, Florinda Chico, Héctor Alterio, German Cobos, Mirta Miller, Josefina Diaz.

Como o ano passado *Ana e os lobos*, eis aqui mais um "tour de force", mais uma demonstração de real esquerdismo (ou ao invés disso deveríamos dizer tanto?), de hombridade intelectual e de paixão cinematográfica, mais um quase milagre de Carlos Saura. Merecido "Grand Prix" de Cannes 1976, aqui, como em *Ana e os lobos*, em plena Espanha de Franco, no mesmo regime que levou ao garoto vil um revolucionário como Julian Grimau e como última façanha fez mais um mártir, uma inocente vítima das convulsões políticas quase sempre enganadoras e criminosas de hoje como o jovem (23 anos) Puig, Saura imperturbável prosseguiu na mesma linha de generosa e corajosa indagação social e humana de seus primeiros filmes *Los golfos* (59), *La caza* (64), *O pistoleiro sem lei e sem alma* (*Leianto para um bandido*). dp amp segiomte e aqui só lançado a três no Marachá - Augusta. Desta vez, ao lidar justamente na então clérica Espanha com um tabú terrível como o da inocência infantil, o

cinéasta para fazer esta sua alegoria sobre *lo cria cuervos que te sacarán los ojos* (conforme reza velho provérbio do país) ousou fazer o que antes só os escritores “estranhos” (Emily Bronte, Henry James, e outros de língua, cultura e religião nórdica ou anglo-teutônica) poderiam ousar. Sua Ana menina o que é? A Espanha enferma ou sopitada do franquismo? O erro das sociedades ou organizações fechadas ou inconscientes de que o mal pode estar onde ninguém poderá suspeitar? Até mesmo na eterna condição humana e a qualquer tempo e estágio de uma vida? Não faltarão os que verão neste *Cria cuervos* uma obra que talvez se ressinta de alguma indefinição, algum hermetismo trazido ao cinema por Bergman ou Resnais com *Morangos silvestres* ou *Marienbad*. Mas a atual Espanha surpreendentemente serena e no profícuo caminho, redimida de todos os seus sofrimentos, prova que sempre teve “humus” para que dela brotasse um Carlos Saura, como ali já não tivessem existido um Cervantes, um La Barca, um Unamuno, um Valle Inclan, um Lorca e tantos pensadores e artistas mais! Um filme sobre o qual haverá muito o que falar e que depois (cronologicamente) destes últimos *Um dia muito especial*, de Scola e de *Hakuchi, o idiota*, de Kurosawa fecha com raro brilho este ano do qual, seguramente, desde já é um dos dez maiores lançamentos. Obrigatório.

1979

O esplendor de Hollywood

14 de janeiro de 1979

("Hooray for Hollywood") - Estados Unidos, 1976. **Distribuição:** Seleção Ouro. **Coreografias:** Busby Berkely e outros. **Narração:** Mickey Rooney. Com cenas coloridas. **Elenco:** Clark Gable, Carole Lombard, Jean Harlow, W. C. Fields, Mai West, Cary Grant, Al Jolson, Harry Langdon, Buster Keaton, Leila Hyams, os Irmãos Marx, Maurice Chevalier, Freddy Astaire & Giger Rogers, Jimmy Durante, Stan Laurel & Oliver Hardy, Humprey Bogart, James Cagney, Janet Gaynor, John Wayne, Errol Flynn & Lilu Damita, Jackie Cooper, Elizabeth Taylor, Dick Powell, Shirley Temple, Roy Rogers, Constance Bennet, Lowell Sherman, Gregory Ratoff, Ann Sherida, Bing Crosby, Charles Laughton, Chester Morris, Donald Douglas, Robert Young, Maureen O'Sullivan, Nancy Caroll, Ed Wynn, Hedda Hopper, Jeanette MacDonald, Mary Pickford, Charles "Buddy" Rogers, Alice Faye, Carmem Miranda, Sonja Henie, Cecil B, de Mile e outros.

Coletânea feita - evidentemente - na esteira do êxito internacional de *Era um vez em Hollywood* e *Isto também era Hollywood*. O plano é mais modesto, porque aqui se recorreu mais a material de produtores independentes, arquivo de cinejornais, pequenas companhias (a extinta Grand National, por exemplo), ou trechos de obras de grandes estúdios (Paramount, Warner, Fox) que cederam "*hits*" de seus acervos sem maior ciúmeira ou problemas. O desfile de grandes nomes é extenso, mas cinematicamente a ques-

tão não é quantidade, mas sim a maneira como esse material é colocado numa ótima ou ênfase de narrativa, numa estrutura de montagem que faça tudo vibrar e dê a medida exata do que cada coisa valeu a seu tempo (ou vale ainda hoje). O maior beneficiado é Busby Berkeley, o famoso coreógrafo das “*girls*” semidespidas em “shows” simétricos que eram mais caleidoscópios, efeitos de câmera, do que mesmo uma dança pura (isto só viria a ocorrer mesmo na revolução neo-expressionista dos musicais coloridos de Arthur Freed na Metro, entre 44 e 51). As formações de Berkeley que tornaram exponenciais os musicais da Warner entre 29 e mais 33 a 38, estão aqui muito bem representadas por enxertos de *Cavadores de ouro* (*Were in the money*), *A valsa das sombras*, *Não me digas boa noite*, em 33, de *Belezas em revista* (com Dick Powell cantando *By a Waterfall*), pela sequência do sonho da costureirinha (*Teça uma teia de sonhos*) em *Modas de 1934*, fita que tinha a honra de ser dirigida por William Dieterle e por trazer uma Bette Davis já magnífica antes da fama e consagração dramática. E Winifred Shaw no pré-final de *Lullaby of Broadway*, o celebrado número de *Mordedoras de 1935* que conquistou o “Oscar” de melhor canção aquele ano. A hoje esquecida Nancy Carroll ressurgue num bailado do penúltimo filme como estrela, ainda em 35. E cenas de *Voando para o*

Rio, a “extravaganza” da RKO em 34 com ação passada na nossa capital e que, casualmente lançou Fred Astaire com Ginger Rogers, a combinação perfeita, a dupla inimitável de dançarinos, conforme aqui logo se vê com um trecho de *Ritmo louco* (36), e outro de *Dance comigo* (38). E, voltando a Bussy Berkeley, o também notório *The lady in the tutti frutti hat* com Carmem Miranda em *Entre a loura e a morena* de 43, na Fox. E ainda muito mais (como Mae West dizendo a Cary Grant em *Uma loura para três* (*She done him wrong*), ao ser clinicamente “lançada” em 1933: “You know, I will always did like a man in a uniform. That one fits you grand”. E depois, ao vê-lo hesitar, alegando serviço - “Busy? Say what are you trying to do, insult me?”. Embora sem ainda (como também as duas fitas anteriores da Metro) aprender a lição básica dada pelo “Vie Privée” de Malle com e sobre Brigitte Bardot, uma obra a ver, claro!

Tudo bem

26 de fevereiro de 1979

Nacional (Rio), 23 de outubro de 1978, 110 minutos. **Produção:** Sagitarius Produções Cinematográficas (e Embrafilme?). **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor, direção:** Arnaldo Jabor. Executivo: Carlos Alberio Diniz. **Roteiro:** Arnaldo Jabor, Leopoldo Serran. **Fotografia, câmera:** Dib Lutfi. **Cenografia:** Helio Eichbauer. **Montagem:** Gilberto Santeiro. Em Eastmancolor. **Elenco:** Paulo Gracindo, Fernanda Montenegro, Zezé Motta, Maria Sílvia, Regina Casé, Luis Fernando Guimarães, Luiz Linhares, Fernando Torres, Jorge Loredó, Stênio Garcia, José Dumont,, Anselmo Vasconcelos, Wellington Botelho, Paulo César Pereio, Jarbas Cumequepode, Fumanchu, Maçaroca, PAulo Favela, Maria Helena Basilio, Álvaro Freire, Alby Ramos, Jesus Pingo, Daniel Dantas, José Maranhão Torres, Washington Fernandes.

56

A catástrofe que se transforma em milagre, ou vice-versa. Como nas fábulas norte-americanas, que, desde *Loura e sedutora*, *Loucura americana* e *Dama por um dia* até *Do mundo nada se leva*, *A mulher faz o homem* e *Adorável vagabundo* faziam a notoriedade “*New Deal*” da dupla Frank Capra (diretor) e Robert Riskin (autor-roteirista). E, conforme agora (a julgar pelo roteiro de *Se segura, malandro!* e o desta fita) está se especializando o roteirista Leopoldo Serrane, aduzam-se pitadas da maluquice de *Hellzappopin (Pandemônio)* e de *Car Wash, onde acontece de tudo* a tudo isto. E ainda, paralelamente, o sarcasmo contestatório a cinema-novismo de um Arnaldo

Jabor tão satisfeito com determinada situação quão mal-humorado com outras; certamente mais o Jabor de *A opinião pública* do que o Jabor de *Toda nudez será castigada* ou *O casamento*. Na história, um funcionário público aposentado, indo de "*tobogan*" para a senilidade em vários sentidos (Paulo Gracindo) e uma esposa (Fernanda Montenegro) também visivelmente a caminho do seu visivelmente "*sunset boulevard*", mas teimando em ignorar a realidade, tanto que encomenda uma reforma no bastante "*faisandé*" apartamento da família, ao final da qual tudo continua como "dantes no quartel de Abrantes". As alusões são tão óbvias como o fato do filho (Luis Fernando Guimarães) ser um executivo medíocre e relações-públicas servil de uma "empresa estrangeira" (multinacional, claro) e da filha, feia e queixuda (Regina Casé, em tremendo "*over acting*"), à procura de marido, tem que se contentar com um noivo americano arranjado pelo irmão. Um filme para um público e uma exegese já de per si previamente garantidos.

As filhas do fogo

1979

Nacional (São Paulo), 3 de fevereiro de 1979, 95 minutos. **Produção:** Lynxfilm - Editora Três. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor:** César Mêmolo Junior. **Direção, roteiro, argumento:** Walter Hugo Khouri. **Fotografia:** Geraldo Gabriel. **Cenografia:** Marcos Weisntock. **Montagem:** João Ramiro Mello. **Música:** Rogério Duprat. **Câmera:** Rupert Khouri. Em Eastmancolor. **Elenco:** Paola Morra, Rosina Malbouisson, Karin Rodrigues, Maria Rosa, Serafim Gozalez, Selma Egrei, Maria Huseman, Helmut Hosse, Karin Haas, Rudolf Machalowsky.

58

O décimo sexto desafio de Walter Hugo Khouri, sua décima sexta prova de justo desprezo por certo tipo de arrivismo, oportunismo e mediocridade que pesam como chumbo sobre o nosso ambiente de concepções, incultura, produção, realização, consumo e “crítica” cinematográfica, desde que o cinema existe e, principalmente, desde o que os “teóricos” vitalícios do stalinismo e do provincialismo descobriram que o cinema pode dar azo a “*status*” e sinecuras, a ilusões de auto-engrandecimento, a desrecales para muita gente que precisa de um bom corretivo. Um filme que se coloca folgadoamente entre os maiores do cineasta: *Noite vazia* (64), *O corpo ardente* (66), *O desejo* (75/76). Uma história de quebra de fronteiras entre a vida e a morte, entre presente e passado, o amor e ódio, o real e o fantástico, a poesia e o horror. Perfeitamente

realizado, segundo o próprio autor é uma obra que tem muito de seu fascínio pelo gênero terrorífico, em especial os contos sobrenaturais de Poe e Sheridan Le Fanu. Totalmente “rodado” entre a incomum paisagem “germânica” de Gramado e Canela, no Rio Grande do Sul, com um elenco, este sim de nível internacional (qualquer de seus intérpretes, sem desdouro ou vexames, poderia passar pela prova irrefutável de participar de película rodada nos EUA, Europa ou Japão) e no qual se sobressaem a “importação” italiana Paola Morra, a revelação Rosina Malbouisson, Karin Rodrigues, a “botticeliana” Selma Egrei, a personalidade basca de Serafim Gonzalez e sobretudo, a lindíssima e envolvente Maria Rosa, a qual juntamente com a maravilhosa Glória Cristal de *Crueldade mortal* (aqui encalhado há mais de dois anos) foram a dupla das duas únicas verdadeiras belezas de mulher mulata reveladas em qualquer tempo por este nosso tão apregoado cinema pró-África (a sequência final, de Maria Rosa, indo embora da casa maldita, como uma viúva irremediável do forasteiro morto, por si só constituiria um momento de antologia dramática, obediente aos cânones helênicos a fazer todo um filme. Obra obrigatória.

O prisioneiro do sexo

15 de abril de 1979

Nacional (São Paulo), 16 de abril de 1979, 92 minutos. **Produção:** Produções Cinematográficas Galante. **Distribuição:** Outro Nacional. **Produtor:** A. P. Galante. **Direção, roteiro, argumento:** Walter Hugo Khouri. **Fotografia:** Antonio Meliandro. **Câmera:** Rupert Khouri. **Direção de Arte:** Jaime Reviralta, Loly Reviralta. **Montagem:** Jair Garcia Duarte. **Música:** Rogério Duprat. **Títulos:** Edson Romano. **Consultor de Cor:** Demitri. **Diretor de Produção:** Heron D'Ávila. **Assistente:** Genésio de Carvalho. Em Eastmancolor. **Elenco:** Sandra Bréa, Roberto Maya, Maria Rosa, Aldine Muller, Nicole Puzzi, Mara Huseman, Marisa Leite de Barros, Novany Novarovski, Suely Aoki, Misaki Tanaka, Barbara Thiré, Renato Master, Genésio de Carvalho, Jorge Freire de Carvalho e Kate Lyra.

60

Dezessete filmes absolutamente pessoais em 25 anos, sem interrupção, a cada três anos apresentando duas novas obras e isso num ambiente "cinematográfico" mercantilizado até o absurdo e "intelectualmente" monstruoso, de uma violência e uma organização stalinista tão violenta e sem rebuços que faria parecer clube de "jeunefilles" qualquer repressão de quaisquer das ditaduras que assolaram o mundo desde após a primeira guerra! Sem dúvida, é uma façanha e uma façanha que nenhum crítico, diretor, ensaísta, ou historiador de cinema de fora do eixo "Rio - Salvador - São Paulo - Belo Horizonte - Porto Alegre" poderá imaginar, quanto menos aquilatar. Essa façanha, para desespero dos pululantes

postulantes a cineastas e dirigentes de sinecuras, Walter Hugo Khouri torna a renová-la com esta nova realização que lhe foi solicitada por um produtor (Galante), cerceado por muita coisa, por sua própria formação inclusive, mas de qualquer maneira coletando e obtendo recursos para espaçadas e eventuais brechas no limbo em que está atolado até o último átomo o cinema que aqui se deveria fazer: livre, diversificado, criativo, autêntico. O plano, intitulado inicialmente só *O prisioneiro* tem pontos de contacto com o do compulsivo personagem interpretado por Fernando Amaral em *O desejo*, do mesmo Khouri: um homem dominado por instinto de frio vampirismo poligâmico, mas não como os demais, como os Don Juans comuns do dia-a-dia, da animalidade amorosa, da necessidade de prazer fácil ou afirmação imediata e passageira. Trauma? Produto de uma hiperestesia "machista", como diriam os que gostam de falar "a la page"? Roberto Maya encarna o papel e tem nele sua melhor aparição desde o terrível policial que havia "marcado" Anselmo Duarte em *Juventude e ternura*. As mulheres todas belas ou reunidas com classe, são Sandra Bréa, Maria Rosa, Kate Lyra, Aldine Muller, a professora de inglês Marisa Leite de Barros (estreado como atriz), Barbara Thiré, Novany Novakovski, a beleza francesa de Nicole Puzzi, as nisseis Suely Aoki e Misaki

Tanaka, e a característica Mara Husemann (que lembra a “implacável” Nina Foch de tantos trabalhos impressionantes). Nos outros papéis masculinos, o estreante Jorge Freire e os excelentes Renato Master e Genésio de Carvalho. Fotografia de Meliande, mais uma vez perfeita, servindo aos requintes do cineasta e uma obra de outro tom e indiscutível capricho.

Morangos silvestres

20 de maio de 1979

("Smultronstallet") - Suécia, 1957/58, 89 minutos. **Produção:** Svenska Filmindustri. **Distribuição atual:** Seleção Ouro. **Produtor:** Allan Ekelund. **Direção, roteiro, argumento:** Ingmar Bergman. **Fotografia:** Gunnar Fischer. **Cenografia:** Gittan Gustafsson. **Vestuário:** Millie Strom. **Musica:** Erik Nordgren. **Montagem:** Oscar Rosander. **Assistente de Direção:** Gosta Ekman. **Elenco:** Victor Sjöstrom, Ingrid Thulin, Gunnar Bjornstrand, Bibi Anderson, Folke Sundquist, Bjorn Bjelvesfastam, Naima Wifstrand, Julian Kindhal, Siv Ruud, Gunnel Brostrom, Gunar Sjoberg, Max Von Sydow, Gertrud Fridh, Ake Fridell, Yngve Nordwall, Per Sjostrand, Gio Petre, Gunnel Lindblom, Maud Hansson, Anne-Marie Wilman, Eva Noree, Lena Bergman, Monika Ehrling, Per Skogsberg, Goran Lundquist, Prof. Siggo Wulff.

Resnais revolucionou a narrativa cinematográfica com seus avanços e recuos no Tempo e no Espaço, no Real e no Imaginário, no sentido e no ansiado, no temido, no que poderia ter sido, no que deveria ser. Mas Bergman, dois e quatro anos antes, também já havia vislumbrado, e mesmo, trilhado concretamente o mesmo imponderável e indefinível caminho com este filme, talvez a obra mais importante da segunda fase de sua singular carreira. A fita, canto de cisne legendário Victor Sjöstrom (que morreria três anos após havê-la interpretado), aqui foi lançada quase contra a vontade dos nossos inefáveis exibidores a 16 de outubro de 1962 num marginal Cine Marco

Polo (hoje Fontana - Centro) obtendo enorme e inesperado êxito de público, após haver sido desprezada até como tapa-buraco ocasional para uma só semana. Pelos cinemas Astor, Coral, etc. E voltou depois, em janeiro de 1966. E várias outras vezes depois, em cinemas e programações de arte e em ciclos especiais afins. Volta agora e torna-se imperioso seu reexame, sobretudo tendo-se um novo e oportuno e elucidativo Resnais em cartaz.

Providence

20 de maio de 1979

("Providence") - França, janeiro de 1977, 107 minutos. **Co-Produção:** Action Film / Société Française de Production / FR3 (Paris) / Citel Film (Genebra). **Distribuição:** Artenova / Price Films. **Produtores:** Klauss Helliwig, Yves Gasser, Yves Peyrot. **Executivo:** Philippe Dussart. **Direção:** Alain Resnais. **Roteiro:** David Mercer. **Fotografia:** Ricardo Aronovich. **Direção de Arte:** Jacques Salnier. **Decorações:** Charles Merangel, Jean Jacques Caziot, Michel Breton, Jean-Claude Cabouret, Françoise Hardy. **Vestuário:** Claude Serre, (Claud, Sonja), Yves Saint-Laurent, (Helen) John Bates. **Montagem:** Albert Jurgenson. **Música:** Miklos Rozsa. Em Eastmancolor **Elenco:**

Com *Hiroshima, mon amour* e, sobretudo, *O ano passado em Marienbad*, Alain Resnais, não só revolucionou o cinema num certo sentido como também criou para essa arte e sobretudo para si próprio um impasse ao qual depois ele não conseguiria propriamente escapar, nem com *Muriel*, *A guerra acabou*, *Eu te amo, eu te amo* ou *Stavisky*, conquanto continuasse sendo sempre um cineasta dos mais empenhados e preocupantes. Pois Resnais, que embora em seus primeiros e capitais dois longa-metragens (*Hiroshima, Marienbad*) tivesse trabalhado em associação com escritores como Marguerite Duras e Alain Robbe-Grillet, parecia mais a simbiose imagética de Proust com James Joyce, volta agora, ao que parece no seu terceiro verdadeiro filme, este *Providence* que traz todo o clima e a preocupação com o Tempo

e a Memória que obrigatoriamente devem constituir seu mundo de artista criador. A fita foi “rodada” na França, Inglaterra e Estados Unidos e em língua inglesa para não perder o tom que lhe é essencial. Desde já uma obra de antologia.

Ifigênia

20 de maio de 1979

("Iphigenia") - Grécia, 1976, 129 minutos. **Produção:** Greek Film Centre. **Distribuição:** United Artists. **Produtor Executivo:** Yammoulla Wakefeild. **Direção, roteiro:** Michael Cacoyannis. Baseado na tragédia "Ifigênia de Aulis", de Eurípedes. **Fotografia:** George Arvanitis. **Cenografia, figurinos:** Dionisis Fotopoulos. **Coreografia:** Michalis Lamprinos. **Montagem:** Michael Cacoyannis. **Música:** Mikis Theodorakis. **A cores. Elenco:** Irene Papas, Costa Kazakos, Costa Carras, Christos Tsangas, Panos Mihalopoulos, Angelos Yannoulis, Dimitris Aronis, Giorgios Vourvakakis, Irene Koumarianou, Giorgios Economou, Dimitris Kotoyiannis, Giorgios Karalampilis, Tasos Lentas, Dimitris Alankas, Makis Mourselas, Karis Tzikairopoulos, Dimitris Mitsoulas, Michalis Kairetis, Vaios Triantaphyllou, Thanasis Lagaros, Vasia Costa, Elisabeth Vougaris, Rula Kanello Poulou, Sophia Sphyroera, Eleanora Staoopoulou, Sophie Kakapelidou, Etaize Semiekolou, Eleni Manilte e apresentando Tatiana Papamoskou.

67

Não bastasse Resnais, um gênio da narrativa contemporânea, dos problemas criados pelos impasses e sensações de um mundo que o "progresso" e o "moderno" tornaram cada vez mais interpenetradamente difuso e doloroso, e temos agora, o gênio do classicismo, a chama eterna da tragédia grega. E com o seu maior e mais ousado cultor cinematográfico (o Cacoyannis de *A mulher de negro*, *Electra* e *As troianas*) em seu berço eterno, legítimo e inalienável (a Grécia) e com uma de suas trágicas exponenciais (Irene Papas).

Aqui ela é a ferida, revoltada e vingativa Clitemnestra, enquanto que para a inocente sacrificada Ifigênia, Cacoyannis encontrou a lança de uma jovem atriz de 13 anos: Tatiana Papamoskou. O músico é o de sempre nas obras primas do filão: Mikis Theodorakis. O absurdo prévio parece ser o fato desta obra haver perdido o Oscar de melhor fita estrangeira para o melodramático *Madame Rosa*. De qualquer maneira, obrigatoriamente a ver.

A bela da tarde

20 de maio de 1979

("Belle de Jour") - França, 1967, 100 minutos. Co-Produção: Paris Film (Paris) - Five Films (Roma). **Distribuição atual:** Pel-Mex. **Produtores:** Raymond e Robert Hakim. **Direção:** Luis Bunuel. **Roteiro:** Luis Bunuel, Jean Claude Carriere. Da novela de Joseph Kessel. **Fotografia:** Sacha Vierny. **Cenografia:** Robert Clavet. **Vestido de Catherine Deneuve:** Yves St Laurent. **Montagem:** Walter Spohr. **Elenco:** Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli, Genevieve Page, Francisco Rabal, Pierre Clementi, Georges Marchal, Françoise Fabian, Macha Meril, Maria Latour, Muni, François Maistre, Bernard Fresson, Dominique Dandriux, Luis Bunuel.

Jutamente com *O discreto charme da burguesia*, ponto mais alto da filmografia de Luis Buñuel, uma obra fascinante, muito justamente laureada com o Leão de Ouro no festival de Veneza - 67 e grande êxito de crítica e bilheteria em quase todo o mundo. Mais do que uma aventura real, "acontecida", a projeção dos anseios e temores sado-masoquistas de liberação (e ao mesmo degradação) da alma feminina. Cuidadíssimo e totalmente logrado em todos os seus setores de criação, foi o filme que consagrou Catherine Deneuve como grande estrela do cinema francês e internacional. Aqui foi originalmente lançado em abril de 68, nos Cines Astor, Belas Artes e Premier, e depois já "reprezado" em setembro de 1972 pelo próprio Premier e em novembro de 74 no Coral e Biarritz.

Interiores

20 de maio de 1979

("Interiors") - Estados Unidos, agosto de 1978, 93 minutos.

Produção: Jack Rollins - Charles H. Joffe Productions / Creative Management Associates. Produtores: Charles H Joffe - Jack Rollins.

Executivo: Robert Greenhut. **Direção, roteiro:** Woody Allen.

Fotografia: Gordon Willis. Desenhos de produção: Mel Bourne.

Desenhista Coordenador: Kristi Kea. **Decorações:** Daniel Robert,

Mario Mazzola. Artistas Cênicos (?): James Sorice, Cosmo Sorice.

Vestuário: Joel Schumacher. **Montagem:** Ralph Roseblum.

Títulos: Computer Optical. Em Technicolor. **Elenco:** Kristin Griffith,

Marybeth Hurt, Richard Jordan, Diane Keaton, E. G. Marshal,

Geraldine Page, Maureen Stapleton, Sam Wsterston, Missy

Hope, Kerry Duffy, Nancy Collins, Penny Gaston, Roger Morden,

Henderson Forsythe.

70

Depois do inexplicável triunfo de Oscars que foi *Noivo neurótico, noiva nervosa (Annie Hall)*, eis Woody Allen, ao que dizem alguns, numa linha "bergmaniana", escrevendo e dirigindo, mas não aparecendo como ator. Quanto a isto ele teve o gesto bonito de dar oportunidade "estelar" a E. G. Marshall, o sempre magnífico ator característico de tantos filmes americanos nos últimos 20 anos. Marshall aqui é o homem casado com uma esposa das mais aborrecidas e que um dia toma a decisão de abandoná-la, trocando-a por umas saudáveis férias na Grécia. Isso não obstante os filhos já crescidos. Acontece que a esposa é a muitas vezes muito "overacting" Geraldine

Page, que por sinal concorreu ao Oscar-78 de melhor atriz coadjuvante, perdendo-o para Maggie Smith. A fita concorreu também aos prêmios de melhor direção, roteiro original e direção de arte (englobamento cenográfico). E, quase a contragosto do círculo exibidor, dará prosseguimento a uma linha de “programação de arte” por acaso propiciada pelo não esperado êxito comercial de *Equus*.

Cerimônia de casamento

10 de junho de 1979

("A Wedding") - Estados Unidos, outubro de 1978, 125 minutos.

Produção: Lion's Gate. **Distribuição:** Fox. **Produtor, diretor:** Robert Altman. **Roteiro:** John Cansidini, Patricia Resnick, Allan Nichols, Robert Altman. **Argumento:** John Considini, Robert Altman.

Fotografia: Charles Rosher. **Vestuário:** J. Allen Highfill. **Títulos:**

Pacific Title. **Montagem:** Tony Lombardo. Em Panavision e colorido

"De Luxe". **Elenco:** Desi Arnaz Jr., Carol Burnett, Geraldine Chaplin,

Howard Duffy, Mia Farrow, Vittorio Gassman, Lilian Gish, Laureen

Hutton, Viveca Lindfoes, Pat MacCormick, Dina Merrill, Nina Van

Pa Mandt, Denis Christopher, Gerald Busby, Peggy Ann Garner,

Mary Seibel, Margareth Ladd, Lesley Rogers, Tomothy Tommerson,

Marta Heflin, Paul Dooley, Amy Stricker, Belita Moreno, Virginia

Vestoff, Ruth Nelson, Jeffrey S. Perry, Craig Richard Nelson, John

72 Cronwell, luigi Proietti, Considine, Bert Ramsey, Beverly Ross,

Pamela Dwarber.

Os bastidores de uma cerimônia de casamento meticulosamente planejada para ser grandiosa mas tão "burguesa" que dá com os burros n'água. A princípio tem-se a impressão que Roberto Altman vai criar uma obra-prima, pela cuidada confecção e iconoclastia, pela maneira perversa como concebe os personagens e situações e utiliza o elenco. Mas logo os excessos (que por pouco não parecem os de um diretor "cinema novista" ou "boca de lixo" daqueles bem "moles-tia infantil") começam a tornar tudo repetitivo e ineficiente. O excesso de inúteis observações

ferinas tornam-se descaramento, mau gosto, ausência de perspectiva. E descamba para um *O discreto charme da burguesia* sem o charme, o toque certo de Buñuel. Na certa Altman esqueceu de que em 1918 o pioneiro Lubtsch já trilhava com êxito o mesmo caminho com *A princesa das ostras*. No elenco, o diretor John Cronwell, quase desrespeitado como o caduco bispo, a maravilhosa Geraldine Chaplin de *Cria cuervos* também em personagem que indevidamente se revela “esquisito” e uma Viveca Lindfors envelhecida e maltratada, mas ainda um “show” de interpretação bem *Real Escola de Arte Dramática de Estocolmo*.

A lira do delírio

10 de junho de 1979

Nacional (Rio), 27 de novembro de 1978, 105 minutos. **Produção:** Walter Lima Junior Produções Ltda. R. F Farias Produções Cinematográficas/Embrafilme. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor, direção, roteiro, argumento:** Walter Lima Junior. **Fotografia, câmera:** Dib Lutfi. **Cenografia:** Regis Monteiro. **Vestuário:** Nazareth Teixeira. **Musica:** Paulo Moura. **Montagem:** Mair Tavares. Em Eastmancolor. **Elenco:** Anecy Rocha, Cláudio Marzo, Paulo César Pereio, Antônio Pedro, Othoniel Serra, Tonico Pereira, Pedro Bira, Isabela Campos, João Lored, Rosita Thomaz Lopez, Jamelão, Olinda Ribeiro, Lone Nunes, Guri Guri, Jorge Mourão, Marilza, Flávia, Álvaro Freira.

74

No desoladora atual panorama do cinema nacional, uma de suas raras e mais esperadas prováveis exceções. Filme que marca o derradeiro desempenho de também uma de suas mais raras personalidades e vocações de intérprete: Anecy Rocha. Anecy que ainda em sua antepenúltima aparição, a da quase infantil "*gun moll*" de *O amuleto de Ogum*, cercada de condições adversas e de tantas impossibilidades e grosserias havia dado um "show" de interpretação, parecendo um misto de Ingrid Bergman dos primeiros tempos e da hoje esquecida Mariana Nixon dos últimos tempos do mundo primeiro dos sonoros, Anecy Rocha, que sem seus infelizmente poucos e espaçados trabalhos para o nosso extremamente injusto e egoísta ambiente de cinema, sempre re-

velou um talento e virtudes de tipo fora de série e que, para lacuna maior desse mesmo ambiente, há três anos pereceu num absurdo acidente de elevador. Pois Anecy é a razão maior de ser, é toda a maior e melhor motivação deste filme que seu marido, o diretor Walter Lima Junior, que há muito (1973, no mínimo) vinha planejando para ela. Aqui ela é Nesse Elliot, uma "call-girl" da Lapa, que vai participar de *Lira do delírio*, nome fictício de um bloco de foliões de Niterói, e vive uma aventura de fantasia e de angústia quando um seu preterido apaixonado resolve fazer uma chantagem maldosa, sequestrando o filhinho de colo. Musical? Talvez sim, mas não é a maneira habitual do cinema brasileiro e sim consubstanciando as vivendas carioca, de crítico e de cineasta de Lima Júnior. Algo talvez como na liha da noite de *Mardi Gras* do episódio de Betty Field em *Os mistérios da vida*, de Duvivier, da perseguição durante o desfile de carnaval na New Orleans do *Algemas para dois*, de Dassin, ou na farândula de dragões e de escravas engaioladas na festa de Ano Novo do *Tensão em Shangai*, de Josef Sternberg. De qualquer maneira afora outras possíveis virtudes (como a contenção de Cláudio Marzo), pela definitivamente última visão de Anecy, e pelo empenho de seu diretor, um filme nacional a ver.

Os sapatinhos vermelhos

01 de julho de 1979

("The red shoes") - Inglaterra, 1948. **Produção:** IP - Archers. **Distribuição atual:** Condor Filmes. **Produtores, diretores, roteiristas:** Michael Powell, Emeric Pressburger. Baseado em história de Hans Christian Andersen. **Fotografia:** Jack Cardiff. **Desenhos de Produção:** Hein Heckroth. **Direção de Arte:** Arthur Lawson, Alfred Roberts, Ivan Bedoes, Joseph Nathanson. Coreografia: Robert Helpmann. **Vestuário:** Jacques Fath, Mattli Carven. **Musica:** Brian Easdale. **Montagem:** Reginald Mills. Em Technicolor. **Elenco:** Aton Walbrook, Marius Goring, Moira Shearer, Vobert Helpmann, Leonide Massime, Ludmilla Tcherina, Esmo Knight, Jean Short, Gordon Littman.

76

A eterna situação do Pigmalião-Galatéia, do monstruoso Svengali dominando a doce Trilby, ou, mais explicitamente, do mestre que, se apaixonando, subjuga e aterroriza a disciplina, aqui combinada ao andesiano conto de fadas da moça que ao calçar os sapatinhos encantados dados por um sapateiro-feiticeiro não mais consegue parar de dançar até morrer. A parábola é evidente e diz tudo das preocupações da dupla Powell & Pressburger (então no auge de seu prestígio, sua ambição e seu requinte deliquescente) com o mundo do "*ballet*", aplicado ao suntuoso e "artístico" o cinema. Então ambos eram cineastas discutíveis; hoje, com a decadência geral, poderão parecer até meritórios. Na coreografia, Masine e Helpmann. Na dança, além de ambos e da

heroína Moira Shearer, a então envolventíssima “*ballerina*” Ludmilla Tcherina. Como o terrível empresário, o germânico Adolf Wohlbrueck que a guerra levou à Inglaterra para se tornar Anton Wallbrook. A fita aqui foi originalmente lançada em janeiro de 1950, no Ipiranga, em distribuição da Eagle - Lion / UCB.

Crueldade mortal

23 de setembro de 1979

Nacional (Rio), 16 de janeiro de 1978, 92 minutos. **Produção:** Sincro Filmes / Embrafilme / Sincrocine / L. P. Santos. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor executivo:** Pedro Carlos Rovai. **Direção, argumento:** Luis Paulino dos Santos. **Roteiro:** Luiz Paulino dos Santos, Severino Dadá. **Fotografia:** Helio Silva. **Montagem:** João Ramiro Mello. **Música:** Geraldo Azevedo. Em Eastmancolor. **Elenco:** Jofre Soares, Marieta Severo, Maurício do Vale, Ilva Niño, Emanuel Cavalcanti, Jaime Barcelos, Mariene França, Antônio Pitanga, Rafael de Carvalho, Haroldo de Oliveira, Glória Cristal, Jota Diniz, Carlão Elegante, Milton Vilar, Virginia, Tonico Pereira, Antonio Carnera.

78

Se contarmos o argumento original ou o ponto de partida inicial, bem como as primeiras “rodagens” de *Barravento* (o filme que depois foi retomado por Glauber Rocha), o terceiro longa-metragem do baiano Luiz Paulino dos Santos. O segundo foi aquele deslocado *Mar corrente*, com Odette Lara, Paulo Autran e Oduvaldo Viana Filho. Mas este é a produção mais ambiciosa (a primeira a cores) de Paulino, estranha, ou pelo menos surpreendentemente patrocinada ou subvencionada em grande parte por Pedro Rovai, o mais bem sucedido produtor-diretor de duas “porno-chanchadas” ou melhor “porno-malukuices”, “porno-destruições”, ou “porno-nonsenses” como a *Viúva virgem* e *Ainda agarro esta vizinha* (claro que aqui não estamos incluindo as

comédias de gênero aparentado mas mais “compostura” realizadas por Reginaldo Farias como *Os paqueras*, *Pra quem fica*, *tchau!* e *Os machões*). Voltando porém a *Crueldade*, estamos diante da versão cinematográfica de um dos casos mais típicos e contraditórios da crônica policial dos subúrbios cariocas, realmente ocorrido uns dois anos antes da realização deste filme (76): o linchamento de um quase mendigo, um velho com o qual justa, ou mais injustamente, a população de algumas daquelas sinistras aglomerações suburbanas da periferia fluminense antipatizava e certa noite subjugou e prendeu a um poste, seviciando-o até monstruosamente a morte do infeliz na manhã seguinte. Linchamento puro e simples, não merecedor de outra palavra. Claro, a concepção e produção são de empenho e Luiz Paulino dos Santos esmerou-se na realização o mais que pôde. Talvez demais, até, tanto que não obstante a vulgaridade excessiva de certos personagens e interpretações (notadamente a de Marieta Severo, uma das que vão a tal ponto que até neutralizam o efeito de desumanidade que deveriam dar) estamos diante de uma obra por demais elaborada, até sofisticada ou branca (o mesmo, aliás, por erro de cálculo, havia ocorrido com *Mar corrente*). A fita foi originalmente lançada no Festival de Gramado de janeiro de 1977 (onde Marlene França, aliás, bem em um

bom papel, ganhou o prêmio de melhor atriz coadjuvante) e só um ano depois é que chegou aos cinemas do Rio. E apenas agora chega até nós, o que constitui flagrante absurdo. Mas sua revelação, sua culminância é a sequência com a sugestiva mulata Glória Cristal no papel da premonitória e indefinível porta-estandarte da escola de samba, a qual só com duas cenas consegue dar mais dimensão ao drama em pauta e ao filme em si, que tudo o que lhe antecedeu e depois sucede. O momento da morte sugerida pela descida em "*flo*" da pluma colorida do chapéu de Glória é uma das coisas mais bonitas e funcionais que já se conseguiu em nosso cinema. Infelizmente a belíssima e promissora atriz posteriormente não foi mais requisitada para nada à altura de sua revelação. De qualquer maneira um filme a ver.

O ovo da serpente

30 de setembro de 1979

“Das Schiengenei” - “The Serpent’s Egg”) - Alemanha - Estados Unidos, fevereiro de 1978, 119 minutos. **Co-Produção:** Rialto Film (Berlim Ocidental) - Dino De Laurentis Corporation (Los Angeles).

Distribuição: Paris Filmes. **Produtor:** Dino De Laurentis. **Executivo:** Horst Wendlandt. **Direção, roteiro:** Ingmar Bergman. **Fotografia:** Sven Nykvist. **Desenhos de Produção:** Rolf Zehetbauer. **Direção de Arte:** Werner Achmann, Herbert Strabel. **Artista Cênico:** Frede Friedrich Thaler. **Vestuário:** Charlotte Flemming, Egon Strasser, Ute Klimke. **Coreografia:** Heio Hallhuber. **Musica:** Rolf Wilhelm. **Montagem:** Jutta Hering. Em Eastmancolor. **Elenco:** Liv Ullman, David Carradine, Gert Froebe, Heinz Bennet, James Whitmore, Glynn Turman, Georg Hartmann, Edith Heerdegen, Kyra Miadeck, Fritz Strassner, Hans Quest, Wolfgang Weiser, Paula Braend, Walter Schmidinger, Lisi Mangold, Grischa Huber, Paul Burks, Gaby Dohm, Charles Regner, Helno Hallhuber & Irene Steinbesser.

81

Um Bergman traumatizado pelo seu incidente com o fisco sueco e aproveitando o malogrado golpe hitlerista de 1923, para fazer “um filme de terror” segundo suas próprias expressões e as da maioria da crítica. Esperemos que ele aqui não repita o que Chaplin fez em *Um rei em Nova York*, Visconti em *Os deuses malditos*, e Bob Fosse em *Cabaret*, isto é, não use a facilidade política e tenha tratado de atingir o mesmo nível social e cinemático de exceção de *Gritos e sussurros*.

Apocalypse now

23 de dezembro de 1979

("Apocalypse now") - Estados Unidos, agosto de 1979, 153 minutos. **Produção:** Omni Zoetrope. **Distribuição:** Condor Filmes. **Produtor, diretor:** Francis Ford Copolla. **Co-Produtores:** Fred Roos, Gray Frederickson, Tom Sternberg. **Associada:** Mona Skager. **Roteiro:** John Millus, Francis Ford Copolla. **Narração:** Michael Herr. **Fotografia:** Vittorio Storaro. **Desenhos de Produção:** Dean Tavoularis. **Direção de Arte:** Angelo Graham. **Decorações:** George R. Nelson. **Montagem:** Richard Marks. **Música:** Carmine e Francis Ford Copolla. Em 70mm e a cores. **Elenco:** Marlon Brando, Robert Duvall, Martin Sheen, Frederic Forrest, Albert Hall, Sam Bottoms, Larry Fishburn, Dennis Hopper, G. D. Spradin, Harrison Ford, Jerry Ziemer, Scott Glenn, Cyndi Wood, Collen Camp, Linda Carpenter, Bill Graham.

82

Antes de mais nada um elogio à Condor Filmes por importar produções caras e importantes como *O último tango* e esta. Mas, impossível não dizer: mais do que o pretendido e subliminar *Apocalypse* contra os EUA (será que só os EUA?) desejado pela "festiva" ou pelas "viúvas" da causa norte-vietnamita, uma prova de que grande cinema não pode ser obtido por cálculo comercial, oportunismo ideológico ou em estado de viagem lisérgica. Antes ou ao tempo de *Cidadão Kane* (40/41) Orson Welles já pensava em levar à tela *Heart of darkness* de Joseph Conrad. Ainda sem fama e com pouco orçamento Copolla fez bonito filme como *Caminhos mal traçados* (*The*

rain people), há já dez anos. Mas lançando-se a sarcasmos descabidos, querendo agradecer justamente aqueles suicidas ou assassinos dos 25.000 anos de sedimentação da humanidade, só pode merecer o mesmo que eles: uma boa autópsia intelectual, moral, ética, lá o que seja. Não fosse o começo e algo no fim o que transparece do universo de Conrad (*Lord Jim, Victory, etc*) e o filme só teria aquilo com que a "super-produção" sempre pode enganar - alguns cuidados plásticos e efeitos grandiloquos, a par de frieza, obumbração mental, arritmia cinemática, total ausência de estrutura e a harmonia criadora. Apocalipse sem, mas não premeditado.

1980

As festas do coração

06 de janeiro de 1980

("Les Fetes Galantes") - França, 1956. **Co-Produção:** S. N. E. Gaumont (Paris) - Studios Bucuresti (Bucareste). **Distribuição:** Gaumont do Brasil. **Produtor:** Alain Poiré. **Direção, roteiro, diálogos:** René Clair. **Fotografia:** Christian Matras. **Decórs:** Georges Wakewitch. **Música:** Georges Van Parys. Em Scope e Eastmancolor. **Elenco:** Jean-Pierre Cassel, Philippe Avron, Jean Richard, Genevieve Casile, Marie Dubois, Gyorgy Kowacz.

84

Durante 42 anos, de 1923 a 1965 (época desta fita) René Clair foi um dos mais felizes e elogiados diretores do cinema mundial. Em parte explica-se: ele tinha a crítica francesa sempre ufanista e narcísica a seu lado. E trabalhou com igual entusiasmo e ótima acolhida não só na França como também na Inglaterra, EUA e Itália. Aqui temos sua última realização, feita em co-produção com os romenos. E a julgar pela sinopse, Monsieur Clair continua fiel ao seu universo, um universo que tanto lhe vem de Watteau, como às vezes até com pitadas de Rabelais. Uma espécie de epopéia heróico-cômica. soldado mercenário (Cassel) e camponês (o delinquentíssimo Philippe Avron de *Fifi, la Plume*) envolvidos a força numa guerra que o primeiro não compreende bem e o segundo pouco se importa em compreender. Estamos no século XVII e uma cidade há muito

tempo está sitiada, com a fome causando estragos entre as tropas do marechal d'Allenberg (o famoso ator romeno Kovacs), cuja sobrinha, a princesa Helena (Genevieve Casile) não aprova as ambições belicosas do tio. Do outro lado os sitiadores numa tremenda "dolce vita", esperando que a inanição obrigue o inimigo à rendição. E eis senão quando o príncipe Beaulieu (Jean Richard), a fim de impedir que suas já felizes tropas não se aborream, manda vir de Paris uma companhia teatral cuja "vedete" é a encantadora Mmlle. Divia (Marie Dubois). A fita já foi lançada no Rio há uns 15 meses e é mais uma das importações da Gaumont do Brasil que indevidamente estavam compelidas ao encalhe neste tremendo mercado exibidor de São Paulo. Assim, pois, mais uma vez louvores à ação meritória do programador do Cine Sesc.

Os noivos

20 de janeiro de 1980

Nacional (Rio), 10 de dezembro de 1979, 90 minutos. **Produção:** Aleph Filmes / Scorpius Filmes. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor executivo:** Adnor Pitanga. **Direção, roteiro, argumento:** Afrânio Vital. **Fotografia:** Edison Santos. **Cenografia, figurinos:** Paulo Chada. **Montagem:** Marco Antônio Cury. **Música:** excerto de Eric Satie, John Coltrane, Johnny Mathis. **Títulos:** Edison Carvalho. **Colorido.** **Elenco:** Neila Tavares, Reinaldo Gonzaga, Maria Lucia Dahl, Sonia Oiticica, Norma Sueli, Silvano Lopes, Julia Miranda.

86

A inteligência, a sensibilidade, o empenho, o conhecimento literário e, sobretudo, o amor ao cinema, seu ecletismo e imparcialidade fazem de Afrânio Vital um elemento raro em nossa "jungle" de celulóide. E aqui está seu longa-metragem. Não o de estréia, pois este, por impossibilidade financeira, ficou em copião. Mas o primeiro a chegar ao público. Gira em torno de um noivado na classe média, sofredora, mais que proletarizada e submetida às mais inimagináveis pressões: um noivado cujos seis anos de duração já criaram um clima insuportável, até que explode a solução-desenlace, desesperada e terrivelmente reveladora. Neila Tavares, que parece ter amadurecido a ponto de se tornar a figura mais essencialmente sensual do cinema brasileiro e Reinaldo Gonzaga formam o par central, secundados por uma Maria Lucia Dahl que só em *Revólver de brinquedo* é que poderá ter estado tão autêntica. Um filme nacional obrigatório.

Caro Michele

27 de janeiro de 1980

("Caro Michele") - Itália, 1976/77. **Produção:** Flag Film. **Distribuição:** Omega. **Produtor:** Gianni Hecht Lucari. **Direção:** Mário Monicelli. **Roteiro:** Suso Cecchi D'Amico, Tonino Guerra. Do romance homônimo de Natalia Giuzburg. **Fotografia:** Tonino Delli Colli. **Cenografia:** Lorenzo Baraldi. **Vestuário:** Gitt Magrini. **Musica:** Nino Rota. **Montagem:** Ruggero Mastroiani. Em colorido TechnoSpes. **Elenco:** Mariangela Melato, Delphine Seyrig, Aurore Clement, Lou Castel, Fabio Carpi, Isa Danieli, Eriprando Visconti, Renato Romano.

Um filme italiano um tanto estranho. Monicelli (*Os companheiros*, *L'Armata Brancaleone*, *La Ragazza con la Pistola*, etc) tentando uma fábula sentimental, maternal e dramática, tendo como epicentro Mariangela Melato, que é cômica e pode ser dramática, mas não substitui Anna Magnani. Também no elenco, a beleza, provavelmente aqui sem função, da marienbadeana Delphine Seyrig e Lou Castel para fornecer o toque político, contestatório ou simbólico. E ainda duas curiosidades. Uma geral: a presença do também diretor Eriprando Visconti, sobrinho de Luchino. E outra local: também como ator o mesmo Fábio Capri que na Vera Cruz foi o roteirista do clássico *Uma pulga na balança* e também de *Sinhá Moça*, e *Floradas na Serra*.

O mágico inesquecível

03 de fevereiro de 1980

("The Wiz") - Estados Unidos, outubro de 1978, 134 minutos.

Produção: Motown - Universal. **Distribuição:** C.I.C. **Produtor:** Rob Cohen. **Direção:** Sidney Lumet. **Roteiro:** Joel Schumacher. Da peça musicada "The Wiz", de F. Brown e do livro "The Wonderful Wizard of Oz", de L. Frank Baum. **Fotografia:** Oswald Morris. **Desenhos de produção, vestuário:** Tony Walton. **Direção de arte:** Philip Rosemberg. **Decorações:** Edward Stewart, Robert Drumheller. **Coreografia:** Louis Johnson. **Montagem:** Dede Allen. **Canções:** Charlie Smalls. **Direção musical:** Quincy Jones. Em Technicolor. **Elenco:** Diana Ross, Michael Jackson, Nipsey Russel, Ted Ross, Lena Horne, Richard Pryor, Mabel King, Theresa Merritt, Thelma Carpenter, Stanley Greene, Clyde J. Barret, e dançarinos do Louis Johnson Dance Theatre.

88

A felicidade está em nós mesmos, reside no quintal ou na sala de nossa casa. O pássaro azul que procuramos longe é aquele que temos ali mesmo em nossa gaiola. A moral simples - e verdadeira? - destas duas fábulas são tão semelhantes que é de se pensar se Frank Baum ao escrever *Oz* teve alguma influência de Maeterlinck. A primeira versão cinematográfica da história de Baum, surgida em abril de 25, aqui foi exibida como *O feiticeiro de Oz*, um ano depois. E a de 39, com a canção *Over the rainbow* e direção de King Vidor na melhor sequência, justamente quando Judy Garland a cantava no prólogo-epílogo em branco-e-preto transformou a então adolescente atriz-cantora imediatamente numa lenda. Vem

agora esta versão “*black*” transplantada da Kansas de 1900 para a Nova York “*black*” de nossos dias e vira mais um “musical” que a Broadway - ao contrário do que antes sucedia - foi decalcar de um antigo êxito do cinema. O transporte e, sobretudo, atualização para a nossa “modernosa”, poluída, selvagem e monstruosa época, a julgar principalmente pelas referências do crítico inglês Rom Milne, poucas ou em nenhuma vez poderá ter dado tão certo, não obstante a inesquecível lembrança da imagem e voz de Judy Garland. Aqui Diana Ross faz a heroína, uma professora de 24 anos que vive no Harlem e a qual tia Ema insiste que deve casar. Tem começo então a intriga na qual a transposição de ambientes e o acerto de simbologias, alusões, muito poderá ter dado margem para que Sidney Lumet aqui obtenha algo equivalente à atmosfera e sugestão do seu “sulista” e maldito *Brutalidade desenfreada*.

Norma Rae

17 de fevereiro de 1980

("Norma Rae") - Estados Unidos, março de 1979, 114 minutos.

Produção: Martin Ritt / Rose and Asseyev / Fox. **Produtores:** Tamara Asseyev, Alex Rose. **Direção:** Martin Ritt. **Roteiro:** Irving Ravetch, Harriet Frank Jr. **Fotografia:** John A. Alonzo. **Desenhos de produção:** Walter Scott Herndon. **Direção de arte:** Tracy Bousman. **Decorações:** Gregory Garrison. **Vestuário:** Michael J. Harte, Agnes J. Lyon. **Montagem:** Sidney Levin. **Música:** David Shire. Canção "It Goes Like It Goes", de David Shire e Norma Gimbel, cantada por Jennifer Warnes. Em Panavision e colorido "De Luxe". **Elenco:** Sally Fields, Beau Bridges, Ron Leibman, Pat Hingle, Barbara Baxley, Gail Strickland, Morgan Paull, Robert Broyles, John Calvin, Booth Colman, Lee De Broux, James Luisi, Best Freed.

90

Uma guinada de 330 graus a carreira de Martin Ritt. À exceção, talvez do *"all back" Lágrimas de esperança (Sounder)* e de *Peter and Tillie*, ele sempre nos pareceu politicamente, um "aproveita a onda", um "moléstia infantil", algo demagogo e, cinematograficamente, um frio e "premeditado" um "ansioso pelo brilho". Mas vem este filme, uma biografia (verídica?) de uma tosca tecelã do Sul dos EUA que, graças à amizade e orientação de um ativista judeu do Norte, se transforma uma lúcida e corajosa líder sindical, e a reviravolta e a redenção parecem quase totais. Um filme lindo e tocante em seu realismo e no retrato autêntico que faz do medíocre e sofrido cotidiano de uma comunidade de operários do

Sul. Num momento como este, grave para o cinema de Hollywood, que perdeu seu refinamento e intensidade atmosférica e alegórica, sem adquirir a crueza oposta que era o forte dos cinemas europeu e japonês, *Norma Rae* constitui uma grata revelação. Parece até que, através dos roteiristas Ravetch e Frank Jr. (que vieram da Metro), por aqui andou a mão ou influência de King Vidor. Quase excepcional em tudo, *Norma Rae* conseguiu também o milagre de ganhar em Cannes um prêmio justo e merecido: o de melhor atriz para Sally Field, até então a obscura estrelinha do tele-seriado *Noviça voadora*. Sua atuação, também premiada pela crítica de Nova York, é sincera, maravilhosamente verista e lembra em muita coisa os grandes momentos ou os grandes papéis de Sylvia Sidney, Anne Baxter ou Ida Lupino. Isto é que é cinema de esquerda ou o que o pretense cinema de esquerda deveria sempre ser. Desde já um dos melhores filmes do ano. Obrigatório.

Dillinger está morto

17 de fevereiro de 1980

("Dillinger é morto") - Itália, 1968. **Produção:** Pegaso Film. **Distribuição:** Filme Center Internacional / Rush Filmes. **Produtores:** Alfred Levy, Ever Haggiag. **Direção, argumento:** Marco Ferreri. **Roteiro:** Marco Ferreri, Sérgio Bazzini. **Fotografia:** Mário Vulpiani. **Cenografia:** Nicola Tamburro. **Montagem:** Mirella Mencio. **Música:** Téu Usuelli. Em Eastmancolor. **Elenco:** Michel Piccoli, Anita Pallenberg, Gigi Lavagetto, Carla Petrillo, Mario Jannilli, Carole André, Adriano Aprá e Anie Girardot.

92

Repetimos. Marco Ferreri é daqueles diretores que, em certos períodos, temos vontade de considerar o maior de seu momento. Como seria bom se neste deserto artístico que é o nosso ambiente exibidor chegassem os seus três primeiros filmes, os que realizou na Espanha, entre 1958 e 60: *Il Pisto & Pisito & Los Chicos* e *El Conhecito*. Este *Dillinger está morto* é italiano de 68 e foi feito depois do brutal e deflagrador *L'Harlém* e antes do hiperbólico *Il Seme dell'Uomo*, todos, claro, ainda invisíveis neste dito "paraíso cinematográfico". Nele Ferreri ousa uma dessas obras desassombradas no mundo do mercantil do espetáculo: uma história onde nada acontece, onde não ha grandes lances, não há drama, não há movimento, não há o interesse de rotina. Um *Themroc*, mas um *Themroc* de outro tipo. Talvez mais a falta de drama do extraordinário *L'Uomo del Cincque Palloni* ou o "absurdo real",

respectivamente polanskianos *A faca na água* ou *Cul-de-Sac*. Vale dizer: obra-prima à vista. Cinema para a inteligência. Cinema para o culto à verdade, para a verdade oculta. E grandes intérpretes como Piccoli e Annie Girardot. Também para a lista dos dez mais do ano.

Revólver de brinquedo

17 de fevereiro de 1980

Nacional (Rio), 10 de setembro de 1979, 95 minutos. **Produção:** Battaglin Produções Cinematográficas / Embrafilme. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor executivo:** Roberto Battaglin. **Direção:** Antonio Calmon. **Roteiro, argumento:** Leopoldo Serran. **Fotografia:** Miguel Rio Branco. **Cenografia, figurinos:** Marília Carneiro. **Montagem:** Raul Correia Soares. Em Eastmancolor. **Elenco:** Tereza Rachel, Helber Rangel, Maria Lúcia Dahl, Wilson Grey, Roberto Battaglin, Thais Portinho, Radar, Creusa de Carvalho, Rubens Araújo.

94

Senão para a lista dos dez estrangeiros, certamente para a dos dez melhores nacionais, esta fita que estava pronta desde o último quadrimestre de 1977 e vinha sendo protelada pela exibição, até que em setembro passado o Cinema I do Rio decidiu desencilhá-la. O atraso, o receio, longe de significar desprestígio, só a engrandece. Parte daquilo que *Os noivos*, de Afranio Vital, tinha em princípio e que *Mar de rosas*, de Ana Carolina, e o também extraordinário *A volta do filho pródigo*, de Ipojuca Pontes, conseguiram “in totum”: foi naturalmente concebido, antes de mais nada, como um filme de cinema que deve ser - para resultar uma harmônica, significativa e completa obra de arte. Uma obra íntegra e integral. Aqui talvez a influência seja a de um *I Pugni in Tasca*, de Bellochio. Mas não há imitação. Há influência assimilada e recriação em outro reflexo ficcional.

Homem (o mesmo Helber Rangel do filme de Ipojuca) chega aos 28 anos, casto e vigiado pela mãe dominadora, fascinante e castradora (Teresa Raquel, exata, peremptória). Refugia-se nos livros policiais, imagina-se um Bogart ou um Alan Ladd, compensa sua frustração sexual imaginando empunhar um sintomático revólver de brinquedo. Surge então a realidade, na pessoa de uma carioca liberada, Leninha (Maria Lúcia Dahl em seu grande momento no cinema). E o drama se desencadeia. Talvez o filme seja mais o roteirista Serram que o diretor Calmon. Ma é o que todos os cinemas do mundo têm e que não costuma acontecer no nosso: um filme feito apenas para ser um filme. Espectador que se preza não pode perder.

Bye bye Brasil

17 de fevereiro de 1980

Nacional (Rio), 18 de fevereiro de 1980. **Produção:** Produções Cinematográficas Luis Carlos Barreto Ltda. **Distribuição:** Embrafilme.

Associados: Walter Clark, Bruno Barreto, Carlos Henrique Braga, Luciela Vilela. **Produtora:** Lucy Barreto. **Executivo:** Marco Altberg.

Direção, roteiro, argumento: Carlos Diegues. **Colaboração no roteiro:** Leopoldo Serran. **Fotografia, câmera:** Lauro Escorel Filho.

Cenografia, figurinos: Anísio Medeiros. **Cenógrafo Assistente:** Paulo Chada. **Coreografia:** Carlos Machado. **Montagem:** Mair Tavares. **Direção musical:** Roberto Menescal. Em Eastmancolor.

Elenco: Betty Faria, José Wilker, Fábio Júnior, Zaira Zambelli e Príncipe Nabor, Emanuel Cavalcanti, José Márcio Passos, Jofre Soares, Carlos Kroeber, Rodolfo Arena Catalina Bonaky, Rinaldo Genes, Marcus Vinicius, Oscar Reis, Cleodon Gondin, José Carlos Lacerda, Marieta Severo.

96

Uma das "*pieces de resistance*" do "cinema-novismo" este ao e é só esperar para ver o delírio pré-estipulado ou deliciosamente ofertado (o Poder, mesmo quando auto-disfarçado de contestação ou ameaça de subversão é um verdadeiro Bezerra de Oro em nosso infalível ambiente "cultural" ou de luta pela mordômica auto-sobrevivência), o delírio de loas que já começaram a jorrar, que vão formar um verdadeiro e furioso iguaçu. Claro, a apreciação, em muitos casos pode ou poderia ser sincera. E na própria filmografia do diretor Diegues há um antecedente, *Quando o carnaval chegar*, onde, por incrível que pareça,

até Nara Leão e Maria Bethânia estavam bem como atrizes. Mas há também o precedente perigosíssimo de *Xica da Silva*. Ainda que um mais humano *Chuvas de verão* o tenha sucedido. Esta fita, porém, também sucede a alguns projetos plumitivos de "aquarelas do Brasil" e parece que sucede também a filmes estrangeiros como o *Voyage de Comediens*, do grego Angelopoulos ou a mais um ou outro *Do Oiapoque ao Chuí*, ou a algum *Polichinello* ou *Comédia Del'Arte* que muita gente andou cogitando. E, inclusive, vem depois do produzido com poucos recursos mas nem por isso menos funambulesco e por momentos cruelmente significativo e patético *Gargalhada final* que Xavier de Oliveira realizou há mais de dois anos e que continua inédito nesta pouco vigilante São Paulo. E com 22 milhões de cruzeiros, pelo menos uns quatro ou cinco *Gargalhadas finais* poderiam ter sido co-produzidos pela mesma Embrafilme ou pelo próprio produtor Barreto, com a vantagem de dar mais oportunidades a equivalente número de outros cineastas do Rio mesmo e de possibilitar com melhor respaldo, outras novas visões de problemas da nacionalidade outro tanto mais diversificados.

A noite

09 de março de 1980

("La Notte) - Itália, 1961, 122 minutos. **Produção:** Nepi Film - Silver Film (Roma) - Sofidetip (Paris). **Distribuição:** Price Filmes. **Produtor:** Emanuelle Cassunto. **Direção, argumento:** Michelangelo Antonioni. **Roteiro:** Michelangelo Antonioni, Enio Flaiano, Tonino Guerra. **Fotografia:** Gianni Di Venanzo. **Cenografia:** Piero Zuffi. **Vestuário:** Biki. **Música:** Giorgio Gaslini. **Montagem:** Eraldo da Roma. **Elenco:** Jeanne Moreau, Marcello Mastroianni, Monica Vitti, Bernhard Wicki, Maria Pia Luizi, Rosy Mazzacurati, Guido A. Marsan, Gitt Magrini,, Vincenzo Corbella, Giorgio Negro, Roberto Speroni, Ugo Fortunati, Vittorio Bertolini, Valaneitino Bompiani, Salvatore Quasimodo, Giansiro Ferrata, Roberto Danesi, Ottiero Ottieri.

98

Foi com Antonioni, com sua trilogia consubstanciada no anterior *L'Avventura*, no posterior *L'Eclipse* e sobretudo com este extraordinário *La Notte* que o cinema italiano começou a deixar de ser a má influência negativa, a má imposição da enxurrada de propaganda stalinista que, no imediato pós-guerra "surpreendeu", "sacudiu" e "conquistou" a opinião pública em geral e sobretudo a "crítica" internacional, já então louca, louquinha para bancar o cordeiro e na verdade jogar o mundo nas garras do urso moscovita. Foi Michelangelo Antonioni quem mudou para o verdadeiro cinema a essência e a influência exercida pelo cinema italiano. Desde de um decênio antes Ingmar Bergman vinha também fazendo

cinema na verdadeira, antiga e, ao mesmo tempo, revolucionária maneira, mas o fazia na marginalizada Suécia e se Antonioni não tivesse cortado o foco na raiz, se Antonioni não tivesse desmascarado e tornado patente o que estava acontecendo ali na própria Itália, a recuperação jamais teria sido possível. E agora temos de novo este filme capital. Já passou há algum tempo na televisão, mas televisão é um sucedâneo muito imperfeito para qualquer avaliação fílmica, e o que conta agora é sua reprise em sala de cinema. Em verdade, nada do que o cineasta de Milão faz aqui é muito diferente do grande cinema que sempre apresentou, sempre exigiu. Mas arte, criação legítima haviam sido postas fora da lei pelos asseclas do cine-comunismo internacional. A fita tem, em intimismo, em humanidade, em poder de síntese e de sugestão, em captação da poesia de tudo o que se relacione com o humano, inegáveis pontos de contato com o que sempre o fizeram Brown, Lang, Vidor, K. Howard, von Sternberg, bem como injustiçados como Newman, Salkow, Gordon e tantos outros. Mas o seu tempo, a "novidade" de então se ver cinema do antideboche, da antifacilidade, da anticoncessão, da anticanalhice, esta "novidade" sim, então "sacudiu", "surpreendeu" e "conquistou", senão a unanimidade da crítica e da opinião geral, pelo menos aquela parte consciente e atenta, que é a

que impede a mais rápida destruição ou o total banimento das obras de arte. Com Jeanne Moreau e Marcello Mastroianni, então justamente tidos como o ator e a atriz mais importantes na tela, com uma visão singularmente atenta dos fenômenos, do “mal da época” que então se apoderava das pessoas, *La Notte* é sempre um filme de exceção, cuja reprise em absoluto pode ser ignorada. Aqui foi originalmente lançado a 21 de junho de 1962, no extinto Cine Rivoli.

Gaijin, caminhos da liberdade

23 de março de 1980

Nacional (Rio), 24 de março de 1980. **Produção:** CPC - Centro de Produção e Comunicação Ltda. / Embrafilme / Igreja Messiânica Mundial do Brasil / Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtores associados:** Sumiko Akiyoshi Yamasaki, José Gomes Frasso. **Direção:** Tizuka Yamasaki. **Roteiro original:** Tizuka Yamasaki, Jorge Duran. **Versão dos diálogos para o japonês:** Augusto Yamazato. **Revisão dos diálogos em português:** Vida Alves. **Fotografia, câmera:** Edgar Moura. **Direção de arte:** Yuriko Yamasaki. **Montagem:** Lael Alves Rodrigues, Vera Freire. **Música:** John Neschling. **Títulos:** Yuriko Yamasaki, Takashi Fukushima. Em Eastmancolor. **Elenco:** Kyoko Tsukamoto, Antonio Fagundes, Jiro Kawarasaki, Gianfrancesco Guarnieri, Alvaro Freire, José Dumont, Carlos Augusto Strasser, Yuriko Oguri, Louise Cardoso, Clarisse Abujamra, Kenichi Kaneko, Oswaldo Barreto, Cuberos Neto, George Arnold Vigar, Misaki Tanaka, Paulo Yamaguchi, Carlos Costa, Maiku Kozonoi, Celso Saiki, Wanda Marchetti, Kiyoharu Yokoi, Yosiaki Hirota, Lineu Dias, Mika Matsuzake, Shinobu Goto, Tima Mizumoto, Yutaka Saeki e Doroti Leirner, Kunio Sugimoto, Sady Cabral.

101

Voz geral. Filme que custou só metade (11 milhões) do orçamento de *Bye bye Brasil*, mas parece ter pelo menos três vezes mais de produção. O primeiro a abordar o importantíssimo e grato fenômeno da imigração japonesa no Brasil. E, também, o que marca a estréia de uma realizadora, Tizuka (ou Chizuko?) Yamazaki, jovem "nissei" que estudou cinema em Brasília e no Rio e começou como assistente de Paulo Thiago

(*Sociedade*), Nelson Pereira dos Santos (*O amuleto de Ogum e Tenda dos milagres*) e Glauber Rocha (o ainda não estreado *A idade da terra*). "Rodado" em apenas nove semanas, o filme atesta a capacidade de trabalho e comando da jovem diretora e parece ter, aliás, na participação dos artistas (sobretudo a protagonista Kyoko Tsukamoto) e figurantes nipônicos, seu ponto naturalmente mais convincente, não obstante as presenças já comprovadamente efetivas dos nossos "ocidentais" Gianfrancesco Guarnieri, Lineu Dias, Louise Cardoso, etc. Um esforço inédito a ser analisado e prestigiado.

O grito

06 de abril 1980

("Il Grito") - Itália, 29 de novembro de 1957, 116 minutos. **Co-produção:** S.P.A. Cinematográfica (Roma) / Robert Alexander Productions (Nova York). **Distribuição atual:** Polifilmes. **Produtor:** Franco Cancellieri. **Direção, argumento:** Michelangelo Antonioni. **Roteiro:** Michelangelo Antonioni, Ennio de Concini, Ello Bartolini. **Fotografia:** Gianni Di Venanzo. **Cenografia:** Franco Fontana. **Vestuário:** Bia Marchesi. **Montagem:** Eraldo Da Roma. **Música:** Gianni Fusco. Piano por Lya de Barberis. **Elenco:** Steye Cochran, Alida Valli, Betsy Blair, Dorian Gray, Gabriela Pallota, Lyna Shaw, Mirna Girandi, Gaetano Metucchi, Guerrino Campanilli, Pina Boldrini, Pietro Coverlatti.

Depois do êxito mundial da trilogia *L'Aventura / L'Eclipse / La Notte* (1960, 61, 62), Antonioni ficou na ordem do dia e este seu filme imediatamente anterior àquele invulgar fenômeno teve oportunidade de ser novamente reafirmado pela crítica internacional. E apesar das omissões, pecados e conivências desta, a conclusão só podia ser uma: nele estava um antecedente natural dos três filmes posteriormente consagrados; nele o cineasta já se demonstrava inteiro, indagativo, percuciente observador da incomunicabilidade e uma angústia que então, retroativamente, todos podiam verificar que não era só a "nóia" das classes abastadas e ociosas e também podia atingir e arrasar até um oprimido e desajustado como o operário encarnado por Steve Cochran.

Inteiramente “rodado” no Vale do Pó no inverno de 56/57, ao ser apresentado a 14 de julho seguinte no Festival de Locarno, recebeu louvores. Mas seu despojamento, sua ausência de demagogia, sua essencial qualidade estética, sua irreduzível criatividade eram tais que à época de seu lançamento na Itália, em 1957, não obteve o devido êxito comercial. E como estávamos (estávamos?) na época em que o Partido Comunista em toda a parte dava ordens à crítica para não apoiar a “arte pela arte”, histórias pessimistas, não apoiar obras “formalistas”, filmes que não servissem para engodar ou “levantar” as massas - veja-se o que aconteceu com os primeiros e melhores filmes de Ingmar Bergman! - o destino deste *// grido* parecia ser um só: a cortina de fumaça, o desprezo internacional e “gangsteroso” que ainda hoje os engraçadinhos esquerдинhas-festivos praticam impunemente e com o maior descaramento, a maior desfarçatez e suspeita impunidade. Aqui no Brasil *// grido* também chegou só a 5 de dezembro de 1964, no extinto Cine Rivoli e circuito, em distribuição da Art Filmes. Mas agora retorna reabilitado, admirado, já na galeria dos clássicos e ainda a tempo de permitir cotejo com *La Notte*, também em “reprise” no Belas Artes - Mário de Andrade. É uma obra capital do cinema moderno e sua apreciação se impõe.

Sacco e Vanzetti

13 de abril de 1980

("Sacco e Vanzetti") - Itália, maio de 1971, 121 minutos. **Co-produção:** Jolly Film & Unidis (Roma) Theatre Le Rex (Paris). **Distribuição:** Condor Filmes. **Produtores:** Arrigo Colombo, Giorgio Papi. **Direção:** Giuliano Montaldo. **Roteiro:** Fabrizio Onofri, Giuliano Montaldo. **Argumento:** Fabrizio Onofri, Otavio Gemma e Mino Boli. **Fotografia:** Silvano Ippoliti. **Cenografia:** Aurelio Crugnola. **Vestuário:** Enrio Sabatini. **Musica:** Enio Morricone. **Montagem:** Nino Baragli. Em Technicolor. **Elenco:** Gian Maria Volonté, Ricardod Cucciolla, Cyril Cusack, Rosana Fratello, Milo O'Shea, Geoffrey Keen, Willian Prince, Claude Mann, Paul Sheriff, Maria Fabbri, Anthony Steger, John Gray, Claudio Gora.

Quando cinema de esquerda é grande proposição, é pesquisa, é procura da maior veracidade possível, é interesse digno, é expressão a serviço de uma idéia (e não molecagem ou conto-dovigário), é cinema, enfim. Grave, tocante, respeitável narrativa procurando reconstituir o celebrado caso dos dois humildes anarquistas italianos circunstancialmente acusados de crime ocorrido na conturbada América de inícios da década de 20 e executados na cadeira elétrica, cinco ou seis anos depois. Triunfo de realização para o diretor Montaldo, triunfo de interpretação para os atores Ricardo Cucciolla e Gian Maria Volonté nos papéis-título, a fita, que aqui foi intempestiva e inutilmente retirada da exibição quando seu primitivo lançamento (o que se deu no mesmo circuito, a 15 de junho de 1973) de modo algum pode ser perdida agora.

Stroszek

20 de abril de 1980

("Stroszek") - Alemanha, 1977, 108 minutos. **Produção:** Werner Herzog Filmproduktion. **Distribuição:** Eurobraz / Central. **Produtor, direção e roteiro:** Werner Herzog. **Fotografia:** Thomas Mauch, Ed Lachman. **Iluminação:** Dieter Bahr. **Montagem:** Beate Mainka Jellinghaus. **A cores.** **Elenco:** Bruno S., Eva Mattes, Clemens Scheitz, Burkhard Driest, Pitt Bedewitz, Wilhelme von Homburg, Clayton Szalpinski, Ely Rodriguez, Alfred Edel, Scott McKaiin, Ralph Wade, Dr. Vaclav Vojta, Michael Gahr, Yuesel Topeugurler, Bob Evans.

106

Depois das façanhas de Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni (o caso de Kurosawa já é outro: ele foi o maior beneficiário de um cinema que já se encontrava em pleno esplendor criativo), façanhas únicas do preconceituoso, perverso e perseguidor consenso crítico deste após-guerra, pode-se, sem medo de errar, incluir Werner Herzog entre esses - os grandes artistas que, com suas criações, contribuíram para a redenção da apreciação fílmica internacional. Realmente. O cinema da Alemanha vencida poderia ter retornado Pabst, poderia revelar Rolf Thiele, poderia reiterar a herança "bretchiana" de R.A. Stemmler em *Berliner Ballade*, poderia ter tido muito mais do muito que teve. Mas era inútil. À crítica subserviente a Moscou não convinha reconhecer nada disso. Não queria nem mesmo assentir que Najda Tiller era linda e sedutora e tinha imenso talento. Mas veio Herzog. E vieram,

só para exemplificar *Aguirre*, *Kaspar Hauser* e a mesma verista Eva Mattes do fassbinderiano e crudelíssimo *A encruzilhada das bestas humanas*. A história é de um triste *Candide* de nossos dias. Talvez ainda o mesmo Kaspar Hauser do *Enigma* transposto para outro lugar e tempo. Um pobre diabo que apenas tem seu desafinado piano e a companhia de uma prostituta. E a adversidade é tanta que, embora ele não a sinta em toda a sua efetividade, acaba aconselhado e levado a emigrar para os Estados Unidos. Lá, porém, nada muda, mesmo porque difícil é acontecer mudança para melhor no mundo de hoje. E *Stroszek* continua, tão vilipendiado e ignorado como Kaspar Hauser, tão fora da realidade quanto *Aguirre*, tão solitário quanto *Nosferatu*. Obra-prima à vista. E naturalmente obrigatória.

O encouraçado Potemkin

04 de maio de 1980

("Bronenesets Potiomkin") - URSS, 21 de dezembro de 1925, 64 minutos. **Produção:** Goskino. **Distribuição atual:** Cidef. **Produtor:** Jacov Biler. **Direção, roteiro, montagem:** Sergei M. Eisenstein. **Argumento:** Nina Agadzanova - Tsbutko. **Fotografia:** Edward Tisse. **Assistente:** V. Popov. **Cenografia:** Vassili Rakhals. **Musica:** Nicolai Kriukev. **Assistentes de direção:** Grigori Alexandrov, Alexander Antonov, Mikhail Gomarov, A. Levchine, Maxim Strauch. **Sonorização posterior:** Sergei Kazenov, Kachkevitch. **Elenco:** Alexander Antonov (o líder Vakulientchuk), Mikhail Gomarov (o marinheiro Matuchenko), J. Bobrov (o recruta), Vladimir Barski (Comandante Golikov), Grigori Alexandrov (Imediato Guillirovski), Morussov (um oficial), A. Levchine (o contramestre), Sergei Eisenstein (o Popé, capelão de bordo), a mãe de Eisenstein (a mulher do porquinho, no início da quarta parte), Repinkova (a mulher das lunetas), A. Fait, Maxim Strauch, "tripulações soviéticas do Mar Negro" e "a população de Odessa".

108

Qual filme ou obra poderá ser mais celebrada, entre todas do cinema mundial? Os de Chaplin? *Ladrões de bicicletas*, de De Sica? A obra de Jean Renoir? De Dreyer, Murnau, e todas aquelas que costumam ter cadeira cativa nas listas da crítica internacional, tipo *Mondenité*, *Lumpen intelligentzia* ou "apoio amplo, total e irrestrito", aqueles que parecem querer afirmar que todo mundo viu tudo, na mesma cronologia e com o mesmo tipo de formação, mentalidade, interesses, contingências? Ou, o mais importante,

sensibilidade, ética, humanismo? Na noite de quinta-feira, o júbilo suplantou as 119 cadeiras da lotação do Paramount 2, nas duas sessões da noite. O fato é que aqui originalmente lançado a 5 de fevereiro de 1931, na Sala Vermelha do extinto Cine Odeon e, depois de uma sempre delirante carreira em museus e cine-clubes que parecem cuidar mais de política do que de cinema, o filme, graças à importadora Cidef, reapareceu a 11 de dezembro de 1961, no Cine Windsor e, essencialmente, está para o *cinemático* assim como a revolução russa para o socialismo, ou lá que nome pudesse ter um possível estalo redentor da sociedade humana.

Don Giovanni

04 de maio de 1980

("Don Giovanni") - França, setembro de 1979, 184 minutos. **Co-produção:** Gaumont / Camera One (Paris) / Ópera Film Produzione (Roma) / Janus Film / Antenne 2 (Berlim). **Distribuição:** Gaumont do Brasil. **Produtor:** Michael Seydoux. **Direção:** Joseph Losey. **Adaptação:** Joseph Losey, Frantz Salieri. Da Ópera de W.A. Mozart e Lorenzo Da Ponte. **Concepção cinematográfica:** Rolf Liebermann. **Fotografia:** Gerry Fisher. **Direção de Arte:** Alexandre Trauner. **Vestuário:** Marthe Mikon. **Montagem:** Reginald Beck. Orquestra e coro da Ópera de Paris, sob a direção de Lorin Maazel. Supervisora musical e cravista Janine Reiss. Em Panavision e em cores. **Elenco:** Ruggero Raimondi, John Macurdym, Edda Moser, Kiri Te Kanawa, Kenneth Rieger, Jose Van Dam, Teresa Berganza, Malcom King, Eric Adjani.

110

Losey propondo-se a uma tarefa árdua: situar-se entre a versão Bergman da *Flauta Mágica* de Mozart e o gosto pelo bizarro de Fellini em sua "vida" de Casanova. Ópera é das poucas coisas que têm resistido a este mundo que consentiu em ser transformado em seus valores essenciais por percalços como a Droga, os Beatles e a tão falada *comunicação de massa*. Mas Ópera é para encenação em seu lugar natural (os grandes teatros), para os que se dão ao Olímpico e minucioso prazer do conhecimento e da comparação, sempre presentes e sempre renovados, para as salas de concerto, as gravações, até mesmo para o rádio. No cinema, porém, ainda não aconteceu

o que devia, salvo isso sim, aplicações como os filmes sobre ou com grandes vozes, e como idealizações “*reussites*” como por exemplo, o até hoje único *Primavera*, de Robert Z. Leonard em 1937, com Jeanette Mac Donald, Nelson Eddy e John Barrymore.

La luna

06 de junho de 1980

("La luna") - Itália, setembro de 1979, 145 minutos. **Produção:** Fiction Cinematográfica. **Distribuição:** Fox. **Produtor:** Giovanni Bertolucci. **Direção:** Bernardo Bertolucci. **Roteiro:** Giuseppe & Bernardo Bertolucci, Clare Peploe. **Adaptação para o inglês:** George Malko. **Argumento:** Franco Arcalli, Bernardo Bertolucci, Giuseppe Bertolucci. **Fotografia:** Vittorio Storaro. **Direção de arte:** Gianni Silvestri, Maria Paola Maino. **Cenografia:** Ferdinando Giovannoni. **Vestuário:** Lina Taviani. **Montagem:** Gabriel Cristiani. **Música:** Excertos de Giuseppe Verdi. Em Eastmancolor. **Elenco:** Jill Clayburgh, Matthew Barry, Thomas Milian, Veronica Lazar, Renato Salvatori, Fred Gwynne, Alida Valli, Franco Citti, Elisabetta Campotti, Stephane Barat, Rodolfo Ledi, Alessandro Vlad.

112

Um filme mais ambicioso, mas não essencialmente, e bem mais extera e aparentemente elaborado que efetivo. Para polêmicas? Nem tanto, visto que à visão maniqueísta e doentia do fascismo de "O conformista" é possível se contrapor o realismo e a serenidade (mais a poesia e a combatividade) da de Ettore Scola em *Um dia muito especial* - E que aliás, de certo modo fora do cinema político em *O último tango em Paris*, Bertolucci não revelou também a força expressiva e a normalidade de observação humana exigíveis. Segundo ele aqui utilizou para esta história de incesto entre uma cantora lírica (Sir Mayworth, tratada não muito bem) e o filho adolescente (um delinquente Matthew Barry) utilizou atores

estrangeiros porque não lhe seria possível enfrentar os tabus da Itália católica. Mas o filme é mesmo sobre Ópera, sobre ou é realmente um mergulho sem medo no melodrama? Ou mais uma história confessional sobre um adolescente problema, drogado, cheio de amuos do tipo “rebeldes sem problema e sem causa”? Ademais a presença e o episódio com o pasolianismo Franco Citti é quase (in)conscientemente revelador. De realmente bonito como linguagem fílmica e estilo só alguns lampejos. E a fita resulta mais autêntica justamente no personagem mais explicitamente confessado, e, de certo modo para afetar que superado: o do pró-castrista interpretado por Renato Salvatori. Mas isso não será porque este singular ator, juntamente com Ettore Manni um dos grandes injustiçados do cinema italiano, jamais poderá não estar autêntico e significativo, seja tratado como for? Depois de *Il Conformista, 1900 e Tango* já tínhamos resolvido não mais questionar Bertolucci. Agora nem mais esperamos a reabilitação retroativa com os iniciais *La Commare Secca* (62), *Prima della Rivoluzione* (64), o episódio de *Amore e Rabbia* (ambos 68) e *La Strategia del Ragno* (69). Porque seu problema não é nem o engajamento à brasileira o stalinismo. Ele é um Dr Frankenstein que debalde tenta criar vida no laboratório do celulóide.

Cadáveres ilustres

19 de outubro de 1980

("Cadaveri Eccellenti") - Itália, 1976. **Co-produção:** PEA - Produzioni Europee Associate (Roma) - Les Productions Artistes Associés (Paris). **Distribuição:** United Artists. **Produtor:** Alberto Grimaldi. **Direção:** Francesco Rosi. **Roteiro:** Francesco Rosi, Tonino Guerra, Lino Jannuzzi. Do romance "Il Conteste", de Leonardo Sciascia. **Fotografia:** Pasqualino De Santis. **Cenografia:** Andrea Crisanti. **Vestuário:** Enrico Sabbatini. **Montagem:** Ruggero Mastroiani. **Música:** Piero Piccioni. Em Technicolor. **Elenco:** Lino Ventura, Alain Cuny, Marcel Bozuffi, Tino Carraro, Paolo Bonacelli, Tina Aumont, Renato Salvatori, Paolo Graziosi, Luigi Pistilli, Alfonso Gatto, Anna Proclemer, Fiorgio Zampa, Silverio Biasi, Maria Carta, Carlo Tamberlani, Enrico Ragusa, Corrado Gaipa, Alexandre Mnouchkinee, Florestane Vancini, e as vozes de Francesco Rosi e Ugo Tognazzi.

114

Difícilmente poderá haver quem saiba compreender com tanta argúcia e escrever tão clara e contundentemente sobre a Máfia como o siciliano Leonardo Sciascia. Difícilmente alguém poderá dominar tão bem gênese e ação desse fenômeno aparentemente gigante e produto de causas misteriosamente complexas, indecifráveis e invencíveis e, na verdade, a serviço de interesses mesquinhos e pequenos, pura cozinha ou fundo de quintal. Efeitos enormes, uma organização que não se sabe bem como, por que ou a que vem, mas implacável para intimidar e matar, para silenciar os demais e para também autoinflingir-

se o mesmo e sempre “conveniente e útil” mu-tismo. Assim foi com *Condenado pela máfia (A Ciascuno Il Suo)*, de Elio Petri. Vem agora este filme de Rosi, também baseado em Sciascia, e, lógico, mais um rasgar de tumor sobre a ação e a eficiência de uma organização cuja articulação terrorista parece folclore, mas funciona com a natural aglutinação da mediocridade e com a exatidão de uma bomba-relógio (parece até que estamos falando de certas mazelas de nosso ambiente de “cultura” e “cinema”). Premiado em Cannes, *Cadaveri* traz no elenco os muito bem escolhidos tipos patibulares que o tema exigia e ótimos atores como Salvatori, von Sydow e o próprio diretor Florestao Vancini, como um novo dirigente do PCI.

O Amigo Americano

19 de outubro de 1980

("Der Amerikanische Freund") - Alemanha, 1977, 123 minutos.

Co-produção: Road Movies (Berlim Ocidental) / Win Wenders Produktion (Munique) / Westdeuts Bundfunken (Colônia) / Films Du Losange (Paris). **Distribuição:** Art Filmes / Seleção Ouro. **Direção, roteiro:** Win Wenders. Da novela "Ripley's Game", de Patricia Highsmith. **Fotografia:** Robby Muller. **Cenografia:** Hei, Toni Landi di Ludi. **Vestuário:** Isolde Nist. **Montagem:** Peter Przygodda. **Música:** Jurgen Knieper. **Elenco:** Bruno Ganz, Dennis Hopper, Gerard Blain, Lisa Kreuzer, Nicholas Ray, Samuel Fuller, Peter Lilienthal, Daniel Schmidt, Sandy Whitelaw, Jean Eustache, Lou Castel, Andreas Dedecke, David Bluen, Stefan Lennert, Rudolf Schundeer, Gety Molzen, Heinz Joachim Kleim, Rosemarie Hainikitel, Heinrich Marmann, Satya de la Manitou, Axel Schiessler, Adolf Hansen.

116

Aldo de *Fugindo ao destino* (1941), o belo filme de Vicent Sherman com Thomas Mitchell, como um cardíaco condenado, mais Geraldine Fitzgerald, algo do *Pacto sinistro*, de Hitchcok, por sinal também novela policial da mesma Patricia Highsmith este filme do ascendente diretor alemão Wenders. Alguma peculiaridade ou intenção nas presenças de cineastas dos EUA como Nicholas Ray, Samuel Fuller? Há também alemães como Lilientahl, Schmidt. Aqui, a história de uma não tão estranha fraude e da empurrada de um homem contra sua vontade e seu destino. Felizmente, hoje, depois de criminoso menosprezo, o cineasta alemão volta a ter o interesse internacional. No

elenco, se a escolha do péssimo Dennis Hopper para fazer o “amigo americano” do título (por que não Gene Hackman?) é lastimável, a colocação de Bruno Ganz (o herói-vilão do *Nosferatu* de Herzog) como protagonista resulta sábia. A fita esteve prometida para 9 último, mas só amanhã será lançada.

O império dos sentidos

02 de novembro de 1980

("L'Empire des Sens" / "Ai no Corrida") - França / Japão, 1976, 105 minutos. **Produção:** Argos Filmes (Paris) - Oshima Productions - Shibata Organisation (Tóquio). **Distribuição:** Artenova. **Produtor:** Anatole Dauman. **Direção, roteiro:** Nagis Oshima. **Fotografia:** Hideo Ito. **Iluminação:** Kenichi Okamoto. **Direção de arte:** Jusho Toda. **Decorações:** Shigenori Shimoishizaka, Dal Arakawa. **Vestuário:** Masashiro Kato. **Montagem:** Keishi Okamoto. **Música:** Minoru Miki. Em Eastmancolor. **Elenco:** Tatsuya Fuji, Elko Matsuda, Aoi Nakajima, Meika Seri, Taiji Tonoyama, Hiroko Fuji, Naomi Shiraishi, Kyoji Kokonoe, Kazue Tonyama, Kanse Kobayashi, Akiko Koyama.

118

Do ponto de vista do erotismo explícito, o filme mais audaz da história do cinema corrente. Um verdadeiro marco nesse sentido. E sem favor algum representa para nossa época o que o hoje até cândido filme checo *Êxtase*, que o grande Gustav Machaty dirigiu com Hedy Lamarr o foi em 1933. O diretor Oshima sempre foi um realizador dado a paroxismos. Dele conhecemos os cruéis *O túmulo do sol*, *Juventude desenfreada* e até um filme sobre o menor delinquente e inocente, *O garoto Toshio*. Mas as obras com as quais vinha sacudindo a crítica e os festivais internacionais, claro que aqui ficavam inéditas - exceção feita ano passado ao filme consequência deste - *O império da paixão*. Aqui, não obstante as audácias, o mais importante é que com esta

tragédia da ininterrupta obsessão erótica do par central, fato que pode também ser interpretado até como uma metáfora política, o antes engajadíssimo, sectári e até frio e dado a brilhos exteriores Oshima, obteve uma indiscutível obra de arte, que vale também por nos devolver o cinema japonês de exceção que antes era quase hábito nos cinemas da colônia de nossa cidade. Sem dúvida, o fato mais insólito ocorrido entre nós em matéria de liberdade de exibição e que deve ser encarado principalmente com a devida e madura seriedade.

1981

Amor à primeira mordida

01 de fevereiro de 1981

("Love at First Bite") – Estados Unidos, abril de 1979, 96 minutos.

Produção: Melvin Simon Productions. **Distribuição:** Condor Filmes.

Produtor: Joel Freeman. **Executivo:** Robert Kaufman, George Hamilton. **Direção:** Stan Dragoti. **Roteiro:** Robert Kaufman.

Argumento: Robert Kaufman e Mark Gindes. **Fotografia:** Edward Rosson. **Desenhos de produção:** Serge Krisman. **Decorações:** Ethel Richards.

Vestuários: Oscar de La Renta, Michael Chavez, Shannah Arel, Gilda Texter. **Coreografia:** Alex Romero. **Música:** Charles Bernstein. **Títulos:** Moddern Effects. **Montagem:** Mort Fallic, Allan Jacobs.

Em Cores. **Elenco:** George Hamilton, Susan Saint James, Richard Benjamin, Dick Shaw, Arte Johnson, Sherman Hemsley,

120 Isabel Sanford, Barry Gordon, Ronnie Schell, Bob Basso, Bryan O'Byrne, Michael Pataki, Hazel Shermet, Basil Hoffman, Stanley Brock.

Enquanto foi propriedade tácita dos estúdios Universal, depois da Monogram e até mesmo da PRC – Producers Releasing Corporation, o tema vampirismo e *Drácula* sempre deu margem à filmes às vezes modestos demais, mas nunca mistificadores. Mas em fins dos anos 50, quando caiu nas garras da "Hammer" inglesa, com os horríveis Christopher Lee e Peter Cushing, foi aquele desastre, embora haja uma ou mais gerações de espectadores que ignoram completamente o nível de qualidade, atmosfera e reais e sugestivos

intérpretes (com o insubstituível Lugosi a frente) que antes o engrandeciam. E por falar em Monogram, cumpre assinalar que à guisa de sinceridade ou de piadinha para “epater”, Jean-Luc Godard sempre proclamou que *Acosado* (*A Bout of Soufle*), seu primeiro e endeusadíssimo filme de 1960, era calcado no “mood” dos filminhos rápidos e baratos daquele estúdio (o nono ou décimo de Hollywood, à época), tanto que, à referida companhia, seus letreiros de apresentação traziam mesmo uma dedicatória. Sem falar nos *Nosferatu*, de Murnau (22) ou Herzog (78), nem também no *Lê Vampyr* de Dreyer em 1931, a verdade é que há uns três ou quatro anos *Drácula* voltou à moda não só no teatro e no cinema nos EUA, mas em toda parte. Aqui já vimos a versão de John Badham com Frank Langella e agora temos esta – praticamente do mesmo período – co-produzida por George Hamilton, um dos piores atores e tipos que já conseguiram passar por Hollywood. O tom é de glosa, provavelmente intencional, mas, também, com compulsivo tremelique. E o elenco não só traz Hamilton desonrando o personagem imortalizado por Lugosi, mas também intérpretes do mesmo nível, como a feia Susan Saint James e Richard Benjamin. E, apesar de tudo, esta é a estréia que parece mais lograda entre as demais da semana.

Bronco Billy

08 de fevereiro de 1981

("Bronco Billy") – Estados Unidos, junho de 1980, 119 minutos.

Produção: Second Street Films / Robert Daley. **Distribuição:** Warner Bros. **Produtores:** Dennis Hackin, Neal Dobortsky. **Executivo:** Robert Paley. **Direção:** Clint Eastwood. **Roteiro:** Dennis Hackin. **Fotografia:** David Worth. **Direção de arte:** Gene Lourie. **Montagem:** Ferris Webster, Joel Cox. **Música:** Snuff Garret. Em colorido "De Luxe". **Elenco:** Clint Eastwood, Sondra Locke, Geoffrey Lewis, Scatman Crothers, Bill McKinney, Sam Bottoms, Dan Vadis, Sierra Pecheurs, Walter Barnes, Woodrow Parsfrey, William Prince, Tessa Richards, Tanya Russel, Beverlee McKinsey.

122

Ex-vendedor de sapatos que treinou para Annie Oakley (aquela certa e invencível atiradora cuja vida Barbara Stanwyck romanceou no *A mira de um coração* que Geoge Stevens dirigiu em 1935) e que também pode atuar facilmente como "*stunt man*" (isto é "*doublé*" de "astro" em cenas perigosas), Clint Eastwood agora tem apenas dois problemas: não há mais lugar para seus "shows" no atual "*wild west*" e a "*troupe*" que ele reuniu são todos perfeitos incompetentes e fracassados. O *Variety* tem a candura de opinar que a fita é "uma boa comédia para o verão" e considera-a a melhor de Clint, desde aquele excepcional *O estranho que nós amamos* (*The Beguiled*), o que evidentemente é ousar demais. Pelo jeito, estamos mais diante de uma narrativa de proezas ou pancadarias, na linha

Burt Reynolds & Terence Hill. E também – por que não? – na dos próprios filmes produzidos pelo mesmo Clint, que aliás nunca nos parece o que antes eram Fred Mac Murray, Edmond O’Brien ou Ronald Reagan, e hoje é Gene Hackman – ou seja, ator. E aqui ele ainda insiste em sua atual mulher, Sondra Locke, esganiçada e escaveirada, que nunca conseguiu chegar próxima de Shirley Knight (que já não era bem Shirley Fontaine) mas consegue parecer demais Maria Gladys.

Nazarin

26 de abril de 1981

("Nazarin") – México, 1959, 95 minutos. **Produção:** Producciones Barbachano Ponce. **Distribuição:** Omega Filmes. **Produtor:** Manoel Barbachano Ponce. **Consultor de produção:** Carlos Velo. **Direção:** Luis Buñuel. **Roteiro:** Julio Alejandro, Luis Buñuel. Baseado no romance de Benito Perez Galdés. **Fotografia:** Gabriel Figueiros. **Cenografia:** Edward Fitzgerald. **Vestuário:** Georgette Somchano. **Montagem:** Carlos Savage. **Elenco:** Francisco Rabal, Marga Lopez, Ofélia Gullmain, Rita Macedo, Ignácio Lopes Tarso, Jesus Fernandez, Noé Murayama, Luís Aceves Castaneda.

124

Talvez o primeiro filme de Buñuel a ganhar um *Grand Prix* – a Palma de Ouro, em Cannes – 59, ao qual seguiram-se vários outros (Acapulco, etc.). *Os esquecidos (Los Olvidados)*, é verdade, já lhe havia dado também em Cannes, em 51, um troféu de direção. Com todas essas honrarias e com toda a celebridade, dá para desconfiar que, a exemplo de Hitchcock, o cineasta arago-nês depende muito dos requintes e recursos de produção de suas fitas, precisa de classe nos materiais que lhe caem em mãos. Haja vista o que *Vertigo* significa na filmografia de Hitchcock e *Belle de Jour* e *O discreto charme da burguesia* na de Don Luís. Aqui ainda estamos – como em *Amor andaluz (La Hija de Juan Simon)*, “roda-do” sob pseudônimo na Espanha e que aqui vimos num obscuro lançamento em 1941, em programa duplo do extinto Cine Brás Politeama.

Ou como *Gran Casino*, feito no México em 1947 com Libertad Lamarque e que também teve um semi-oculto lançamento paulistano num cinema de linha da Lapa – também numa fase de pouco apoio, digamos de cenografia, direção de arte, “desenhos de produção”, seleção de objetos de cena, roupagens de efeito e elencos com “astros” de grande nome e carisma. Como, aliás também ocorria com *Viridiana*, *El Angel Exterminador*, *A adolescente*, *El Gran Calavera*, *Simon del desierto*. A história narra a odisséia procurada de um padre católico que exerce seu ministério em um bairro miserável da capital mexicana, confinado num pardieiro ao lado de prostitutas, assassinos e toda a sorte de marginais. O então excelente ator Francisco Rabal é o protagonista.

Elisa, minha Vida

03 de maio de 1981

("Elisa, Mia Vida") – Espanha, 1977, 125 minutos. **Produção, produtor:** Elias Querejeta. **Distribuição:** Omega Filmes. **Direção, roteiro:** Carlos Saura. **Fotografia:** Teo Escamilla. **Cenografia:** Antonio Belizon, Maiki Marin. **Vestuário:** Angelines Castro. **Montagem:** Pablo Gadel Amo. Em Eastmancolor. **Elenco:** Geraldine Chaplin, Fernando Rey, Norman Briski, Isabel Mestres, Joaquim Hihijosa, Francisco Guijar, Arrancha Escamilla, Jacobo Escamilla, Ana Torrent.

126

Já criticamos este filme no dia de seu lançamento, mas apesar do entusiasmo, muita coisa importante ainda fica para dizer de uma obra tão fora de série como esta. Um verdadeiro "*puzzle*" que o gênio de Carlos Saura soube equacionar perfeitamente e que todo o espectador de vivência e sensibilidade também compreenderá, encantado e emocionado. Uma história que se desenvolve a partir dos dramas e anseios de um personagem e que vai continuando e crescendo por transferências para os dos outros, tirando seus elos e sua inteligibilidade de fatos do passado, reações do presente e antecipações do futuro, da imaginação, dos sofrimentos, da resignação ante o inevitável ou o natural curso das coisas. Empolgante, audacioso, inovador, absolutamente artístico, impossível de ser perdido. O primeiro real grande filme do ano.

Meu Tio da América

03 de maio de 1981

(“Mon Oncle d’Amérique”) – França, 1980. **Produção:** Andréa Filme / T.F.L. **Distribuição:** Gaumont do Brasil. **Produtor:** Phillippe Dusard Sarl. **Direção:** Alain Resnais. **Roteiro:** Jean Gruault. **Colaboração:** professor Henri Laborit. **Fotografia:** Sacha Vierny. **Música:** Arié Dzierlatka. Em Eastmancolor. Elenco: Gerard Depardieu, Nicole Garcia, Roger Pierre, Marie Dubois, Nelly Borgeaud.

E por falar em complexidade narrativa, Alain Resnais, que foi o realizador de *Marienbad*, depois de quase retornar àquele mesmo nível com *Providence*, traz-nos agora esta espécie de “*divertissement*”, possivelmente um “ballet” a três personagens; ele foi o “cineasta da memória”, valendo-se desta vez do auxílio de um biólogo (Laborit), para melhor analisar as causas do comportamento humano e criando algo entre Frank Capra e De Sica de *Milagre em Milão*, ou de seus próprios tempos das “avant-garde” e dos seus dois melhores filmes em Hollywood: *Casei-me com uma feiticeira* e *O tempo é uma ilusão*.

Kagemusha, a sombra do samurai

24 de maio de 1981

("Kagemusha") – Japão, 26 de abril de 1980, 180 minutos (versão original japonesa). **Produção:** Toho Kurosawa Productions. **Distribuição:** Fox. **Produtores executivos:** Akira Kurosawa, Tomoyuki Tanaka (na versão internacional Francis Ford Coppola e George Lucas). **Direção:** Akira Kurosawa. **Roteiro:** Akira Kurosawa, Masato Ide. **Fotografia:** Asaichi Nakai, Kazuo Miyagawa. **Iluminação:** Takeji Sano. **Direção de arte:** Yoshiro Muraki. **Coordenador de produção:** Inoshiro Honda. Consultor: Shinobu Hashimoto. Em Panavision (ou Tohoscope) e Eastmancolor. **Elenco:** Tatsuya Naledal, Tsutomu Yamazaki, Kenichi Hagiwara, Jinpachi Mezu, Shuji Otaki, Daisuke Ryu, Masayuki Yui, Kaori Momoi, Mitsuko Maisho, Hideo Murota, Koji Shimizu, Sem Yamamoto, Takayuki Shino, Noboru Shimizu, Shuhei Sugimori.

128

O épico com o qual Kurosawa conquistou (verdade é que "*ex-aequo*" com o terrível *O show deve continuar*) a Palma de Ouro em Cannes no ano passado e com o qual foi um dos cinco finalistas ao Oscar de melhor filme estrangeiro. É a terceira obra que o cineasta consegue realizar depois de 1965 (ano de *Akahige, o barba ruiva*), precedida apenas por *Dodes'kaden*, de 70, que ele fez para a produtora que havia fundado juntamente com Keisuke Kinoshita, Kon Ichikawa e Masaki Kobayash, aliás péssimas companhias, e que, não obstante obra belíssima e humana, não obteve suficiente êxito comercial. E de *Dersu Uzala*, de 75, poema ecológico rodado em co-produção

com os russos e Oscar estrangeiro de 75. Aqui o diretor volta ao gênero "samurai" e apresenta uma obra que principalmente para aqueles que não conhecem bem o cinema japonês e jamais viram algum dos maravilhosos clássicos de Daisuke Ito (*O Abnegado*), Tomu Uchida (*Estranho amor, Naniwa*, o tríptico *Espada diabólica*, o cíclico sobre *Musashi*), ou Kinugasa (*O crime da quinta*). A história é a de um poderoso chefe guerreiro do século XVI, Shingen Takeda, que utilizava inúmeros dublês para que tomassem seu papel na guerra, tornando-se então uma lenda por sua ubiqüidade e invencibilidade. Mas ao ser ferido e a fim de que o inimigo não atacasse seu clã, ordena que sua morte seja mantida em segredo por três anos e, nesse espaço de tempo, escolhe para isso um *Kagemusha*, ou seja, um sósia, para o qual salva da forca um obscuro criminoso, o qual desde então luta para assumir e manter a personagem do líder que havia merecido o respeito e a lealdade de mais de 25.000 homens. Pena que, para esse duplo personagem, Kurosawa tenha brigado com sua primeira opção, Shintaro Katsu, e para substituí-lo tenha convocado o extremamente "poseur" e artificioso Tatsuya Nakadai. Apesar disso, entretanto, um filme de muito empenho e ambição que precisa ser visto.

O desconhecido

07 de junho de 1981

Nacional (Rio), 9 de outubro de 1978, 120 minutos. **Produção:** Scorpis P.C. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor executivo:** Adnor Pitanga. **Direção, fotografia:** Ruy Santos. **Roteiro:** Ruy Santos, Marcos Konder Reis. **Adaptação:** Marcos Konder Reis. Da novela homônima de Lúcio Cardoso. **Cenografia, figurinos:** Paulo Chada. **Montagem:** Manoel de Oliveira. **Música:** Airton Barbosa. Executada pelo Quinteto Villa-Lobos e solos de piano por Murilo Santos. Em Eastmancolor. **Elenco:** Luiz Linhares, Isolda Crosta, Sônia Oiticica, Marcos Alvisi, Ruy Resende,, Ângela Valério, Manfredo Colasanti.

130

Parece incrível, há quase três anos, senão mais, este filme que, ao que lembramos, representou o Brasil no Festival de San Francisco em fins de 77, estava sendo largado como encalhe, senão pela distribuidora da Embrafilme, sempre mais preocupada em colocar na frente e favorecer e defender as produções de seus protegidos das superproduções caríssimas, e que, afinal, são, atrás da cortina, os verdadeiros dirigentes ou "mentores" desse órgão pseudogovernamental. E trata-se, no entanto de obra senão meritória, e totalmente lograda, com certeza de uma realização de serenidade e empenho. Baseada no livro de Lúcio Cardoso que há uns 30 anos era um dos propalados sonhos fílmicos do crítico Almeida Salles, a fita narra o drama que se desencadeia numa fazenda em decadência com a chegada de

misterioso desconhecido que se emprega como capataz e desde então – como o “anjo” de *Teorema* – passa a influir decisivamente nos destinos dos que ali viviam: a conservadora proprietária, o adolescente sensível e vulnerável, etc. Com laivos de demonismo e estranheza, o tema pode mesmo ter dado margem a uma obra diversa da praga “pornô” que hoje infesta o nosso cinema. E Ruy Santos, que em 1949 colaborou com o romancista em sua única e inacabada tentativa de realização cinematográfica (*A mulher de longe*), principalmente depois de razoável acerto obtido com *A doce mulher amada*, parecia apto a enfrentar este ensaio. Sobretudo, contando também no papel-título com um ator magnífico como Luiz Linhares.

Da vida das marionetes

14 de junho de 1981

("Aus Dem Lebem dês Marionetten") – Alemanha, 1980, 105 minutos. **Produção:** Personafilm. **Distribuição:** Paris Filmes. **Direção, roteiro:** Ingmar Bergman. **Fotografia:** Sven Nykvist. **Música:** Rolf Wilhelm. **Montagem:** Petra V. Oelffen. A cores e em preto e branco. **Elenco:** Robert Altzorn, Christine Bucheger, Martin Benrath, Ria Russek, Lola Muethel, Walter Schmidinger, Heinz Bennet Ruth Olafs, Har-Heinz Pelser, Gaby Dohm, Toni Berger.

Não foi sempre que Bergman centrou toda sua atenção e seu poder de observação e viviseção anímica e psicológica nas personagens femininas, muito embora seus detratores da primeira hora (e muitos admiradores também) insistissem em catalogá-lo mais como um "diretor de mulheres". E disso é prova cabal, não fossem já os personagens masculinos de Alf Kjallin e Birger Malmsten para os filmes que ele escreveu para Alf Sjöberg e Gustav Molander (respectivamente *Hets – Tortura de um desejo* e *Eva – A mulher e a tentação*), principalmente aqueles em que foi autor-realizador, todo onisciente e poderoso, como *Juventude, Mônica e o desejo* e sobretudo *Noites de circo* e *Morangos silvestres*. Pois aqui está Bergman, neste filme quase testamento, quase assim como o que *Violência e paixão* e os personagens de Burt Lancaster e até Helmut Berger representaram para Visconti. Um filme em

que o cineasta sueco chega a um ponto quase de ruptura em sua carreira, mas também um ponto de continuidade, um elo de ligação com toda a sua obra e seu pensamento anterior e que, sem dúvida, constitui obra exponencial e retratadora, importante, e que certamente ficará entre os mais deflagradores e significativos da atual temporada.

Cenas íntimas domésticas

22 de junho de 1981

("Servante e Maitresse") – França, março de 1977, 90 minutos.

Produção: Madeleine Films / SPF / Shangrilá Prods. **Distribuição:** Cia Cinematográfica Franco-Brasileira. **Produtor:** Gilbert de Goldschmidt. **Direção:** Bruno Gentillon. **Roteiro:** Dominique Fabre. **Adaptação, diálogos:** Franz-André Burguet, Dominique Fabre. Do romance "Aux Pieds d'Omphale", de Henri Raynal. **Fotografia:** Etienne Szabo. Desenhos de produção: Michel François. **Decorações:** Marcel Sauget. **Vestuários:** Daniel Droeghmans. **Montagem:** Georges Klotz. **Música:** Jean-Marie Benjam. Em Eastmancolor. **Elenco:** Victor Lanoux, Andréa Ferreol, Evelyne Buyle, Gabriel Cattand, David Pontremoli, Jean Bougerie.

134

Obra-prima de dramaturgia da crueldade e do absurdo, densa, atmosférica, requintada e expressiva como realização e (para nós) a revelação de um grande diretor francês (Bruno Gentillon) recém-vindo da TV. Foi também o filme que ainda mais e melhor aproveitou a personalidade e a sensibilidade de Andréa Ferreol, que Marco Ferreri havia descoberto em *A comilança*, e que é a única mulher nada esguia do cinema a irradiar incrível fascínio e charme. Aqui ela é a criada que, herdando do tio moribundo de seu antigo amante toda a fortuna daquele, tenta agir da mesma maneira egoísta e dominadora da classe à qual ascendera enquanto o homem caíra, mas não agüenta e nem tem a estrutura necessária para tal. Tal uma tragédia grega, o filme começa

como termina, com prólogo, desenvolvimento e epílogo, apresenta maravilhas de interpretação, direção, ambientação e demais setores e constitui uma narrativa que seduz e empolga. Aqui foi originalmente lançado na sala 2 do mesmo cine Coral, a 12 de novembro de 1978. Mas como foi exibido com parcimônia e dificilmente voltará nas condições de exibição que merece, estamos considerando-o como reprise e esperamos para ele a melhor atenção do espectador realmente exigente.

Eros

8 de novembro de 1981

Nacional (São Paulo), 12 de novembro de 1981, 114 minutos.

Produção: Enzo Barone Filmes / Santa Madalena / WKH Cinema Ltda. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor:** Enzo Barone. **Direção, roteiro, argumento:** Walter Hugo Khouri. **Fotografia:** Antonio Meliande. **Câmera:** Antonio Meliande, Rupert Khouri. Assistente: Gyula Kolozsvári. **Cenografia:** Cyro Del Nero. **Figurinos:** Paulo Afonso **Quadros:** Gregório Gruber. **Montagem:** Luiz Elias. **Segunda unidade:** Wanderley Klein. **Música:** Rogério Duprat. **Trilha Sonora:** Marcelo Tutinus. Jazz pela Tradicional Jazz Band. **Assistente de direção:** Heron D'Avila. **Diretor de produção:** Renato Grecchi. Em Eastmancolor. **Elenco:** Lillian Lemmertz, Dina Staf, Renée de Vielmond, Kat Lyra, Alvamar Taddei, Nicole Puzzi, Selma Egrei, Monique Lafond, Patrícia Sacalvi, Kate Hansen, Maria Cláudia, Suely Aoki, Lala Deheinzelin, Dorothe-Marie Bouvier, Christiane Torloni, Roberto Maya, Serafim Gonzáles, Kinishi Kaneko, José Lucas, Fábio Villa-longa, Marcelo Ribeiro, Roberto Lessa, José Toledo, Akemi Aoli, Oswaldo Zanetti Filho, Nelito M.J. Gonçalves Neto, Jorge Achoa, Fábio Hipólito, Luiz Antonio Mattos, Alfio Rischialini e Denise Dumont, atriz convidada Norma Benguel.

136

Exceção feita a *As filhas do fogo* (aqui só lançado em março de 79) o melhor, o mais representativo e o mais específico filme de Walter Hugo Khouri nos últimos tempos, de certa maneira, numa constante que o diretor perseguiu desde o início de sua carreira, é a obra mais bem-sucedida de toda a sua filmografia, em que pesem as atuações de Lola Brah em *O estranho encontro*, de Norma Benguel e de Odete Lara em *Noite vazia*, de Lillian

Lemmertz em *O desejo*. A narrativa surge numa caligrafia que ele também de há muito vinha querendo utilizar (a câmara subjetiva ou íntima, como a chama, a câmara na primeira pessoa como a de *A dama do lago*, muito embora Khouri jamais tenha visto o *Thriller* realizado por Robert Montgomery em 1946. A fotografia de Antonio Meliande, a seleção de locais, a procura de uma expressão maior, são constantes da sua obra. E a ânsia da exacerbação amoroso-erótica, outra. Um homem recorda as mulheres de sua vida. E desde os quatro, os 13 anos, em "*flashes*", sua vulnerabilidade, ou seu ego predatório vão sendo desvendados em avanços, recuos, lembranças, inter-relações e vivências num perpassar cruel, que, mais que à presença oculta do protagonista masculino (Roberto Maya) vão se revelando se definindo e se dimensionando através do pisca-pisca de 18 personagens femininas que lhe dão toda uma consciência de inutilidade de existência. E essas 18 atrizes, todas elas pertencentes à galeria de filmes do diretor ou a lista de rostos de mulher com os quais ele sonhava tratar, dão de si tudo; e a maioria delas nunca esteve tão bem, fio tão adequadamente tratada. Denise Dumont, como a confusa e ao mesmo tempo lúcida estudante, expressiva como uma galeria de delicados camafeus. Norma Benguel, num "show" de domínio cênico, inventividade

e força poética, marca um tento. E quase o mesmo pode ser dito de todas: a sugestão de Renée de Vielmond, a amargura de Lílian Lemmertz, a duplicidade de Kate Hansen, Dorothee Marie Bouvier, a estreada Lala Deheinzelin, a sensualidade de Christiane Torlone e Alvamar Taddei, a torpe Monique Lafond. Sugestivas ainda as pontas dos atores Serafim Gonzalez (o diretor de cinema), José Lucas (o revolucionário de 35), José Toledo (o criado), Kinishi Kaeko (o Gonzo), Marcelo Ribeiro e Roberto Lessa (os meninos). Mas a tudo, se sobrepondo, não porque tenha sido mais cuidada, nem porque esteja acima das demais, mas por provir de uma dessas magias da fabulação e de uma "altura" do tempo fílmico, de um significado de conjunto, a inesquecível, misteriosa, imanente aparição de Dina Staf. Sem cenas eróticas, vestida e transportada ao melhor espírito dos anos 25/35, num mutismo que diz mais que tudo, Dina coloca o nosso cinema num nível e clima que ele jamais havia alcançado, é a sugestão das grandes figuras femininas do cinema mudo e inícios da eclosão sonora, é o sofrido Sybille Schmitz, é o dramático sinuoso da Greta Garbo de *The temptress* e *Mulher de brio* a animação e o abandono de Pola Negri, e é, principalmente, maravilhosamente afetado "spleen" e langor da hoje desaparecida Jetta Goudal. – R. B.

A intrusa

29 de novembro de 1981

Nacional (Rio), 16 de junho de 1980, 100 minutos. **Produção:** Carlos Hugo Christensen Produções Cinematográficas. **Distribuição:** Embrafilme. **Produtor, direção, roteiro:** Carlos Hugo Christensen. **Diálogos:** Orígenes Lessa, Ubirajara Raffo Constant. **Argumento:** Jorge Luis Borges. **Fotografia, câmera:** Antonio Gonçalves. **Cenografia, figurinos:** Ubirajara Raffo Constant. **Montagem:** Jayme Justo. **Música:** Astor Piazzolla. Cantores: Thelmo de Lima Freitas, Miguel Barbará, Jerônimo Jardim. Em Eastmancolor. **Elenco:** Maria Zilda, José de Abreu, Arlindo Barreto, Palmira Barbosa, Fernando de Almeida, Maurício Loyola, Ricardo Warnick, Heloísa Gede, Nelson Pinto Bastos, Hermes Lago, Júlio César, Jorge Bastos, Cláudio Piegas, Ramon Larré, José Barbosa, Nirio Alves, Sérgio Tellechea, Fernando Tellechea, Martin Pens, Aldo Bellini, Miguel Barbará.

Como posição inicial, como idéia-chave para um filme brasileiro, algo de muito louvável em nosso cinema: a adaptação de um original de Jorge Luis Borges. No festival internacional de cinema aqui realizado em 1954, tivemos, ao que lembramos, película que marcou a estréia de Leopoldo Torre Nilsson, *Dias de ódio*, e que era também baseado em história do extraordinário escritor argentino: *Emma Luntz*. E em 1969, em Locarno, outra estréia do diretor de seu cinema, Hugo Santiago: o filme *La invasion*, curioso, inquietante, e que no entanto, na ocasião, o júri e a crítica, algo perdidos ante o que lhes parecia ignoto, tiveram quase receio de não só compreender e apreciar,

como até discutir. Chegamos agora ao realizados Carlos Hugo Christensen, argentino de parcial origem dinamarquesa – é sobrinho do antológico Benjamim Christensen de *Mockery (Nobreza)*, feito com Lon Chaney em 1927, na Metro, ou do mais famoso ainda *Haxan (A feiticeira através dos séculos)*, realizado em 22 na Dinamarca mesmo -, elemento radicado no Brasil há já um quarto de século e tenta esta manifestação de alto vôo. A história é a de dois irmãos da fronteira gaúcha (José de Abreu, que foi premiado em Gramado, e Arlindo Barreto) que vivem em estranho estado de semi-hostilidade e solidário primitivismo, e um dia acabam por encontrar e partilhar o amor da mesma mulher (Maria Zilda). Produzida há mais de dois anos, a fita estava dando receio aos exibidores, justamente por sua “suspeita” de melhor empenho, mas, felizmente, agora será afinal lançada. A ver, claro!

1982

Tiro de misericórdia

10 de janeiro de 1982

("Der Fangschusa" / "Coup de Grace") - Alemanha, 1976, 95 minutos. **Co-produção:** Bioskop Fil (Munique) / HR (Frankfurt) / Argo Film (Paris). **Distribuição:** F.J. Lucas. **Produtor:** Eberhard Junkersdorf. **Direção:** Volker Scholondorff. **Roteiro:** Genevieve Dorman, Margarethe von Trotta, Jutta Bruckner. Da novela "Coup de Grace" de Marguerite Yourcenar. **Fotografia:** Ygor Kuther. **Direção de Arte:** Jurgen Kiebach. **Vestuário:** Ingrid Zoré. **Montagem:** Jane Speer, com colaboração de Henri Colpi. **Música:** Stanley Myers. Em branco e preto. **Elenco:** Margareth von Trotta, Matthias Habich, Rudiger Kirschstein, Matthieu Carriere, Valeska Gert, Henry van Lyck, Marc Eyraud, Frederik von Zichy, Bruno Thost, Alexander von Eschwege, Franz Morak, Maria Guttenbrunner, Hannes Kaetner, Stephan Paryla.

141

Por incrível que possa parecer uma casualidade: filme alemão de 76/77, baseado em história que Margueritte Yourcenar (*Memórias de Acriano* e admissão automática à mesma Academia Francesa que durante 346 anos esteve vedada às mulheres, fossem elas Mme. de Stael, George Sand, Colette ou Simone de Beauvoir) escreveu em 1935, quando iniciava a sua carreira literária. E a história se passa ao tempo da I Grande Guerra, na Alemanha próxima ao Báltico, quando os conservadores e sonhadores comunistas conviviam, se misturavam, se descontraavam, se

amavam, se digladiavam e se justificavam, tudo numa proximidade de Revolução "socialista" que seria invariavelmente traída (como a Revolução Francesa, a nossa de 30, a de Fidel, e a esperta mercantil e mafiosamente propalada pelo Cinema Novo que também já era antecipadamente mistificação). E o erro é o mesmo de Bertolucci em *O conformista* ou o mesmo que o genial Werner Herzog cometeu até mesmo com o maravilhoso comentário musical de Popol Vuhl em *Nosferatu* quando papagueou o lugar comum stalinista e mentiroso de associar a música de Wagner com o Mal, com o Vampirismo e consequentemente como Nazismo. Aqui o tíbio herói "de direita" (o iugoslavo ou polonês Matthias Habbich) acaba sendo desmascarado como homossexual, enquanto a aristocrática condessa Sophia (a algo feia, mas também diretora e premiada esposa do realizador Scholondorff) acaba se revelando uma comunista convicta e corajosa. Mas com Scholondorff e tudo, esta (à excessão do anti Betty Friedan *Fogo de palha*) é uma fita que embora repetitiva - mesmo quando a ação não se emperra ou não se repete - tem o melhor e mais belo trabalho de reconstituição de época, trajes e atmosfera e a mais sugestiva e linda fotografia em preto e branco dos últimos anos. No mais e em tudo, aquela consistência do cinema alemão dos áureos tempos que vêm desde o primeiro

O estudante de Praga em 1913. Consistência em elenco, em perfeição dos detalhes, etc. E por falar em elenco a reaparição da mesma Valeska Gert que em 1925, quando Greta Garbo tinha 19 anos e mal começava em *A rua sem alegria*, já era velha e fazia a cafetina que queria iludir a divina sueca com um casaco de pele. Valeska aqui faz a tia Prokovska, a personagem mais colorida e uma das mais vívidas que perpassam pela narrativa. Um filme a ver, porque embora assimétrico, possui valores incomuns.

Os olhos vendados

17 de janeiro de 1982

("Los ojos vendados") - Espanha, 1978. **Produção:** Elias Querejeta P.C. **Distribuição:** Omega Filmes. **Produtor:** Elias Querejeta. **Direção, roteiro, argumento:** Carlos Saura. **Fotografia:** Teo Escamilla. **Decorações:** Atonio Belizon. **Ambientadora:** Maika Marin. **Guarda Roupas:** Angelines Castro. **Montagem:** Pablo G. del Amo. **Ajudante:** Juan I. San Mateo. **Auxiliar:** Raul Casado. Em Eastmancolor. **Elenco:** Geraldine Chaplin, José Luis Gomes, Xabier Elorriaga, André Falcon, Lola Cardona, Manoel Guitian, Carmen Maura e o "Grupo de Actores del E.C.T".

144

Depois que com *Elisa, vida minha* Saura, Geraldine Chaplin e o produtor Elias Querejeta nos apresentaram o melhor filme dos últimos vinte anos, que mais poderíamos exigir-lhes? Depois da morte de Franco, o cineasta disse que com ela perdia sua motivação para fazer filmes, mas "Elisa" foi o maior desmentido às suas preocupações. Com este *Los ojos vendados* ele envereda pelo cinema diretamente político e faz um filme sobre a tortura na América Latina, como a vêm os europeus por meio de filtragens as mais diversas. Mas Saura não é um oportunista como Costa Gravas e a fita nada tem do "chanchadismo" de Z ou da demagogia de *Estado de sítio*. Mas tem muito a ver com o cineasta da maravilhosa trilogia antes citada e com o que foi *Llanto para um bandido (O pistoleiro sem lei e sem alma)* e com o que devem ser *Los golfos*, *La caza*, *Peppsermint*

Frappé, Stress, es tres, Tres, La madriguera, El jardim de las delicias, Mamã cumple cien anos, Deprisa, deprisa e Bodas de sangre, isto é com filmes do mais alto nível criador e da mais sincera e devotada indagação humana. Um trabalho em que o cinemático e a emoção fundamentam o político, o contestador e no qual o conteúdo é inerente à forma e com um final surpreendente e de um impacto a toda prova, dentro de suas finalidades. E que nos devolve um grande diretor, uma atriz e um produtor que são os maiores, talvez os expoentes máximos de suas especialidades em nosso tempo. Absolutamente obrigatório para todos aqueles que vêm no cinema uma arte obrigatória.

A terra prometida

31 de janeiro de 1982

("Złemia Oblecana") - Polônia, 1975, 178 minutos. **Produção:** Unidade de Produção X / Film Polski. **Distribuição:** Caribe Comunicações. **Executivas:** Barbara Pec-Slesicka, Janina Krassowska. **Direção, roteiro:** Andrzej Wajda. Da novela de Wladyslaw Stanislaw Beymont. **Fotografia:** Witold Sobocinski, Edward Klosinski, Wacław Dybowiski. **Cenografia:** Tadeusz Kosarewicz, Maciej Putowsky. **Figurinos:** Tadeusz Kosarewicz. **Montagem:** Alina Prigar, Zofia Dwoenicka. **Música:** Wojciech Kilar. Em Eastmancolor. **Elenco:** Daniel Olbrychski, Włodzisław Pszoniak, Andrzej Seweryn, Anna Nehrebecka, Tadeusz Białoszczyński, Franciszek Pieczka, Bożena Dykiel, Danuta Wodyńska, Marian Glinka, Andrzej Szalawski, Jadwiga Andrzejewska, Kalina Jedrusik, Jerzy Nowak, Stanisław Igar, Kazimierz Opalinski, Andrzej Lapicki.

146

Depois do reavivamento do interesse pelo cinema polonês com *Homens em luta*, de Kazimierz Kutz e com *Homem de mármore* (ainda em exibição no MASP) e *O maestro*, ambos de Andrzej Wajda, com os recentes acontecimentos e demonstrações de consciência política e heroísmo no país, com a prisão de Wajda e os percalços sofridos por seu filme *O homem de ferro*, é mais do que natural o atrativo que bafeja este novo lançamento da Caribe. Realizado em 1975, sua história gira em torno de três jovens: um alemão, um judeu e um polonês. E "como somente este último é retratado como um indivíduo antipático, cruel e ambicioso, tudo isso em meio à feroz luta que se travava entre os capitalistas da indústria têxtil de

Lodz em fins do século XIX, o filme foi acusado por alguns críticos de lá como pró-semita. Já entre os ocidentais houve quem acusasse Wajda de anti-semitismo devido ao quadro realista e às vezes caricatural que ele faz da minoria judaica daquela cidade à época". E o mesmo Wajda, que à ocasião de *Cinzas e diamantes* fora tão por demais louvado pela euforia ingênua de uma utópica frente única democrática (inclusive e, sobretudo, com o stalinismo), em dado momento passa a sofrer outros questionamentos. Estes agora motivados por experiências na própria carne e na própria desmemoriada, desavisada e errada perspectiva da eufêmica consciência ou opinião pública internacional (o mesmo sucedeu com a tola euforia ante a queda da confessa e antiquada ditadura cubana de Batista quando da ascensão da outra, muito mais perigosa porque paranóica e mistificadora, de Fidel Castro). Mas o fato é que todos os filmes poloneses em questão não deixaram de ser tão premonitórios (talvez porque tão bem fundamentados) sobre o que hoje acontece na terra de João Paulo II e Wale-sa. Algo assim co a antevisão feita pelo próprio epicurista, gozador e ególatra Fellini no tocante à atual decadência da cultura greco-romana com *La dolce vita*, *Satyricon* e *La città delle donne*. De qualquer maneira, um filme e uma análise obrigatórios.

E o vento levou...

07 de fevereiro de 1982

("Gone with the wind") - Estados Unidos, dezembro de 1939, 228 minutos. **Produção:** Selznick International - Metro Goldwin Mayer.

Distribuição atual: C.I.C. **Produtor:** David O'Selznick. **Direção:** Victor Flaming (assinada), Sam Wood, George Cukor. **Roteiro:** Sidney Howard. So romance de Margareth Mitchell. **Fotografia:** Ernest Haller. **Desenho de produção:** Willian Cameron Menzies. **Direção artística:** Lyle Wheeler. **Decorações:** Edward G. Boule. **Vestúário:** Walter Plunkett. **Música:** Max Steinner. Em Technicolor. **Elenco:** Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard, Olivia de Havilland, Thomas Mitchell, Barbara O'Neil, Evelyn Keyes, Ann Rutherford, Laura Hope Crews, Eddie Anderson, Harry Davenport, George Reeves, Fred Crane, Hattle McDaniel, Butterfly MacQueen, Victor Jory, Ona Munson, Howard Hichman, Alicia Rhett, J. Carrol Nash, Rand Brooks, Oscar Polk.

148

Pela décima vez volta esta fita, a mais famosa (comercialmente falando) da história do cinema e uma das maiores campeãs de bilheteria até hoje. Versão do também famoso romance "best seller" de Margareth Mitchell, com sua ação passada ao tempo da Guerra de Secessão, a fita tem em Scarlett O'Hara uma consequência de tantas personagens femininas que marcaram na literatura anglo-saxônica. E encontrou em Vivien Leigh uma intérprete ideal, ainda que o filme, em excesso endereçado ao grande público, tenha tornado por demais sumário o que havia de melhor no romance e revestiu-se de um "mood"

bem menos sério do que devia. Começando por George Cukor (despedido por influência de Clark Gable, que dizia que “ele dava mais ênfase às atrizes do que à ação”) foi continuado por Sam Wood (dez semanas) e terminado por Fleming (nove). Mas afora a sequência da ascensão vertical da câmera na estação ferroviária coalhada de mortos e feridos e um ou outro achado plástico de Willian Cameron Menzies, o que a fita tem é Vivien, Vivien, sempre Vivien, ainda depois ela tenha dado bem maiores demonstrações do seu talento. Aqui foi originalmente lançado em setembro de 1940 (no primitivo e ótimo Cine Metro) e, depois, reprisado nos Cines Alhambra (dezembro de 42), maio de 44 e 50 (Metro), dezembro de 57 (antigo Jussara, depois Bruni e hoje Dom José), janeiro de 60 (Regina), junho de 67 (Scala), janeiro de 72 (República) e maio de 76 (Comodoro).

O shogun assassino

14 de fevereiro de 1982

("Sanada Yukimura No Boryaku") - Japão, setembro de 1979, 148 minutos. **Produção:** Toei. **Distribuição:** Empresa Niterói. **Produtor:** Goro Kusakabe. **Direção:** Sadao Nakajima. **Fotografia:** Shigeru Akatsuka. **Iluminação:** Akira Masaru. **Direção de arte:** Tokudo Igawa. **Musica:** Masaru Sato. Em TeleScope e Eastamancolor. **Elenco:** Hiroki Matsukata, Kinnosuke Yorozuya, Teruhiko Ahoi, Kensaku Morita, Yoko Akino, Ichiro Ogura, Tatsuo Umemiya, Tetsuro Tamba, Mieko Takamine.

150

Os episódios épicos da celebrada batalha de Sekigahara nos quais os clãs dos Toyotomi e dos Tokugawa se defrontaram pela conquista da supremacia no Japão feudal, bem como as incríveis peripécias e artimanhas dos mágicos de Sanada (legendas responsáveis por todo o fantástico e inusitado marcial com que, só ha poucos anos os "soja westerns" de Hong Kong conquistaram sua fatia de bilheteria no mercado mundial), voltam ao cinema nipônico em mais esta recente produção da Toei. O diretor é Sadao Nakajima (*As cinco mágicas*), o pioneiro do verdadeiro e requintado erotismo no cinema mundial. No elenco também intérpretes de vulto, como jovem Hiroki Matsukata, herdeiro da tradição demoníaca de seu pai, o desaparecido Jushiro Konoe, mais Tatsuo Umemiya, o também impressionante Tetsuro Tamba e a veteraníssima e patética Mieko Takamine. O diabo é que, em matéria daqueles deslumbrantes

requintes de reconstituição de época, ambientes, usos, costumes e roupagens, os atuais estúdios japoneses atravessam uma fase de desaprendizado. Contudo, esperemos que, por Nakajima, pelas possibilidades do “*background*”, pelos melhores intérpretes e pela inspiração ainda não perdida, do grande músico Masaru Sato, o filme ainda contenha valores.

Amor, palavra prostituta

28 de fevereiro de 1982

Nacional (São Paulo), 29 de março de 1982, 92 minutos. **Produção:** Iris P.C. Ltda. / Cláudio Cunha, Cinema e Arte / Brasil Internacional Cinematográfica / Titanus. **Distribuição:** Brasil Internacional Cinematográfica. Executivo, Montagem: Eder Mazini. **Direção, fotografia, câmera:** Carlos Reichenbach. **Roteiro, argumento:** Inácio Araujo, Carlos Reichenbach. **Cenografia, assistência de direção:** Iácio Araújo. **Música:** excertos de César Franck. Em Eastmancolor. **Elenco:** Orlando Parolini, Patricia Scalvi, Roberto Miranda, Alvamar Taddei, Zaira Bueno, Rita Hadich, Wilson Sampson, Vânia Buchioni, Maurice Legear, Luis Castellini, Isa Kopelman, Gilson Motta, Eder Mazini, Lygia Reichenbach, Elizabeth Sardelli, Michel Cohen, Eduardo Santos, e como atores convidados, Benjamin Cattan, Liana Duval.

152

O cinema de Carlão Reichenbach, num filme que ele e seus colaboradores - Inácio Araújo, Eder Mazzini, Cláudio Cunha, o distribuidor e co-produtor da Brasil Internacional Cinematográfica Alfredo Cohen, e parece que também o diretor Jean Garret - quiseram tão diferente, que procuraram e propalaram bases e ilações no pensamento de Soren Kierkegaard. Isso tudo para contar a história num meio operário de causar espécie e narrar um caso de um bitolamento e egoísmo. De certo modo, nada de espantar, pois a maioria das fitas e a maioria das histórias é sobre os jogos da insensibilidade do mais forte ou mais ambicioso e "pragmático" sobre o sonhador, o boa fé, o desprevenido, o que tem a "divina loucura". A censura porém, não apreciou muito o enfoque

“não habitual” de Carlão, e foi igualmente insensível aos seus acertos, quanto ao corte de ouro suas enquadrações, sua sem rebuços direção de atores, sua movimentação, ritmo interior e e poder de sucessão e imagens. E o filme, anterior a *O palácio proibido*, só foi liberado agora, e parece que não intacto. Patricia Scalvi é a operária que estranhamente mantém um nefelibata com a catadura rasputinesca de Orlando Parolini. mas este apesar da catadura a Eduardo Ciannelli & velho Lionel Stander e da cabeleira “hippie”, tem um lado bom, tão bom que até fez com que Carlão, naquela cena final da compreensão mútua entre Parollini e obrigatoriamente abortiva Alvamar Taddei, lembra em algo o do entendimento e aceitação final entre Monica Vitti e Gabriele Ferzetti no antonionesco *A aventura*. Quanto a Roberto Miranda, que até então era apenas um ator de profissionalismo para as emergências da “Boca”, aqui marcou um tento: seu papel de empregado “caxias”, de carreirista, de macho medíocre, de intelecto, deu-lhe uma linha, uma compostura inesperadas que o transformaram agora num intérprete de personalidade. E Patrícia Scalvi é a Margaret O’Brien crescida (no bom sentido), é a Shioban Mac Kenna, e a irlandesa ou escovesa convicção à Susan Hayward de sempre, mas continua precisando de um filme e um papel à sua medida e só para ela.

O olho mágico do amor

07 de março de 1982

Nacional (São Paulo), 8 de março de 1982, 85 minutos. **Produção:** Olympus Filmes. **Distribuição:** Ouro Nacional. **Produtor:** Adone Fragano. **Executivo:** Feliz Aidar. **Direção, roteiro, argumento:** José Antonio Garcia, Ícaro Martins. **Fotografia, câmera:** Antonio Meliande. **Direção de arte:** Cristina Mutarelli. **Montagem:** Jair Garcia Duarte. **Assistente:** Wanderley Klein. **Musica original:** Luis Lopes. Em Eastmancolor. **Elenco:** Tânia Alves, Carla Camurati, Sérgio Mamberti, Ênio Gonçalves, Cida Moreira, Tito Alencastro, Ismael Ivo, Luis Roberto Galizia, José Antonio Garcia, Leonor Lambertini, Antonio Maschio, Luiz Felipe, Vavá Torres, Eduardo Mutarelli, Ícaro Martins, Giselle Reis, "Sofia Loren", Maria Helena, Maria Duarte Mamberti, Hércules Barbosa, Alaor Santos e participações especiais de Arrigo Barnabé, Jorge Mautner, Nelson Jacobina, Wladimir e Pitta.

154

Inacreditável, inesperado. De onde menos se poderia esperar (ou seja, uma esdrúxula aliança ou conlúio entre a "Boca do Lixo", os "ensinamentos fílmicos" da ECA-USP, do cineclubismo com jactâncias de classe dirigente, aliada ao comercialismo dos lamentáveis "tycoons" locais, que só aceitam, ou mesmo impõem, filmes segundo suas visões preguiçosas, incultas e rotineiras do que fosse as únicas exigências da confluência da avenida São João com a Ipiranga) resultou um filme mágico, que é o que de mais feliz, consistente e artístico o cinema brasileiro produziu nos últimos 30 anos. Sem copiar e sem ser propria-

mente parecido com *Belle de Jour*, de Buñuel, ou com o genial *Dillinger está Morto*, de Marco Ferreri, é realmente uma simbiose ou equivalência, em termos nossos, dessas duas obras-primas do cinema mundial. Produção barata (o produtor Fragano informa-nos ter custado, com cópias e tudo, apenas seis milhões de cruzeiros), é o tipo de filme que se pode fazer quando existem duas coisas, importantíssimas que se chamam talento e circunstâncias favoráveis. Como *Dillinger*, quase não tem história, como *Belle de Jour*, é uma projeção de anseios ou de uma realidade. Mas realidade que, embora não deliberadamente pervertida, é "apenas" observada com um visível cabedal de cultura e de gosto, de cohecimento estético e humano. Sem pretensão descabida ou maldosa, um apanhado dos mais bem logrados, de uma incoercível tendência para a degradação, para a destruição. Tudo em nome do que impera num mudo circundante, sem perspectivas e sem valores que tenham sido transmitidos como dignos de ideal ou preservação. Perfeito em tudo, da concepção à intriga, roteiro e direção, da produção à execução, com interpretação, cenografia, fotografia, música, montagem como nunca vimos amalgamar-se e funcionar tanto em condições brasileiras, um filme único que revela em sua dupla de diretores, Ícaro Martins, José Antonio Garcia, duas figuras que concretizaram

o que parecia impossível: arte cinematográfica num ambiente e num momento terrível como este entre nós. Um filme com ousadia sexual, como se destinado para o Cine Marabá, Art São Paulo, Marrocos ou Windsor, mas para ser degustado no Cine Liberty e para o mesmo público dos Cines Astor, Bristol ou Belas Artes, quando este está no melhor estágio de alcance artístico e de sua auto-estima de espectador culto, sensível e exigente. Obrigatório.

Bodas de sangue

11 de abril de 1982

("Bodas de sangue") – Espanha, 1981, 71 minutos. **Produção:** Emiliano Piedra Productions. **Distribuição:** Artenova S. (Serrador). **Produtor:** Emiliano Piedra. **Associada:** Elsa Sierra. **Direção, diálogos:** Carlos Saura. **Adaptação do Ballet:** Alfredo Mañas. Da peça de Ferico Garcia Lorca. **Fotografia:** Teo Escamilla. **Direção de arte:** Rafael Palmero. **Coreografia:** Antonio Gades. **Vestuário:** Francisco Nieva. Montagem: Pablo Del Amo. **Associada:** Josefa Ferrer. **Música:** Emilio de Diego. Pasodoble "Sombrero", cantado por Pepe Blanco. "Nana" cantada por Marisol. **Títulos:** Story Film / Pablo Nunez. Em Eastmancolor. **Elenco:** Antonio Gades, Cristina Hoyos, Juan El Gulto, Lario Diaz, Enrique Esteve, Elvira Andres, Azucena Flores, Cristina Gombau, Marisa Neila, Antonio Quintana, Quico Franco, Candy Roman. **Cantadores:** Jose Mercê, Gómez de Jerez. **Guitarristas:** Emilio de Diego, Antonio Solera.

157

Que poderemos exigir mais da Espanha? Ela transformou Geraldine Chaplin na maior atriz do cinema moderno. Ela criou Carlos Saura. E com um e outro, o melhor filme de todo o cinema atual nos últimos 20 anos: *Elisa, vida mia*. No teatro, também, sem esquecer a coreografia de uma *Medéa* criada por Marilena Ansaldi, ou Marilena interpretando a si mesma em *Isto ou aquilo?*, e sem também descontar a vinda de uma companhia de tragédia grega, foi igualmente da terra espanhola que nos chegou o melhor espetáculo teatral de que nos lembramos no prazo igualmente dilatado: *Los Palos*, pelo

conjunto *La cuadra* de Sevilha. Pois Saura aqui está, de novo e com sua mais recente e provável demonstração de excepcionalidade. Com esta transposição fílmica da tragédia de Garcia Lorca, coreografada e também interpretada por Antonio Gades, um bailarino na maravilhosa tradição telúrica espanhola de corpo com ânsia de vôo e pés sensual e tragicamente imantados à terra. Gades, um bailarino da estirpe de Antonio, de José Greco (aliás, nascido na Itália), do mexicano José Limon, todos pura Espanha. Posterior a *Deprisa, deprisa* (80), *Mama cumple cien años* (79), *La prima Angélica* (73), *El jardim de las delicias* (79), *La madriguera* (69), *Stress es tres, tres* (68), *Peppermint frappe* (67), *La caza* (65), *Los golfos* (59), todos ainda inéditos entre nós (e aqui fica a distribuidora Serrador/Cobra Filmes uma lista de ouro das "iniciações" que nos pediu para futuras importações). "Bodas de sangue" tem tudo para se constituir num dos maiores magnetismos da atual temporada fílmica. A Mãe que estranha o Noivo carregar uma faca no dia do casamento. A Mulher do Outro, que, também já vestida para a cerimônia, espera a chegada do marido, que depois surge, sombrio e misterioso. Ele pensa, evoca. E aparece a Noiva, que também se veste. Assim começa Saura, provando que igualmente tem gênio para o musical de vanguarda, o musical a altura do que se poderia esperar dele, de

Herzog ou de Ferreri (a trindade suprema do cinema atual). E apresenta a tragédia de Lorca, a dança de Gades e seu conjunto, começando com a chegada dos dançarinos ao estúdio do mestre e se preparando para o último ensaio. Este, então, vai aos poucos se transformando na dança. E a dança é o drama, é a possessão, é a magnitude do motivo do diretor e dos intérpretes, da música e do ritmo, ímpares, magistralmente captados e transformados em tragédia e emoção pela entrega louca do "flamenco". Tudo por meio da variedade de estilos que esse bailado torna possível e pelos movimentos e cores obtidos pela câmera e pela iluminação de Teo Escamilla, o fotógrafo preferido do diretor, o mesmo que em *Elisa, vida mia* transformava uma estreita janela de corredor ou cozinha de uma cabana no ensolarado campo espanhol, em paisagem tão interiorizadora, tão ensimesmante quanto a de um "fiord" nórdico. Um filme para sentir, um filme para arrebatrar. Um filme de Saura.

Filhos e amantes

11 de abril de 1982

Nacional (São Paulo), 15 de março de 1982. **Produção:** Produções Cinematográficas Galante e/ou Ouro Nacional / Art Filmes. **Distribuição:** Ouro Nacional. **Produtor:** Antonio Polo Galante. **Direção, roteiro, argumento:** Francisco Ramalho Jr. **Fotografia, câmera:** Antonio Luis Mendes. Cenografia, figurinos: Miqui Stedie. Assistente de Cenografia: Débora Zilber. **Montagem:** Mauro Alice. **Música:** Rogério Duprat. Em Eastmancolor. **Elenco:** Denise Dumont, Nicole Puzzi, André De Biase, Lúcia Veríssimo, Hugo Della Santa, Rosina de Malbouisson, Ronaldo Costa, Silvana Rés, Petê, participações de Walmor Chagas, René de Vielmond.

160

Nos rígidos moldes criados pela *“eternelle mau-vaise vague”* da rua do Triunfo e da bilheteria dominada pelo quadrilátero entre os Cines Marabá e Ipiranga, Ouro e Art São Paulo ou Marrocos, é realmente de surpreender o capricho visual, o bom acabamento técnico e a determinada ambição ou conformação temática deste novo filme de Francisco Ramalho Jr, do Rio, embora a competência de Cláudio Portioli e Antonio Meliande ou mesmo do falecido Edward Freund ou do ainda insuspeitado Antonio Moreiras pudessem perfeitamente enquadrar-se em propósitos mais empenhados, o diretor de *Anuska, manequim e mulher*, de um episódio de *Sabendo usar, não vai faltar*, *À flor da pele*, *O cortiço* ou *Paula, a história de uma subversiva*, conseguiu “importar” o Antonio Luis Mendes que muito

brilhou e até aqui em São Paulo foi laureado pela APCA por seu quase “germânico” trabalho em *Crônica de um industrial*, de Luis Rosemberg Filho. Para a música, também Ramalho obteve os serviços de especiais (um comentário especialmente composto) de Rogério Duprat, e não tinha uma improvisada sonoplastia à base de discos. Na cenografia e figurinos, uma síntese e apuro modernos com Miqui Stedie e Deborah Zilber. Na montagem, as exigências e a miticulosidade do bissexto veterano Mauro Alice. Ramalho conseguiu já elevar o filme pelo hábil e “lawrenciano” título e também pela correção dos letreiros de apresentação. E, para o elenco, alguns atores do “staff” guanabarino de Antonio Calmon, como André de Biase, Hugo Della Santa, e atrizes tornadas “bem” por Khouri: Denise Dumont, Nicole Puzzi, Lúcia Veríssimo, Rosina Malbouisson, René de Vielmond. Além do veterano ator teatral Walmor Chagas e da estreante Silvana Réa, de florentina beleza. Ramalho igualmente preocupou-se com uma mensagem sobre os problemas de determinada juventude que, muitas vezes, não poderia bem tê-los, ou então não ser tão jovem. (...)“Noia”, talvez já não mais antonesca, os desencontros e remorsos acarretados pelo aborto – mas não como em *O grande pecado* ou *A noite de Valpurgis (Valborgsmassafton)*, o consistente filme de Ingmar Bergman, Victor

Sjostrom e Lars Hanson interpretaram na Suécia em 1935 – os tóxicos, as facilidades de uma classe social e uma modernidade permissiva estão em pauta. Mas faltarão, talvez, o “*profondement germanique*” de que falava Charensol, o telúrico que sobra nos espanhóis, de Lorca a Saura, passando por Antonio Gades, faltam os cumes de paixão e a repressão puritana anglo-saxônicos que vão de Emily Bronte a Willian Wyler, a fúria grega de Cacoyannis a Khondouros, o verismo, o polêmico e a poesia que redimiram o italiano Rosi em *Três irmãos*? Ou, para ficarmos por aqui mesmo, a explosão multifacetada e incrível de José Antonio Garcia (que há poucos dias sofreu lamentavelmente um acidente, do qual o nosso cinema precisa que se recupere) e Ícaro Martins nesse insólito *O olho mágico do amor*?

Crônica do amor louco

25 de abril de 1982

(“Cronaca dello Amore Pazzo” / “Contes de la Folie Ordinaire”) – Itália, 1981, 108 minutos. **Produção:** June 23 Cinematográfica.

Distribuição: Gaumont do Brasil. **Produtores:** Sérgio Gobbi, Jean-Pierre Lemoine, Jacqueline Ferreri. **Direção:** Marco Ferreri.

Diálogos: Marco Ferreri, Sérgio Amidei, Antony Foutz. **Argumento:** Sérgio Amidei, Marco Ferreri. Inspirado no romance *Tales of Ordinary Madness*, de Charles Bukowski. **Fotografia:** Tonino Delli Colli. **Vestuários:** Nicoleta Ecole. **Montagem:** Ruggero Mastroianni.

Música: Philippe Sarde. **Colorido:** Bem Gazarra, Ornella Muti, Susan Tyrrel, Tania Lopert, Roy Brocksmith.

Assim está certo. Depois de *O homem de ferro*, de Wajda, e de *Bodas de sangue*, de Saura, um filme de Ferreri, aliás, o mais recente dirigido por este cineasta que – mais uma vez, repetimos – juntamente com Herzog e Saura, formam a trindade suprema de todo o cinema atual. E Ferreri estará terça e quarta no Brasil para promover o filme, mas – falha imperdoável – fica só no Rio e não virá ao reduto natural, que seria São Paulo. Deste extraordinário diretor, o mesmo que um simples e corriqueiro ponto de partida extrai símbolos dos mais percucientes, incômodos e excepcionais sobre a inviabilidade e os impasses do homem moderno e sua civilização, temos ainda várias prováveis obras-primas que aqui ainda estão absurdamente inéditas: *L’Haren*, *Non Tocare La Donna Bianca*, *Il Sene Dell’Uomo*, *L’Última*

Donna, Chiedo Asilo, Ciao Maschio. Mas basta a lembrança dos excepcionais *L'Uomo Del Cincque Palloni* e de *Dillinger e Morto* (a concretização formal e conteudística absoluta com que sonha todo verdadeiro cineasta) para situa-lo entre os criadores máximos do cinema. Aqui ele utilizou um romance do teuto-americano Bukowski, que gira em torno de um escritor, misto de Hemmingway, Henry Miller, Elliot, Paul ou Kerouac, preso entre sua loucura, seu desregramento, sua consciência criadora e crítica e sua condição de homem, ao mesmo tempo lúcido e perplexo, generoso e egoísta, canalha e desencantado. Bem Gazzara vive o papel e a seu lado a beleza napolitano-estoniana de Ornella Muti. Talvez estranhável a ausência de Rafael Azcona, o roteirista que melhor combina com Ferreri, mas, mesmo assim só podemos esperar o máximo deste filme.

A laranja mecânica

15 de agosto de 1982

("A clockwork orange") – Inglaterra, janeiro de 1972, 136 minutos.

Produção: Warner Bros. / Polaris Productions. **Distribuição:** Warner Bros. **Produtor, diretor, roteirista:** Stanley Kubrick. Da novela de Anthony Burgess. **Fotografia:** John Alcott. **Desenhos de produção:** John Barry. Direção de arte: Russell Hagg, Peter Shields. Quadros e esculturas especiais: Herman Makkink, Cornelius Makkink, Liz Moore, Christiane Kubrick. **Vestuário:** Milens Canonero. **Montagem:** Bill Buttler. **Música eletrônica:** Walter Carlos. Colorido. **Elenco:** Malcom McDowell, Patrick Magee, Michael Bates, Warren Clarke, James Marcus, Michael Tarn, Adrienne Corri, Paul Farrell, Miriam Karlin, Aubrey Morris, Sheila Raynor, Philip Stone, Anthony Sharp, John Clive, Gillian Hills.

A rigor não poderíamos considera-lo bem reprise, pois (depois de um provinciano e ridículo impasse de oito anos com a nossa incoerente censura) aqui acabou sendo lançado a 4 de setembro de 1978, no circuito Ipiranga 2, Metrópole, Belas Artes – Villa Lobos e Top Cine. Mas lançado com aquela "genial" invenção dos nossos Catões em mandar cobrir com tremelicantes bolinhas certas partes da nudez dos personagens. Já foi reexibido depois com falso anúncio que vinha em versão não desfigurada, mas parece – esperemos! – que isso realmente tenha ocorrido agora. Já está às portas de 1984. O mundo não enlouqueceu literal ou fisicamente como Orwell o descreveu em sua apocalíptica parábola. Mas, em essência,

até a superou. E o mesmo poderá ser dito desta antevisão terrorífica de Burgess (é fácilmo desencadear os demônios potenciais da espécie humana, e a falsa noção de progresso e certas “amplitudes” fez esse serviço às maravilhas). O diabo é que Kubrick, sempre dado mais às anomalias do que ao devido escalpo, dá a impressão que ficou comprazendo-se com os horrores com que fraternalmente “nesta história mimoseiam-se torturados, torturadores, exibicionistas e pseudomoralistas” e “inocentes”. Procuremos rever o filme, aproveitando o atual distanciamento entre a onda “programada”, quando de sua realização e estes 12 anos que se passaram.

O segredo da múmia

17 de outubro de 1982

Nacional (Rio), 21 de outubro de 1982, 85 minutos. **Produção:** Super-8 / Mapa / Embrafilme. **Distribuição:** Embrafilmes. **Produtor executivo:** Zelito Viana. **Direção:** Ivan Cardoso. **Roteiro, diálogos:** R. F. Lucchetti. **Argumento:** Eduardo Viveiros, Ivan Cardoso. **Fotografia:** Renato Laclette, César Elias, João Carlos Horta. **Direção de Arte:** Oscar Ramos. **Montagem:** Ricardo Miranda, Cris Altan, Gilberto Santeiro. **Trilha musical:** Júlio Medaglia, Gilberto Santeiro. **Efeitos especiais:** Sérgio Farjala. **Colorido:** Elenco: Wilson Grey, Anselmo Vasconcelos, Tania Boscoli, Clarice Piovesan, Regina Case, Evandro Mesquita, Júlio Medaglia, Maria Zilda, Nina de Pádua, Cole, Cláudio Marzo, Rubem Barra, Carlos Wilson, Dora Pellegrino, Silvana Rodriguez, Carina Cooper, Sandro Solviatti Siqueira, Leovigildo Cordeiro, Hélio Oiticica, Jane Silk, participações especiais de José Mojica, Jardel Filho, Paulo César Pereio, Joel Barcellos e apresentando Felipe Falcão.

Nenhuma novidade, pois Polanski em *A dança dos vampiros*, nada mais fez senão literalmente reescrever a trama original do *Nosferatu* de Murnau e do *Drácula* de Browning / Lugosi, com chave cômica. Mas, de certo modo, excelente surpresa, pelo senso de bom cinema, de real visualização e de ótima habilidade de improvisação, a desafiar percalços interrupções e falta de dinheiro e recursos, revelados em seu diretor Ivan Cardoso. Até o terço inicial. Visto que, depois, o fato de só juntar personagens temas de vários clássicos americanos de horror (*A múmia*, de Karloff, e *A ilha das almas selvagens*, de Erie C. Kenton, com Laughton, Lugosi e Katherine Burke, em 32; as várias continuações e "remakes" da *Múmia* original, ou seja, *A mão*

da *múmia*, de Reginald Le Borg, em 44, com a morena Ramsay Ames, o fato de misturar Igor e Felipe Falcão, as personagens de Dwight Frye nos *Drácula* e *Frankenstein* de 31, de Bela Lugosi como o malévolo enforcado-vivo de *O filho de Frankenstein* de 39; os melífluos monstros de Peter Lorre no *Dr Gogol*, de 35, ou do *O homem dos olhos esbugalhados*, de 40) a fita perde a espinha dorsal, a diretriz narrativa e perde sua eficácia como paródia, e declarada, não resulta tão maldosa e anti-hollywoodiana e sim menos infundada e menos tolamente ufanista que certas indesejáveis loas que andou recebendo. O mal não é de Ivan. O mal é de nosso recalcado, mercantil e despreparado ambiente. No elenco, enfeixando alguns papéis de cientista louco de Karloff, Wilson Grey, por seu estar parodiando e por suas antes insuspeitadas qualidades de imitador, consegue ser muitas vezes uma efetiva caricatura do "monstro sagrado do terror". É já a segunda vez que ele se coloca acima dos elogios também dúbios e tão pró-"chanchada", que inúmeras vezes recebeu; a primeira foi no "fuchiqueiro" acompanhante do enterro em *Engraçadinha*. Bom também, lembrando Cecil Thiré, Pedro Stepanenko, Álvaro Aguiar ou Francisco Dantas, é Julio Medaglia. Às vezes feia e sem o carisma egípcio de Ramsay Ames ou de Zita Johann (a princesa *Amanka* da primeira *Múmia*) é Tânia Boscoli, mas, mesmo assim, muito menos inqualificável que Regina Case. De qualquer maneira, um positivo filme nacional.

Armadilha do destino

07 de novembro de 1982

("Cul-de-Sac") – Inglaterra, 1966. 116 minutos. **Produção:** Compton / Tekii Film. **Produtor:** Gene Gutowski. **Direção:** Roman Polanski, Gerald Brach. **Fotografia:** Gilbert Taylor. **Cenografia:** Voytek. **Montagem:** Alastair Macintyre. **Música:** Krzysztof Komeda. **Elenco:** Donald Pleasance, Françoise Doleac, Lionel Stander, Jack MacGowran, Ian Quartier, Geoffrey Sumner, Renee Huston, William Franklyn, Trevor Delaney, Marie Kean, Robert Dorning, Jackie (Jacqueline) Bisset.

Como em Beckett, Ionesco, Pinter ou Durrematt, o reinado do absurdo, o escarmento da condição humana através do mais monstruoso porque sarcástico, porque trivial, porque sem necessidade alguma, porque sem nenhum fundamento na lógica, porque medíocre e cruel e predatório sem razão aparente. Juntamente com *A faca na água*, o melhor filme de Polanski, esta fábula sinistra e pessimista, que nos dá, ainda, a oportunidade de um reencontro com a personalidade invulgar de Françoise Dorleac, a que só não foi substituta de Greta Garbo porque um estúpido e evitável acidente automobilístico interpôs-se entre seu intenso temperamento e a carreira que estava para engendrar em Hollywood. A fita aqui foi originalmente lançada nos cines Rio, Metrôpole e Pigalle entre 8 e 10 de fevereiro de 1969. Uma autêntica obra-prima, como obra-prima o são *Bartleby*, de Maurice Romet, *Índia Song*, de

Marguerite Duras, *Moderato Cantabile*, de Peter Prook, *Quem se lembra de Dolly Bell?*, de Emil Kusturica, há pouco lançado no festival do MASP, *Elisa, vida mia* e *Cria cuervos*, de Saura, *Stroszek*, de Herzog, *Petra von Kant*, de Fassbinder e outras do estilo.

1983

Sem anestesia

16 de janeiro de 1983

("Bez Znieczulenia") - Polônia, 1978, 114 minutos. **Produção:** Zespoly Filmowe Unit X. **Distribuição:** Caribe Comunicações. **Produtora executiva:** Barbara Pec-Slesicka. **Direção:** Andrzej Wajda. **Roteiro:** Agnieszka Holland, Andrzej Wajda, Krzysztof Zaleski. **Fotografia:** Edward Kloski. **Direção de Arte:** Allan Starski, Maia Lubelska-Chrolowska. **Decorações:** Maria Osiecka-Kuminek, Magdalena Dipont. **Vestuário:** Wielawa Starska; Anna Włodarczyk. **Montagem:** Halina Prugar. Associada: Maria Kalicinska. Temas musicais de Jerzy Derff, Wojciech Mylnarski. **Sequências de TV:** Mariusz Walter, Tomasz Debinski, Gabriela Milobedzka, Henryk Babulewicz. Colorido. **Elenco:** Zbigniew Zaspasiewicz, Ewa Dakowska, Andrzej Seweryn, Krystyna Janda, Emilia Krakowska, Roman Wilhelmi, Kazimierz Kaczor, Iga Mayer, Aleksandra Jasienska, Maria Salinger, Stefania Iwnska, Halina Golanka, Jerzy Stuhr, Maria Tereza Wojcik, Danuta Balicka-Satanowicz, Jolanta Kozak-Sutowicz, Zygmunt Kestowicz.

171

Pelo jeito, infiltrada e mediocrizada como está a opinião da "inteligentzia" ocidental, para redimir o mundo do soturno fenômeno do stalinismo, só poderemos mesmo esperar que a necessária reflexão e lucidez nos venha do próprio feudo espezinado e sofrido (na carne) da Cortina de Ferro. Já vimos que sem uma opinião pública imparcial e corajosa seriam impossíveis a resistência do Afeganistão e da Polônia. Claro que sem a determinação e o maravilhoso espírito nacional

dos partidários de Lech Walesa, e talvez também sem a aparição de João Paulo II, tudo isso não seria possível. Mas, também não havendo as falhas da afetação pró-Vietnã, não havendo o tipo de oportunismo ou petulância, como os Jane Fonda, do "café society" pseudo-solidariedade mundial, quem sabe conseguiriam turvar menos as águas da brutalidade política internacional. E este filme de Wajda é, novamente, mais um tijolo em favor desse edifício esclarecedor. A história, muito na linha das últimas obras que aqui tivemos do cineasta (*O Homem de mármore*, *O homem de ferro*, *A terra prometida*, *O maestro*), é surpreendentemente parecida com a de outro grande filme político que nos chegou da Cortina, aquele igualmente maravilhoso *O jornalista*, que os iuguslavos aqui exibiram em seu festival em fins de 1981. A ver, obrigatoriamente.

Fitzcarraldo

16 de janeiro de 1983

("Fitzcarraldo") - Alemanha, 1982, 158 minutos. **Produção:** Werner Herzog Gilmproduktion / Pro-ject Filmproduktion / Zweites Deutsche Fernsehen. Em associação com Wildlife Filmes (Peru).

Distribuição: Gaumont do Brasil. **Produtores:** Werner Herzog, Lucki Stipetic. **Direção, roteiro:** Werner Herzog. **Fotografia:** Thomas Mauch. **Segunda Unidade:** Rainer Klausmann. **Direção de Arte:** Henning con Gierke, Ulrich Bergfelder. **Vestuário:** Gisela Storch.

Montagem: Beate Mainka-Jellinghaus. Sequência da Ópera de Manaus dirigida por Werner Schoroeter. **Música:** Popol Vuh e extra-excertos de "Ernani", "Rigoletto" (Verdi), "I Pagliaci" (Leoncavallo), "L'Africana" (Meyerbeer), "Manon" (Massenet), "La Boheme" (Puccini) e "I Puritani" (Bellini), cantados por Enrico Caruso. Colorido. **Elenco:** Klaus Kinski, Claudia Cardinale, José Lewgoy, Michel Angel Fuentes, Paul Hittscher, Huerequeueque Enrique Borhorquez, Grande Otelo, Peter Berling, David Campo Perez Espinosa, Milton Nascimento, Rui Polanah, Salvador Goldinez, Dieter Miltz, Bill Rose, Leoncio Bueno, Miguel Camaiteri Fernandez, Nicolas Camaiteri Fernandez, Pascual Camaiteri Fernandez.

173

Que Werner Herzog é um dos gênios do cinema atual, é fato que não pode ser posto mais em dúvida. Se não fosse a sua famosa trilogia com *Aguirre*, *Kaspar Hauser*, *Nosferatu*, que já lhe deu um denominador comum ímpar no cinema contemporâneo, para inscrevê-lo definitivamente na História do Cinema, basta a simples lembrança de *Stroszek*. Pois com este *Fitzcarraldo* o cineasta volta à sua obsessiva indagação sobre a loucura do poder. Talvez ele esteja insistindo um pouco

nos resultados de *Aguirre*, mas mesmo assim ainda é o contraditório, intrigante, envolvido e envolvente, fascinante cineasta Herzog. Outro filme para ninguém perder, trazendo a revelação de um ator tipicamente alemão como Paul Hittsche, o capitão do navio, uma figura que parece saída das páginas de Herman Melville, Jack London e Ernest Hemmingway e de toda a mais essencial antologia de personagens do cinema expressionista de 1915 até hoje.

Amantes e finanças

23 de janeiro de 1983

("Rollover") - Estados Unidos, dezembro de 1981, 115 minutos.

Produção: IPC Films / Orion. **Distribuição:** Warner Bros. **Produtor:**

Bruce Gilbert. **Associada:** Wendy Lazar. **Executivo:** George Justin.

Direção: Alan J. Pakula. **Roteiro:** David Shaber. **Argumento:**

David Shaber, Howard Kohn, David Weir. **Fotografia:** Giuseppe

Rotunno, Willian Garroni. **Desenhos de produção:** George Jenkins.

Assistente: Jay Moore. **Assistente de direção de arte:** Beeb Salzer.

Decorações: John Goddfrey, Carol Joffe. **Set dresser:** John Gilliat.

Master Scenic Artist: Gene Powell. **Vestuário:** Ann Roth, Michael

Dennison; (feminino) Alba Schipani. **Montagem:** Evan Lottman.

Música: Michael Small. Em Panavision e Technicolor. **Elenco:**

Jane Fonda, Kris Kristofferson, Huma Cronyn, Josef Sommer, Bob

Gunton, Maco McCalman, Ron Frazier, Jodi Long, Crocker Nevin,

Marvin Chatinover, Ira B. Wheeler, Paul Hecht, Norman Snow, Nelly

Hoyos, Landsdale Chatfield, Sally Sockwell, Martha Plimpton, Gaby

Glatzer, Howard Erskine, Michael Forillo, Marilyn Berger.

175

Embora o diretor Alan J. Parkula, depois daquele sensível e bucólico *Os anos verdes* (*The sterile cuckoo*, de 1969) com Lisa Minelli e Wendell Burton, nos mereça toda a admiração, esperamos um bom erro de cálculo para a petulante, oportunista e desonesta Jane Fonda. E tanto mais provável, porque aqui ela cometeu a inadvertência de contracenar com Kris Kristofferson, cantor-ator que, não obstante seu mood hipec, já levou a melhor de estrelas auto-suficientes como Ellen Burstyn (*Alice não mora mais aqui*) ou intragáveis

e pretensiosas como Barbra Streisand (a mais recente versão de *Nasce uma estrela*). Desta vez como em suas inconsistentes “contestações” de *Síndrome da China*, *Amargo regresso* ou o quase “western” com Jason Robards, Jane resolve fazer sua demagogia eleiçoeira e autopromocional com os reis árabes do petróleo.

Aconteceu no fim de Tokugawa

23 de janeiro de 1983

("Eejanai") - Japão, março de 1981, 151 minutos. **Produção, distribuição:** Shochiku. **Produtores:** Shoichi Ozawa, Jiro Tomoda, Shigemi Sugizaki. **Direção, argumento:** Shohei Imamura. **Roteiro:** Shohei Imamura, Ken Miyamoto. **Fotografia:** Masahisa Himeda. **Iluminação:** Yassuo Iwaki. **Direção de Arte:** Akitaka Satani. **Musica:** Shinichiro Ikebe. Em VistaVision e Eastmancolor. **Elenco:** Shigeru Izumidani, Kaori Momoi, Messao Kusekari, Ken Ogata, Norihei Miki, Junzaburo Bsn, Mitsuko Baisho, Shigeru Tsuyuguchi.

Na última fase áurea do cinema japonês o "engagé" e então jovem Shohei Imamura era o rei dos estúdios Nikkatsu, autor entre outras de obras de antologia como *Meu irmão Nianchan*, *Todos porcos*, *A mulher inseto*, *O segredo de uma esposa*. Agressivo, cru, desmistificador e contundente, Imamura fazia jus ao prestígio. Este é o filme que dele nos aparece após a falência de seu estúdio (hoje reativado para a produção "pornô"). Gira em torno de um lavrador que durante um passeio de barco naufraga e, recolhido por um navio americano, acaba ficando seis anos nos EUA. Ao voltar, não encontra a esposa, que durante a época de crise fora vendida pela família (dela) a uma companhia de artistas ambulantes. Acha-a e quer voltar com ela à América, mas a mulher tem tanto medo e se recusa. Ele, então, torna-se um venal, trabalhando para o clã reinante dos Tokugawa (a época é 1866) e, ao mesmo tem-

po, para os inimigos do regime, o que o levará à tragédia final. Terá Imamura voltado aos seus melhores dias? A verificar. A fita costou de nossas “Indicações” de 26 de dezembro, como tendo sido lançada a 25, mas realmente só agora, a 20 deste, é que entrou em cartaz.

Entrevista

Exerceu crítica de cinema em vários jornais paulistas, incluindo *Folha da Tarde* e *O Estado de S. Paulo*. Dirigiu os longas-metragens *Ravina* (1958), *O quarto* (1968) e *A casa das tentações* (1975), além do curta *Mario Gruber* (1966). Foi produtor dos filmes *As armas*, *As galinhas* e *Fora das grades*, todos de Astolfo Araújo, além de *Noites de Iemanjá* de Maurice Capovilla. Participou do movimento de fundação da Cinemateca Brasileira e dirigiu teleteatros na Rede Record.

- O que é cinema para você e porque você resolveu dedicar sua vida a ele?

179

- Ih, eu ando numa fase em que tudo isso me chateia... Eu anotava tudo o que via... Mas perdi uma parte e tenho vontade de jogar fora o que sobrou.

- Mudou o cinema ou mudou você?

- As duas coisas... tive uma doença muito chata e quando voltei o cinema já não era mais aquilo a que eu dava tanta importância. E hoje não tem mais cinema, não é? Será que tem? De vez em quando aparece alguma coisa que dá a impressão de que o cinema ainda está vivo. Aí eu me pergunto se o cinema vai voltar, como é que se interrompeu tudo isso... Naquele estágio tudo

era feito de uma continuidade, descobertas, impressões... E agora, interrompido, não vai voltar mais daquele jeito. Como será que vai voltar? Antigamente, o cinema interessava a todos, era um tema importante de conversa, observavam, viviam, gostavam... Hoje alguém faz isso? A não ser gente interessada por outros motivos, para aparecer, para cavar algum dinheiro... Inclusive há muito tempo o cinema aqui ficou meio de picaretagem, de fazer tráfico político, conseguir posições, e ninguém se incomodou mais com cinema. Até riam de quem (de mim no caso) se interessava por cinema, como se fosse a maior bobagem... E hoje, será que vale a pena se incomodar com alguma coisa? Será que é a época que não presta?... A televisão foi sempre uma inimiga terrível do cinema... Assim como na época do cinemascope, quando muitos bons diretores, obrigados a trabalhar neste sistema, foram julgados como maus diretores... Às vezes o sujeito recebia uma encomenda ruim e a crítica caía em cima, elogiando aqueles que continuavam na maravilha, e desprezando os novos que ninguém havia ainda descoberto... Ninguém sabia reconhecer na hora um valor...

E a juventude?

- Não adianta querer ensinar a juventude. É tudo uma questão de caráter, de índole. Se o caráter

não é bom, como é que a gente vai querer que a pessoa entenda um filme como era aquela média de ética, de razão, de honestidade que... Havia uma ética nos filmes que não sei quem foi que criou – será que foram os judeus donos dos estúdios? A coisa mais hábil do mundo foi criar todas aquelas normas que duraram tanto tempo: não se arriscavam a fazer uma pessoa cuspiendo em cena, não podiam fazer um espectador sequer se sentir mal, e não era bitolamento, não. A gente vê na televisão que quando a pessoa é destrambelhada ela se excede, devido a anormalidades que causam choques... e no cinema todo mundo se mantinha num tom. Será que isso se devia à quantidade de filmes testados junto ao público? O gozado é que as pessoas falavam que era cor-de-rosa, água com açúcar, que queriam realismo – as pessoas mais fora do realismo, mais fora da vergonha na cara, ou da luta por qualquer decência ou fora de qualquer raciocínio, eram as que mais se arvoravam em juízes. Eu me lembro de alguns antigos militantes de esquerda que quando surgiu *Roma, cidade aberta* disseram: “O povo não quer mais esta bobagem, esse pó-de-arroz, o povo quer a verdade!”. Dizer que *Roma, cidade aberta* é a verdade é uma piada. O filme é uma comédia popularesca, que só tinha mesmo de decente a Anna Magnani... Eu sei como o Rossellini fez o filme: parentes próximos me disseram que

ele ficou revoltado vendo um padre ser assassinado e se trancou num porão e resolveu fazer um filme. Veja só, isso lembra a história de Herzog que ficou com raiva e foi trabalhar numa fábrica para arranjar dinheiro para fazer um filme. Imagine, isso em relação ao Brasil, é um paraíso... Sem falar nos loucos que diziam que tinham feito o maior filme do mundo... Incrivelmente caraduras e incrivelmente loucos: como sempre pessoas que tinham as costas quentes junto a poderosos, que também eram uns recalcados que nunca puderam fazer um filme, que era o que mais queriam; nunca tiveram fôlego, nunca tiveram coragem, pois achavam que aquilo era uma coisa fora do mundo, fora do alcance deles também, e aí ficavam atirando uns molequinhos meio terroristas, meio gângsteres, e saíam por aí dizendo "é fulaninho, você não está rico, não 'tá milionário, nem famoso como Pasolini, como Fellini, porque fulano não deixa" e lá o monstrinho saía com a lata de banha debaixo do braço e ia jogar as bombas por aí. Foi uma época bem louca.

- Como você começou o seu arquivo pessoal?

- Eu era muito pobre e anotava as minhas observações num papel de pão. Quando eu pegava o jornal, fui fazendo um arquivo com os filmes de lançamento, pois sempre achei, e continuo achando que, se você tem estatísticas na mão e

dados, você aprende certas coisas. Muita besteira da turma do cinema novo, muita cretinice, muito gangsterismo que eles fizeram. Era a prova de que eram pessoas que, quando começaram a ir a cinema, nem tiveram o trabalho de acompanhar a programação do cinema do bairro. Eu tinha uma memória formidável e quando ouvia alguém dizer que tal nome era desconhecido, eu ficava numa aflição danada porque me lembrava de que já havia lido este nome em algum anúncio, que ele não era inédito no Brasil... Será que eu tinha razão? A imprensa está preocupada com a verdade, com a documentação ou em vender jornal, em promover pessoas? Assim, quando lançaram *Rebecca*, em 1940, todo mundo se surpreendeu com a aparição de uma tal Judith Anderson, mas eu me lembrava de tê-la visto num filme de 1933, *Dinheiro de sangue*, onde ela fazia o papel da mocinha, apesar de cascuda... Por isso é importante fotografar, gravar, documentar. No Brasil ninguém se interessa, ganhei muitos inimigos por querer documentar coisas. E era muito trabalho para uma pessoa. Eu tinha a ilusão de querer fazer num jornal diário uma seção como as das revistas européias. Eu tinha que lutar para publicar uma foto ou para deixar um texto intacto, porque vinha sempre um sabichão que dizia que aquilo não estava bem escrito... O brasileiro odeia a documentação, não tem me-

mória, é por isso que está sempre nessa. Mesmo os colegas críticos têm ódio de documentação. Ódio. Eu chegava a descer até a gráfica para corrigir uma data nas provas...

- E como foi a sua experiência na direção de cinema?

- *Ravina* eu não queria fazer, não era um projeto meu. Eu tinha um projeto na época que teria dado mais certo se fosse feito. Era um projeto de pobreza, meio choraminguento e claro que a esquerda festiva ia delirar. Era sobre o pavilhão dos pobres no Hospital das Clínicas, seis histórias curtas, entrelaçadas, sobre seis mulheres internadas que recebiam visitas: uma menina que tinha queimado a cara numa espiriteira, uma japonesa velha com câncer, uma moça do Brás com leucemia, uma garçonzete espancada por um grupo de marinheiros, uma moça que tinha caído de um terraço no segundo andar quando foi limpar o lustre... Mas apesar de *Ravina* ser uma encomenda eu acabei dominando as bobagens dos autores do projeto, eu me preocupei com o acabamento, com um melhor nível técnico. Eu preferia que o filme fosse dirigido pelo J.B.Tanko, que era o melhor técnico de direção do Brasil ou por Humberto Mauro, que trabalhava com esse lado caipira... Humberto Mauro havia feito *O canto da saudade*, que por sinal ninguém havia dado importância até então, encantados com o sucesso

de *O cangaceiro* do Lima Barreto... Mas eu sempre trabalhei contra os atores dos meus filmes. Mas os atores que eu escolhia sempre trabalharam contra os meus filmes: a Eliane Lage era contra *Ravina*, o Sergio Hingst era contra *O quarto*, Elizabeth Gasper era contra *A casa das tentações*... Nunca tive uma equipe amiga, por isto não gosto da minha experiência de direção.

- Quais são para você os bons momentos do cinema?

- Conforme o grau de montanha que você está subindo, uma hora acha bom, sobe mais um pouco acha ruim, desce mais um pouco acha bom de novo, sobe mais um pouco torna a achar ruim... Há várias perspectivas. Eu acho que o filme tem que vibrar, seja pelo corte, seja pelo entusiasmo, num crescendo, até o desenlace final... O filme que mais me marcou foi *O morro dos ventos uivantes* de William Wyler... um momento tão exacerbado de verdade humana, sem personagens coitadinhos, sem acasos de chuva, de bonde ou qualquer contratempo para impedir o romance, elas faziam exatamente o que queriam, eram personagens determinadas. Para quem estava acostumado ao cinema deste período, levava aquele choque. Mas atualmente o público gosta mesmo é da grossura e da cafajestada, justificadas por meio de intelectualismos. O brasileiro gosta de ver no cinema gente igual a ele, gente matando,

enfiando a faca, tirando sangue. Você não encontra um filão romântico, uma ética... Bergman era considerado um rato branco, eu fui até insultado na rua por ter falado bem dele... Paulo Emílio, que já tinha rido de **O Morro dos Ventos Uivantes**, chegou a escrever contra o Bergman. Que adianta falar que é isto, que é aquilo, se vão rir como sempre? Eles não entendem, as caras são duras e inexpressivas... Até hoje eu me lembro com nojo daquela cena de **Xica da Silva** em que a Zezé Motta prepara um assado, cuspidando e passando sabão para servir para a Elke Maravilha... Que anomalia! E isso vem de uma certa consciência de frustração, de miserabilidade. Não quero mais mexer com isso não. Eu li recentemente uma coisa incrível que o Einstein escreveu, de que a energia vira matéria e a matéria vira energia, então isso explica porque os gases se juntaram, formaram o sistema planetário e depois vai chegar o tempo em que todos os planetas vão explodir e virar gás de novo, depois virar planetas... Quer dizer, quantas vezes a Terra e os planetas já se fizeram e se desmancharam e se tornaram a fazer... E as pessoas pensam em eternidade... Não tem eternidade. Mas, e quando tudo explodir será que vão fazer o cinema de novo?

(Entrevista concedida a Heitor Capuzzo e Rubens Ewald Filho em São Paulo no dia 10 de agosto de 1986. Edição feita por Luiz Nazário e Heitor Capuzzo).

índice

| | |
|---|----|
| Apresentação – Hubert Alquéres | 5 |
| O crítico de vanguarda – José Julio Spiewak | 11 |
| Rubem Biáfora – Carlos M. Motta | 15 |
| 1978 | |
| Aguirre, a cólera dos deuses | 21 |
| O boulevard do crime | 24 |
| Pai, patrão | 26 |
| Um marido contagiante | 29 |
| Chuvas de verão | 31 |
| Se segura, malandro! | 33 |
| Mar de rosas | 35 |
| Cinzas e diamantes | 38 |
| Doramundo | 40 |
| Um dia muito especial | 43 |
| Hakuchi, o idiota | 45 |
| Filhos do deserto | 48 |
| Cria cuervos | 51 |
| 1979 | |
| O esplendor de Hollywood | 53 |
| Tudo bem | 56 |
| As filhas do fogo | 58 |

| | |
|-------------------------------|-----|
| O prisioneiro do sexo | 60 |
| Morangos silvestres | 63 |
| Providence | 65 |
| Ifigênia | 67 |
| A bela da tarde | 69 |
| Interiores | 70 |
| Cerimônia de casamento | 72 |
| A lira do delírio | 74 |
| Os sapatinhos vermelhos | 76 |
| Crueldade mortal | 78 |
| O ovo da serpente | 81 |
| Apocalipse now | 82 |
| 1980 | |
| As festas do coração | 84 |
| Os noivos | 86 |
| Caro Michele | 87 |
| O mágico inesquecível | 88 |
| Norma Rae | 90 |
| Dillinger está morto | 92 |
| Revólver de brinquedo | 94 |
| Bye bye Brasil | 96 |
| A noite | 98 |
| Gaijin, caminhos da liberdade | 101 |

| | |
|--------------------------------|-----|
| O grito | 103 |
| Sacco e Vanzetti | 105 |
| Stroszek | 106 |
| O encouraçado Potemkin | 108 |
| Don Giovanni | 110 |
| La luna | 112 |
| Cadáveres ilustres | 114 |
| O Amigo Americano | 116 |
| O império dos sentidos | 118 |
| 1981 | |
| Amor à primeira mordida | 120 |
| Bronco Billy | 122 |
| Nazarin | 124 |
| Elisa, minha Vida | 126 |
| Meu Tio da América | 127 |
| Kagemusha, a sombra do samurai | 128 |
| O desconhecido | 130 |
| Da vida das marionetes | 132 |
| Cenas íntimas domésticas | 134 |
| Eros | 136 |
| A intrusa | 139 |
| 1982 | |
| Tiro de misericórdia | 141 |

| | |
|------------------------------|-----|
| Os olhos vendados | 144 |
| A terra prometida | 146 |
| E o vento levou... | 148 |
| O shogun assassino | 150 |
| Amor, palavra prostituta | 152 |
| O olho mágico do amor | 154 |
| Bodas de sangue | 157 |
| Filhos e amantes | 160 |
| Crônica do amor louco | 163 |
| A laranja mecânica | 165 |
| O segredo da múmia | 167 |
| Armadilha do destino | 169 |
| 1983 | |
| Sem anestesia | 171 |
| Fitzcarraldo | 173 |
| Amantes e finanças | 175 |
| Aconteceu no fim de Tokugawa | 177 |
| Entrevista | 179 |

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

Braz Chediak - Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi

e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

Carlos Coimbra - Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach -

O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

Casa de Meninas

Inácio Araújo

Cinema Digital

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Como Fazer um Filme de Amor

José Roberto Torero

Críticas Edmar Pereira - Razão e sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas Jairo Ferreira - Críticas de invenção: os anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamio

Críticas L. G. Miranda Leão

Org. Aurora Miranda Leão

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Djalma Limongi Batista - Livre Pensador

Marcel Nadale

Dois Córregos

Carlos Reichenbach

Fernando Meirelles - Biografia prematura

Maria do Rosario Caetano

Fome de Bola - Cinema e futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Guilherme de Almeida Prado - Um cineasta cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton - O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

Jeferson De - Dogma feijoadá

- o cinema negro brasileiro

Jeferson De

João Batista de Andrade -

Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky - O homem com a câmera

Carlos Alberto Mattos

Narradores de Javé

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

O Caso dos Irmãos Naves

Luiz Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade por Ariane Abdallah e

Newton Cannito

Pedro Jorge de Castro - O calor da tela

Rogério Menezes

Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Viva-Voz - roteiro

Márcio Alemão

Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Zuzu Angel - roteiro

Sergio Rezende e Marcos Bernstein

Série Cinema

Bastidores - Um outro lado do cinema

Elaine Guerini

Série Teatro Brasil

Antenor Pimenta e o Circo Teatro

Danielle Pimenta

***Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -
Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

Samir Yazbek - O teatro de Samir Yazbek

Samir Yazbek

***Críticas Maria Lucia Candeias - Duas tábuas e uma
paixão***

Org. José Simoes de Almeida Júnior

Críticas Clóvis Garcia - A crítica como ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Teatro de Revista em São Paulo

Neyde Veneziano

Série Perfil

Alcides Nogueira - Alma de Cetim

Tuna Dwek

Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Bete Mendes - O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Cleyde Yaconis - Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso - Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Etty Fraser - Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Ilka Soares - A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache - Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

194 **José Dumont - Do Cordel às Telas**

Klecius Henrique

Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maria Adelaide Amaral - A emoção libertária

Tuna Dwek

Miriam Mehler - Sensibilidade e paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart - Tudo Em Família

Elaine Guerrini

Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti - Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José - Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi - Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renata Palottini - Cumprimenta e pede passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Renato Consorte - Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin - Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho - Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza - Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema

Maximo Barro

Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco - A alegria de representar

Alfredo Sternheim

Walderez de Barros - Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Leonardo Villar - Garra e paixão

Nydia Licia

Carla Camurati - Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Zezé Motta - Muito prazer

Rodrigo Murat

Tony Ramos - No tempo da delicadeza

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel - O samba e o fado

Tania Carvalho

Vera Holtz - O gosto da Vera

Analu Ribeiro

Série Crônicas Autobiográficas

Maria Lucia Dahl - O quebra-cabeças

Especial

Cinema da Boca

Alfredo Sternheim

Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca - Uma Celebração

Tania Carvalho

Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

*Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira*

Álvaro Moya

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 200

Tiragem: 1.500

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Biáfora, Rubem

Rubem Biáfora : críticas. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2006.

200p.: – (Coleção aplauso. Série perfil / coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 85-7060-233-2 (Obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-431-9 (Imprensa Oficial)

1. Crítica teatral 2. Teatro - História e crítica I. Ewald Filho, Rubens. II. Título III. Série.

06-0945

CDD-809.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(Lei nº 1.825, de 20/12/1907).

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 Mooca

03103-902 São Paulo SP

T 00 55 11 6099 9800

F 00 55 11 6099 9674

www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

livros@imprensaoficial.com.br

Grande São Paulo SAC 11 6099 9725

Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

editoração, ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

Durante mais de trinta anos, dos anos 50 aos anos 80, com sua coluna semanal no jornal *O Estado de S. Paulo*, **Rubem Biáfora** (1922-96) foi o mais influente e importante crítico de cinema do Brasil. Era também cineasta, roteirista e produtor, mas era nessas indicações que milhares de leitores encontravam suas opiniões muito pessoais, por vezes polêmicas, sobre seus cineastas favoritos, o cinema japonês, Walter Hugo Khouri, Antonioni.

Sem medo de fazer inimigos e remando contra a maré, Biáfora foi um precursor das opiniões dos críticos franceses da *Nouvelle Vague*, valorizando o cinema de autor, Orson Welles, os filmes B americanos, antes que isso entrasse na moda.

Biáfora nunca publicou suas críticas em formato de livro. Esta é uma primeira tentativa de recolher alguns de seus textos, realizada com a ajuda dos amigos **Carlos M. Motta** e **José Júlio Spiewak**. É uma maneira da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, preservar para gerações futuras o estilo e as idéias dessa importante figura de nosso cinema.

ISBN 85-7060-431-9



9 788570 604316